

Papa Francisco



**CATEQUESES SOBRE
AS VIAGENS APOSTÓLICAS**

Índice

Introdução	3
Viagem Apostólica ao Brasil	5
A peregrinação à Terra Santa	9
Viagem Apostólica à Coreia.....	13
Viagem Apostólica à Albânia.....	16
Viagem Apostólica à Turquia	20
Viagem Apostólica ao Sri Lanka e às Filipinas	24
Viagem Apostólica a Cuba, Estados Unidos e ONU	28
Viagem Apostólica à África	33
Viagem Apostólica à Polónia.....	38
Viagem Apostólica à Geórgia e Azerbaijão.....	42
Viagem Apostólica ao Egito.....	45
Viagem Apostólica à Colômbia	49
Viagem Apostólica a Myanmar e Bangladesh	53
Viagem Apostólica ao Chile e ao Peru	57
Viagem Apostólica à Lituânia	62
Viagem Apostólica à Irlanda.....	66
Viagem Apostólica ao Panamá.....	70
Viagem Apostólica aos Emirados Árabes Unidos	74
Viagem Apostólica a Marrocos	77
Viagem Apostólica à Bulgária e Macedônia do Norte.....	81
Viagem Apostólica à Roménia	85
Viagem Apostólica a Moçambique, Madagascar e Maurício.....	88
Viagem Apostólica à Tailândia e Japão	92
Viagem Apostólica ao Iraque	94
A Viagem Apostólica a Budapeste e à Eslováquia	99
Viagem Apostólica a Malta	105
Viagem Apostólica ao Canadá.....	110
Viagem Apostólica ao Cazaquistão	114
A Viagem Apostólica ao Bahrein.....	118
A Viagem Apostólica à República Democrática do Congo e Sudão do Sul	123

Viagem à Hungria	129
Viagem Apostólica a Portugal por ocasião da Jornada Mundial da Juventude	133

Introdução

Neste resumo estão as reflexões das Viagens Apostólicas, ao estrangeiro, realizadas pelo Papa Francisco desde o início do seu pontificado.



Viagem Apostólica ao Brasil

Hoje retomamos o caminho das catequeses depois das férias de agosto, mas primeiro gostaria de vos falar sobre a minha viagem ao Brasil, por ocasião da Jornada Mundial da Juventude. Passou mais de um mês, mas penso que seja importante recordar este evento que, a distância de tempo, permite compreender melhor o seu significado.

Antes de tudo, desejo dar graças ao Senhor, porque foi Ele quem guiou tudo com a sua Providência. Para mim, que venho das Américas, foi um lindo presente! E por isso, agradeço também a Nossa Senhora Aparecida, que acompanhou toda a viagem: realizei a peregrinação ao grande Santuário nacional brasileiro e a sua imagem venerada estava sempre presente no palco da JMJ. Fiquei bastante feliz por isso, porque Nossa Senhora Aparecida é muito importante para a história da Igreja no Brasil, mas também para toda a América Latina; em Aparecida os Bispos latino-americanos e caribenhos viveram uma Assembleia geral, juntamente com o Papa Bento: uma etapa significativa do caminho pastoral naquela parte do mundo onde vive a maior porção da Igreja católica.

Embora já o tenha feito, desejo renovar o agradecimento a todas as Autoridades civis e eclesíásticas, aos voluntários, à segurança, às comunidades paroquiais do Rio de Janeiro e de outras cidades do Brasil, nas quais os peregrinos foram recebidos com grande fraternidade. Com efeito, o acolhimento das famílias brasileiras e das paróquias foi um dos aspetos mais bonitos desta JMJ. Boa gente os brasileiros. Boa gente! Possuem deveras um grande coração. A peregrinação inclui sempre algumas dificuldades, mas o acolhimento ajuda a superá-los e, aliás, transforma-os em ocasião de conhecimento e de amizade. Nascem vínculos que depois permanecem,

sobretudo na oração. Também deste modo a Igreja cresce em todo o mundo, como uma rede de amizades verdadeiras em Jesus Cristo, uma rede que nos prende e ao mesmo tempo nos liberta. Portanto, *acolhimento*: esta é a primeira palavra que emerge da experiência da viagem ao Brasil. Acolhimento!

Outra palavra pode ser *festa*. A JMJ é sempre uma festa, pois quando uma cidade se enche de jovens que circulam pelas ruas com bandeiras de todo o mundo, saudando-se, abraçando-se, é uma festa verdadeira. É um sinal para todos, não só para os crentes. Depois, realiza-se a festa maior, isto é, a da fé, quando juntos louvamos ao Senhor, cantamos, escutamos a Palavra de Deus, permanecemos em silêncio de adoração: tudo isto é o ápice da JMJ, é a finalidade verdadeira desta grande peregrinação, vivida de modo particular na grande Vigília da noite de sábado e na Missa final. Esta é a festa grande, a festa da fé e da fraternidade, que inicia neste mundo e não terá fim. Contudo, isto só é possível juntamente com o Senhor! Sem o amor de Deus não existe festa verdadeira para o homem!

Acolhimento e festa. Mas não pode faltar um terceiro elemento: *missão*. Esta JMJ foi caracterizada por um tema missionário: «Ide, pois, fazeis discípulos entre todas as nações». Ouvimos a palavra de Jesus: é a missão que Ele dá a todos! É o mandato de Cristo Ressuscitado aos seus discípulos: «Ide», saí de vós mesmos, não vos fecheis, levai a luz e o amor do Evangelho a todos, até às periferias extremas da existência! Foi exatamente este o mandato que Jesus confiou aos jovens que enchiam a perder de vista a praia de Copacabana. Um lugar simbólico, nas margens do oceano, que fazia pensar nas margens do lago da Galileia. Sim, porque também hoje o Senhor repete: «Ide...», e acrescenta: «Estarei convosco todos os dias». Isto é fundamental! Só se estivermos *com Cristo* podemos anunciar o Evangelho. Sem Ele nada podemos fazer — foi ele mesmo quem no-lo disse (cf. *Jo* 15, 5). Ao contrário, com Ele, unidos a Ele, podemos fazer muito. Também um rapaz, uma jovem, que aos olhos do mundo

conta pouco ou nada, aos olhos de Deus é um apóstolo do Reino, é uma esperança para Deus! A todos os jovens gostaria de pedir com vigor, mas não tenho certeza se hoje na Praça há jovens: estão presentes jovens na Praça? Há alguns! Gostaria de pedir a todos vós, com vigor: quereis ser uma esperança para Deus? Quereis ser uma esperança? [*Jovens: «Sim!»*]. Quereis ser uma esperança para a Igreja? [*Jovens: «Sim!»*]. Um coração jovem que acolhe o amor de Cristo, transforma-se em esperança para os outros, é uma força imensa! Mas vós, rapazes e moças, todos os jovens, deveis transformar-vos e transformar-vos em esperança! Abrir as portas para um mundo novo de esperança. Esta é a vossa tarefa. Quereis ser esperança para todos nós? [*Jovens: «Sim!»*]. Pensemos no que significa a multidão de jovens que encontraram Cristo ressuscitado no Rio de Janeiro, e mostram o seu amor na vida de todos os dias, vivem-no, comunicam-no. Não acabam nos jornais, porque não cometem atos violentos, não dão escândalo, e por conseguinte, não são notícia. Mas, permanecendo unidos a Jesus, constroem o seu Reino, constroem fraternidade, partilha, realizam obras de misericórdia, são uma força poderosa para tornar o mundo mais justo e bom, para o transformar! Gostaria de perguntar agora aos jovens que estão aqui na Praça: tendes coragem de enfrentar este desafio? [*Jovens: «Sim!»*]. Tendes coragem ou não? Não ouvi bem... [*Jovens: «Sim!»*]. Tendes ânimo para ser esta força de amor e de misericórdia com a coragem de transformar o mundo? [*Jovens: «Sim!»*].

Queridos amigos, a experiência da JMJ recorda-nos a verdadeira grande notícia da história, a Boa Nova, mesmo se não é notícia nos jornais e na televisão: somos amados por Deus, que é nosso Pai e nos enviou o seu Filho Jesus para se fazer próximo de cada um de nós e nos salvar. Enviou Jesus para nos salvar, nos perdoar tudo, porque Ele perdoa sempre: Ele sempre perdoa, porque é bom e misericordioso. Recordai: acolhimento, festa e missão. Três palavras: acolhimento, festa e missão. Que estas palavras não sejam apenas

uma recordação do que aconteceu no Rio, mas tornem-se a alma da nossa vida e das nossas comunidades.

Saudação

Queridos peregrinos de língua portuguesa: sede bem-vindos! Dirijo uma saudação particular aos portugueses de Bougado e aos brasileiros que estão aqui presentes, a quem quero mais uma vez agradecer pelo belo acolhimento que me deram. Verdadeiramente, tenho muitas saudades da minha visita à Aparecida e ao Rio. Peço-vos: sede sempre testemunhas alegres da fé em Jesus Cristo. Que Nossa Senhora Aparecida proteja a cada um de vós. Obrigado!

AUDIÊNCIA GERAL - Praça de São Pedro

Quarta-feira, 4 de setembro de 2013

A peregrinação à Terra Santa

Como sabeis, nos dias passados realizei uma peregrinação à Terra Santa. Foi um grande dom para a Igreja, e por isto dou graças a Deus. Ele guiou-me naquela Terra abençoada, que viu a presença histórica de Jesus e onde se verificaram acontecimentos essenciais para o Judaísmo, o Cristianismo e o Islão. Desejo renovar o meu reconhecido cordial a Sua Beatitude o Patriarca Fouad Twal, aos Bispos dos vários Ritos, aos Sacerdotes e aos Franciscanos da Custódia da Terra Santa. Aqueles Franciscanos são bons! O seu trabalho, aquilo que eles fazem, é muito bom! Dirijo o meu pensamento agradecido também às Autoridades jordanas, israelitas e palestinas, que me receberam com muita cortesia, diria quase com amizade, assim como a todos aqueles que cooperaram para a realização da visita.

A finalidade principal desta peregrinação foi comemorar o cinquentenário do histórico encontro entre o Papa Paulo VI e o Patriarca Atenágoras. Era a primeira vez que um Sucessor de Pedro visitava a Terra Santa: Paulo VI inaugurava assim, durante o Concílio Vaticano II, as viagens dos Papas fora da Itália na época contemporânea. Aquele gesto profético do Bispo de Roma e do Patriarca de Constantinopla pôs um marco miliário no caminho difícil mas promissor da unidade entre todos os cristãos que, a partir de então, deu passos relevantes. Por isso o meu encontro com Sua Santidade Bartolomeu, amado Irmão em Cristo, representou o momento culminante da visita. Juntos oramos no Sepulcro de Jesus e, ao nosso lado, encontravam-se o Patriarca Greco-Ortodoxo de Jerusalém Teófilo III e o Patriarca Arménio Apostólico Nourhan, além de Arcebispos e Bispos de diversas Igrejas e Comunidades, Autoridades civis e numerosos fiéis. Naquele lugar onde ressoou o anúncio da Ressurreição, sentimos toda a amargura e o sofrimento das divisões ainda

existentes entre os discípulos de Cristo; e, verdadeiramente, isto faz muito mal, mal ao coração. Ainda estamos divididos; nesse lugar ressoou precisamente o anúncio da Ressurreição, onde Jesus nos concede a vida, contudo ainda estamos um pouco divididos. Mas sobretudo, naquela celebração repleta de fraternidade, estima e afecto recíprocos, ouvimos forte a voz do Bom Pastor Ressuscitado, que quer fazer de todas as suas ovelhas um único rebanho; sentimos o desejo de curar as feridas ainda abertas e continuar com tenacidade pelo caminho rumo à plena comunhão. Mais uma vez, como fizeram os Papas precedentes, peço perdão pelo que fizemos para favorecer esta divisão, e suplico ao Espírito Santo que nos assista a sarar as feridas por nós causadas aos outros irmãos. Todos nós somos irmãos em Cristo e, com o Patriarca Bartolomeu somos amigos e irmãos, e compartilhamos a vontade de caminhar juntos, para levar a cabo tudo o que poderemos fazer doravante: rezar e trabalhar juntos a favor da grei de Deus, procurar a paz, preservar a criação; temos muito em comum. E, como irmãos, devemos ir em frente.

Outra finalidade desta peregrinação foi encorajar naquela região o *caminho rumo à paz*, que é ao mesmo tempo dádiva de Deus e compromisso dos homens. Fi-lo na Jordânia, na Palestina e em Israel. E fi-lo sempre como peregrino, em nome de Deus e do homem, nutrindo no coração uma grande compaixão pelos filhos daquela Terra que, desde há muito tempo, convivem com a guerra e têm o direito de conhecer finalmente dias de paz!

Por isso, exortei os fiéis cristãos a deixar-se «ungir» com o coração aberto e dócil pelo Espírito Santo, para ser cada vez mais capazes de cumprir gestos de humildade, fraternidade e reconciliação. O Espírito permite que na vida quotidiana assumamos estas atitudes com pessoas de várias culturas e religiões, tornando-nos «pacificadores». A paz constrói-se artesanalmente! Não existem indústrias de paz, não! Ela edifica-se no dia-a-dia, de modo artesanal, e inclusive

com o coração aberto, para que venha o dom de Deus. Foi por isso que exortei os fiéis cristãos a deixar-se «ungir».

Na Jordânia agradei às Autoridades e ao povo o compromisso assumido no acolhimento de numerosos refugiados provenientes das regiões de guerra, um esforço humanitário que merece e exige o apoio constante da parte da Comunidade internacional. Fiquei impressionado com a generosidade do povo jordano na recepção dos refugiados, de tantas pessoas que fogem da guerra naquela região. Que o Senhor abençoe aquele povo hospitaleiro, que o encha de bênçãos! Quanto a nós, devemos rezar a fim de que o Senhor abençoe esta hospitalidade, pedindo a todas as instituições internacionais que ajudem aquele povo neste trabalho de acolhimento que leva a cabo. Durante a peregrinação, encorajei também noutros lugares as Autoridades a procurar dar continuidade aos esforços para diminuir as tensões na região médio-oriental, principalmente na martirizada Síria, bem como a continuar a busca de uma solução equitativa para o conflito israelo-palestino. Foi por isto que convidei o Presidente de Israel e o Presidente da Palestina, ambos homens de paz e pacificadores, para virem ao Vaticano, a fim de rezar juntos comigo pela paz. E por favor, peço-vos que não nos deixeis sozinhos: orai, rezai muito para que o Senhor nos conceda a paz, que ofereça a paz àquela Terra abençoada! Conto com as vossas orações. Rezai com força neste tempo, orai muito para que chegue a paz!

Esta peregrinação à Terra Santa foi também a ocasião para *confirmar na fé as comunidades cristãs*, que sofrem muito, e manifestar a gratidão da Igreja inteira pela presença dos cristãos naquela região e em todo o Médio Oriente. Estes nossos irmãos são intrépidas testemunhas de esperança e caridade, «sal e luz» daquela Terra. Com a sua vida de fé e de oração, e com a apreciada actividade educativa e assistencial, eles trabalham a favor da reconciliação e do perdão, contribuindo para o bem comum da sociedade. Mediante esta peregrinação, que constitui uma autêntica graça do Senhor, desejei transmitir

uma palavra de esperança mas, por minha vez, também eu a recebi! Recebi-a de irmãos e irmãs que esperam «contra toda a esperança» (*Rm 4, 18*), através de numerosos sofrimentos, como aqueles de quantos fugiram do próprio país por causa dos conflitos; como aqueles de quantos, em várias partes do mundo, são discriminados e desprezados por causa da sua fé em Cristo. Continuemos a estar próximos deles! Oremos por eles e pela paz na Terra Santa e em todo o Médio Oriente! A oração da Igreja inteira sustente inclusive o caminho para a plena unidade entre os cristãos, para que o mundo creia no amor de Deus que, em Jesus Cristo, veio habitar no meio de nós.

E agora convido todos vós a rezar juntos, a orar juntos a Nossa Senhora, Rainha da paz, Rainha da unidade entre os cristãos, Mãe de todos os cristãos: que Ela nos conceda a paz, ao mundo inteiro, e que nos acompanhe nesta vereda de unidade. [Ave Maria...].

Saudações

De coração saúdo todos os peregrinos de língua portuguesa, com menção particular dos grupos da *Academia Paulista de Magistrados* e do *Instituto São Boaventura*, bem como os fiéis de Brasília, Campinas e Rolândia, encorajando-vos a ser por todo o lado testemunhas de esperança e caridade. E, se alguma vez a vida fizer desencadear turbulências espirituais na vossa alma, ide procurar refúgio sob o manto da Santa Mãe de Deus; somente lá encontrareis paz. Sobre vós, vossas famílias e paróquias desça a Bênção do Senhor!

Dirijo uma saudação carinhosa aos irmãos e irmãs de expressão árabe, de modo particular a todos os que provêm da Jordânia e da Terra Santa. «Como é bom e agradável viverem os irmãos unidos!» (*Sl 133*). Agradeço-vos a vossa hospitalidade generosa e afectuosa, enquanto vos asseguro que vos trago sempre no meu coração e nas minhas preces, e peço ao Senhor para vós um bem abundante, uma prosperidade contínua e uma paz duradoura.

Dirijo um pensamento especial aos jovens, aos doentes e aos recém-casados. Estamos prestes a encerrar o mês mariano. Caros jovens, a Mãe de Deus seja o vosso refúgio nos momentos mais difíceis; sustente-vos, amados doentes, para enfrentar com coragem a vossa cruz diária; e seja a vossa referência, estimados recém-casados, a fim de que a vossa família seja um lar de oração e compreensão recíproca. Obrigado!

AUDIÊNCIA GERAL - Praça de São Pedro

Quarta-feira, 28 de maio de 2014

Viagem Apostólica à Coreia

Nos dias passados realizei uma viagem apostólica à Coreia e hoje, juntamente convosco, dou graças ao Senhor por este dom. Pude visitar uma Igreja jovem e dinâmica, fundada no testemunho dos mártires e animada pelo espírito missionário, num país onde se encontram antigas culturas asiáticas e a novidade perene do Evangelho: encontram-se ambas.

Desejo manifestar novamente a minha gratidão aos amados Bispos da Coreia, à Senhora Presidente da República, às demais Autoridades e a todos aqueles que colaboraram para esta minha visita.

O significado desta viagem apostólica pode ser resumido em três palavras: *memória, esperança e testemunho*.

A República da Coreia é um país que teve um desenvolvimento económico notável e rápido. Os seus habitantes são grandes trabalhadores, disciplinados, metódicos e devem conservar a força herdada dos seus antepassados.

Em tal situação, a Igreja é guardiã da memória e da esperança: é uma família espiritual na qual os adultos transmitem aos jovens a chama da fé recebida dos idosos; a memória das testemunhas do passado torna-se novo testemunho no presente e esperança de futuro. É nesta perspetiva que se podem ler os dois acontecimentos principais desta viagem: a beatificação de 124 Mártires coreanos, que se acrescentam aos já canonizados há 30 anos por são João Paulo II; e o encontro com os jovens, por ocasião da *Sexta Jornada Asiática da Juventude*.

O jovem é sempre uma pessoa à procura de algo pelo que valha a pena viver, e o Mártir dá testemunho de algo, aliás, de Alguém por quem vale a pena

dar a vida. Esta realidade é o Amor de Deus, que se encarnou em Jesus, Testemunha do Pai. Nos dois momentos da viagem dedicados aos jovens, o Espírito do Senhor Ressuscitado encheu-nos de alegria e esperança, que os jovens levarão aos seus vários países e que farão muito bem!

A Igreja na Coreia conserva também a memória do *papel primário desempenhado pelos leigos*, quer nos alvares da fé, quer na obra de evangelização. Com efeito, nessa terra a comunidade cristã não foi fundada por missionários, mas por um grupo de jovens coreanos na segunda metade de 1700; fascinados por alguns textos cristãos, estudaram-nos a fundo e escolheram-nos como regra de vida. Um deles foi enviado para Pequim a fim de receber o Batismo, e depois este leigo batizou por sua vez os companheiros. Daquele primeiro núcleo desenvolveu-se uma grande comunidade, que desde o início e durante cerca de um século padeceu perseguições violentas, com milhares de mártires. Por conseguinte, a Igreja na Coreia está fundamentada na fé, no compromisso missionário e no martírio dos fiéis leigos.

Os primeiros cristãos coreanos propuseram-se como modelo a comunidade apostólica de Jerusalém, praticando *o amor fraterno* que supera todas as diferenças sociais. Por isso, encorajei os cristãos de hoje a ser generosos na *partilha com os mais pobres e excluídos*, segundo o Evangelho de Mateus, no capítulo 25: «Todas as vezes que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, foi a mim mesmo que o fizestes» (v. 40).

Caros irmãos, na história da fé na Coreia vê-se que Cristo não anula as culturas, nem suprime o caminho dos povos que ao longo dos séculos e milénios procuram a verdade e praticam o amor a Deus e ao próximo. Cristo não extingue o que é bom, mas leva-o em frente, completa-o.

Ao contrário, o que Cristo combate e derrota é o maligno, que semeia joio entre os homens, entre os povos; que gera exclusão por causa da idolatria

do dinheiro; que lança o veneno do nada no coração dos jovens. Foi isto que Jesus Cristo combateu e venceu com o seu Sacrifício de amor. E se permanecermos nele, no seu amor, também nós, como os Mártires, podemos viver e testemunhar a sua vitória. Com esta fé pudemos rezar, e também agora oremos a fim de que *todos os filhos da terra coreana*, que padecem as consequências de guerras e divisões, possam percorrer *um caminho de fraternidade e reconciliação*.

Esta viagem foi iluminada pela festividade da Assunção de Maria ao Céu. Do alto, onde reina com Cristo, a Mãe da Igreja acompanha o caminho do povo de Deus, sustém os passos mais cansativos, conforta quantos vivem na provação e mantém aberto o horizonte da esperança. Pela sua intercessão materna, o Senhor abençoe sempre o povo coreano, concedendo-lhe paz e prosperidade; e abençoe a Igreja que vive naquela terra, para que seja sempre fecunda e cheia da alegria do Evangelho.

Saudações

Saúdo cordialmente os peregrinos de língua portuguesa, em particular o grupo de Vilar de Andorinho. A minha viagem à Coreia foi iluminada pela festa da Assunção de Maria ao Céu: lá do Alto, onde reina com Cristo, a Mãe da Igreja conforta todos aqueles que estão na provação e mantém aberto o horizonte da esperança. Enquanto vos entrego, a vós e às vossas famílias à sua protecção, invoco sobre todos a Bênção de Deus.

Agradeço-vos também as orações e as condolências por aquilo que aconteceu na minha família. Também o Papa tem uma família! Nós éramos cinco irmãos; tenho dezasseis sobrinhos e um deles sofreu um acidente rodoviário: faleceram a sua esposa e os seus dois filhos pequeninos, um de dois anos e o outro de poucos meses de idade, enquanto neste momento ele mesmo está em condições críticas. Estou-vos profundamente grato, tanto pelos pêsames como pelas preces!

AUDIÊNCIA GERAL – Sala Paulo VI

Quarta-feira, 20 de agosto de 2014

Viagem Apostólica à Albânia

Hoje gostaria de falar da Viagem Apostólica que realizei à Albânia no domingo passado. Faço-o antes de tudo como acto de agradecimento a Deus, que me concedeu fazer esta Visita para demonstrar, também fisicamente e de modo tangível, a proximidade, minha e de toda a Igreja, a este povo. Desejo depois renovar o meu reconhecimento fraterno ao Episcopado albanês, aos sacerdotes e aos religiosos e religiosas que trabalham com tanta intrepidez. O meu pensamento grato dirige-se também às Autoridades que me receberam com tanta gentileza, assim como a quantos cooperaram para a realização da Visita.

Esta Visita surgiu do desejo de ir a um país que, depois de ter sido oprimido por muito tempo por um regime ateu e desumano, está a viver uma experiência de convivência pacífica entre as suas diversas componentes religiosas. Pareceu-me importante encorajá-lo por este caminho, para que o prossiga com tenacidade e aprofunde todos os seus aspectos em benefício do bem comum. Por isto no centro da Viagem esteve um encontro inter-religioso no qual pude constatar, com grande satisfação, que a convivência pacífica e frutuosa entre pessoas e comunidades pertencentes a religiões diversas não só é desejável, mas concretamente possível e praticável. Eles praticam-na! Trata-se de um diálogo autêntico e frutuoso que evita o relativismo e tem em consideração as identidades de cada um. Com efeito, o que acomuna as várias expressões religiosas é o caminho da vida, a boa vontade de praticar o bem ao próximo, sem renegar nem diminuir as respectivas identidades.

O encontro com os sacerdotes, as pessoas consagradas, os seminaristas e os movimentos laicais foi a ocasião para recordar com gratidão, com momentos de particular emoção, os numerosos mártires da fé. Graças à presença de alguns

idosos, que viveram na sua pele as terríveis perseguições, ressoou a fé de tantas testemunhas heróicas do passado, as quais seguiram Cristo até às consequências extremas. Precisamente da união íntima com Jesus, da relação de amor com Ele brotou para estes mártires — assim como para qualquer mártir — a força de enfrentar os acontecimentos dolorosos que os levaram ao martírio. Também hoje, como ontem, a força da Igreja não provém tanto das capacidades organizativas ou das estruturas, que contudo são necessárias: a Igreja não encontra ali a sua força. A nossa força é o amor de Cristo! Uma força que nos ampara nos momentos de dificuldade e que inspira a hodierna acção apostólica para oferecer a todos bondade e perdão, testemunhando assim a misericórdia de Deus.

Percorrendo a avenida principal de Tirana que do aeroporto conduz à grande praça central, pude ver os retratos dos quarenta sacerdotes assassinados durante a ditadura comunista e para os quais já foi iniciada a causa de beatificação. Estes somam-se às centenas de religiosos cristãos e muçulmanos assassinados, torturados, aprisionados e deportados unicamente porque acreditavam em Deus. Foram anos obscuros, durante os quais foi arrasada a liberdade religiosa e era proibido crer em Deus, milhares de igrejas e mesquitas foram destruídas, transformadas em armazéns e cinemas que propagavam a ideologia marxista, os livros religiosos foram queimados e os pais foram proibidos de dar aos filhos os nomes religiosos dos antepassados. A recordação destes eventos dramáticos é essencial para o futuro de um povo. A memória dos mártires que resistiram na fé é garantia para o destino da Albânia; porque o seu sangue não foi derramado em vão, mas é uma semente que dará frutos de paz e de colaboração fraterna. Com efeito, hoje a Albânia é um exemplo não só de renascimento da Igreja, mas também de convivência pacífica entre as religiões. Por conseguinte, os mártires não são pessoas derrotadas, mas vitoriosas: no seu testemunho heróico resplandece a onipotência de Deus que

conforta sempre o seu povo, abrindo caminhos novos e horizontes de esperança.

Confiei esta mensagem de esperança, fundada na fé em Cristo e na memória do passado, a toda a população albanesa que vi entusiasta e jubilosa nos lugares dos encontros e das celebrações, assim como nas ruas de Tirana. A todos encorajei a obter energias sempre novas do Senhor ressuscitado, para poder ser fermento evangélico na sociedade e comprometer-se, como já acontece, em actividades caritativas e educativas.

Agradeço mais uma vez ao Senhor porque, com esta Viagem, concedeu que me encontrasse com um povo corajoso e forte, que não se deixou abater pela dor. Aos irmãos e irmãs da Albânia renovo o convite à coragem do bem, para construir o presente e o futuro do seu país e da Europa. Confio os frutos da minha visita a Nossa Senhora do Bom Conselho, venerada no homónimo Santuário de Scútari, para que ela continue a guiar o caminho deste povo mártir. A difícil experiência do passado o radique cada vez mais na abertura aos irmãos, sobretudo dos mais débeis, e o torne protagonista daquele dinamismo da caridade tão necessário no actual contexto sociocultural. Gostaria que todos nós hoje saudássemos este povo corajoso, trabalhador, e que procura a unidade em paz.

Apelo

O meu pensamento dirige-se agora para aqueles países da África que estão a sofrer por causa da epidemia do *ébola*. Estou próximo das numerosas pessoas atingidas por esta terrível doença. Convido-vos a rezar por elas e por quantos perderam de modo tão trágico a vida. Desejo que não venha a faltar a ajuda necessária da Comunidade Internacional para aliviar os sofrimentos destes nossos irmãos e irmãs. Por estes nossos irmãos e irmãs doentes rezemos a Nossa Senhora. [Ave-Maria]



Saudação

Dirijo uma saudação cordial aos peregrinos de língua portuguesa, em particular aos brasileiros vindos de Novo Hamburgo, Jundiaí, Santo André e da Bahia, com votos de que esta peregrinação seja para vós uma oportunidade de contemplar a beleza da fé e da união com Cristo, para viver plenamente a vossa vocação cristã. Que Deus vos abençoe!

AUDIÊNCIA GERAL - Praça de São Pedro

Quarta-feira, 24 de setembro de 2014

Viagem Apostólica à Turquia

Este dia não parece muito bom, aliás, é um pouco feio... Mas vós sois corajosos e fazeis boa cara ao mau dia; e vamos em frente! Esta audiência tem lugar em dois lugares diferentes, como fazemos quando chove: aqui na praça, enquanto os doentes estão na sala Paulo VI. Já me encontrei com eles, já os saudei, e agora eles acompanham a audiência através de uma grande tela, porque são doentes e não podem estar debaixo da chuva. Saudemo-los daqui com um aplauso!

Hoje, gostaria de compartilhar convosco alguns aspetos da peregrinação que realizei na Turquia, de sexta-feira passada a domingo. Como eu tinha pedido para o preparar e acompanhar com a oração, agora convido-vos a dar graças ao Senhor pela sua realização e para que possam nascer frutos de diálogo quer nas nossas relações com os irmãos ortodoxos e muçulmanos, quer no caminho rumo à paz entre os povos. Em primeiro lugar, sinto que devo renovar a expressão do meu reconhecimento ao Presidente da República turca, ao Primeiro-Ministro, ao Presidente para os Assuntos Religiosos e às outras Autoridades, que me receberam com respeito e garantiram o bom andamento dos acontecimentos. Isto exige trabalho, e eles desempenharam-no de bom grado. Estou fraternalmente grato aos Bispos da Igreja católica na Turquia, ao Presidente da Conferência Episcopal, muito atento, e agradeço-lhes o seu compromisso a favor das comunidades católicas, assim como agradeço ao Patriarca Ecuménico, Sua Santidade Bartolomeu I, o seu acolhimento cordial. O Beato Paulo VI e São João Paulo II, que visitaram a Turquia, e São João XXIII, que foi Delegado Pontifício naquela Nação, protegeram do Céu a minha peregrinação, ocorrida oito anos depois da visita do meu predecessor Bento XVI. Essa terra é querida a todos os cristãos, especialmente por ter dado à luz o

apóstolo Paulo, por ter hospedado os primeiros sete Concílios e pela presença, perto de Éfeso, da «casa de Maria». A tradição diz-nos que ali viveu Nossa Senhora depois da vinda do Espírito Santo.

No primeiro dia da viagem apostólica saudei as Autoridades do país, de vasta maioria muçulmana, mas cuja Constituição afirma a laicidade do Estado. E com as Autoridades pudemos falar sobre a violência. É precisamente o esquecimento de Deus, e não a sua glorificação, que gera a violência. Por isso, insisti sobre a importância de que cristãos e muçulmanos se comprometam juntos pela solidariedade, pela paz e pela justiça, afirmando que cada Estado deve garantir aos cidadãos e às comunidades religiosas uma liberdade de culto real.

Hoje, antes de ir saudar os doentes, encontrei-me com um grupo de cristãos e muçulmanos que fazem uma reunião organizada pela Congregação para o Diálogo Inter-Religioso, sob a chefia do Cardeal Tauran, e também eles manifestaram o desejo de prosseguir este diálogo fraterno entre católicos, cristãos e muçulmanos.

No segundo dia visitei alguns lugares-símbolo das várias confissões religiosas presentes na Turquia. Fi-lo sentindo no coração a invocação ao Senhor, Deus do céu e da terra, Pai misericordioso da humanidade inteira. Centro desse dia foi a Celebração Eucarística, que viu reunidos na Catedral pastores e fiéis dos diversos Ritos católicos presentes na Turquia. Assistiram também o Patriarca Ecuménico, o Vigário Patriarcal Arménio Apostólico, o Metropolita Sírio-Ortodoxo e representantes protestantes. Juntos pudemos invocar o Espírito Santo, Aquele que faz a unidade da Igreja: unidade na fé, unidade na caridade, unidade na coesão interior. O Povo de Deus, na riqueza das suas tradições e articulações, é chamado a deixar-se guiar pelo Espírito Santo, em constante atitude de abertura, de docilidade e de obediência. No

nosso caminho de diálogo ecuménico e inclusive da nossa unidade, da nossa Igreja católica, quem faz tudo é o Espírito Santo. Nós devemos deixá-lo agir, recebê-lo, seguir as suas inspirações.

O terceiro e último dia, festa de santo André Apóstolo, ofereceu o contexto ideal para consolidar as relações fraternas entre o Bispo de Roma, Sucessor de Pedro, e o Patriarca Ecuménico de Constantinopla, Sucessor do Apóstolo André, irmão de Simão Pedro, que fundou aquela Igreja. Renovei com Sua Santidade Bartolomeu I o compromisso recíproco a prosseguir o caminho rumo ao restabelecimento da plena comunhão entre católicos e ortodoxos. Juntos subscrevemos uma Declaração conjunta, mais uma etapa deste caminho. Foi particularmente significativo que tal gesto tenha ocorrido no final da solene Liturgia da festa de santo André, à qual assisti com grande alegria, e à qual se seguiu a dupla Bênção concedida pelo Patriarca de Constantinopla e pelo Bispo de Roma. De facto, a oração é a base de todo o fecundo diálogo ecuménico sob a guia do Espírito Santo que, como eu disse, faz a unidade.

O último encontro — bonito e também doloroso — foi com um grupo de jovens hóspedes dos Salesianos. Era muito importante para mim encontrar alguns refugiados das áreas de guerra do Médio Oriente, quer para lhes manifestar a proximidade minha e da Igreja, quer para frisar o valor da hospitalidade, na qual também a Turquia se comprometeu em grande medida. Agradeço mais uma vez à Turquia o acolhimento de tantos refugiados e, de coração, aos Salesianos de Istambul. Estes Salesianos trabalham muito pelos refugiados, parabéns! Encontrei-me também com outros sacerdotes alemães, um dos quais jesuíta, e com outros que trabalham com os refugiados, mas aquele oratório salesiano dos refugiados é muito bonito, é um trabalho escondido. Estou deveras grato a todas as pessoas que trabalham com os refugiados. E oremos por todos os prófugos e refugiados, e para que sejam eliminadas as causas deste flagelo doloroso.

Caros irmãos e irmãs, Deus todo-poderoso e misericordioso continue a proteger o povo turco, os seus governantes e os representantes das várias religiões. Possam construir juntos um porvir de paz, de modo que a Turquia represente um lugar de coexistência pacífica entre diversas religiões e culturas. Além disso, rezemos para que, por intercessão da Virgem Maria, o Espírito Santo torne fecunda esta viagem apostólica e favoreça na Igreja o ardor missionário, para anunciar a todos os povos, no respeito e no diálogo fraterno, que o Senhor Jesus é verdade, paz e amor. Só Ele é o Senhor!

Saudação

Dirijo uma saudação cordial aos peregrinos de língua portuguesa, particularmente aos membros das Romarias Quaresmais de São Miguel, no Arquipélago dos Açores. Queridos amigos, obrigado pela vossa presença e sobretudo pelas vossas orações! Peçamos ao Espírito Santo, artífice da unidade da Igreja, que aplane a estrada para a plena comunhão de todos os cristãos no Senhor Jesus. Que Deus vos abençoe a vós e a vossos entes queridos. Obrigado!

Dou cordiais boas-vindas aos peregrinos de língua árabe, em especial aos provenientes do Médio Oriente. Caríssimos, olhemos além das diferenças que ainda nos separam, invocando de Deus o dom da plena unidade e a capacidade de o receber na nossa vida. O Senhor vos abençoe!

Dirijo um pensamento especial aos jovens, aos doentes e aos recém-casados. Hoje celebramos a memória de São Francisco Xavier, Padroeiro das Missões. Queridos jovens... o seu vigor espiritual vos estimule a levar a sério a fé na vossa vida; a sua confiança em Cristo Salvador vos sustente, amados doentes, nos momentos de maior dificuldade; e a sua dedicação apostólica vos recorde, caríssimos recém-casados, a necessidade da entrega recíproca na relação conjugal. Que Deus abençoe todos!

AUDIÊNCIA GERAL - Praça de São Pedro

Quarta-feira, 3 de dezembro de 2014

Viagem Apostólica ao Sri Lanka e às Filipinas

Hoje falarei acerca da viagem apostólica ao Sri Lanka e às Filipinas, que realizei na semana passada. Depois da visita à Coreia de há alguns meses, fui de novo à Ásia, continente de ricas tradições culturais e espirituais. A viagem foi sobretudo um encontro jubiloso com as comunidades eclesiais que, naqueles países, dão testemunho de Cristo: confirmei-as na fé e na missionariedade. Conservarei sempre no coração a recordação do caloroso acolhimento por parte das multidões — nalguns casos até oceânicas — que acompanhou os momentos salientes da viagem. Além disso encorajei o diálogo inter-religioso ao serviço da paz, assim como o caminho daqueles povos rumo à unidade e ao progresso social, sobretudo com o protagonismo das famílias e dos jovens.

O momento culminante da minha estadia no *Sri Lanka* foi a canonização do grande missionário José Vaz. Este santo sacerdote administrava os Sacramentos, muitas vezes em segredo, aos fiéis, mas ajudava indistintamente todos os necessitados, de qualquer religião e condição social. O seu exemplo de santidade e amor ao próximo continua a inspirar a Igreja no Sri Lanka no seu apostolado de caridade e de educação. Indiquei *são José Vaz* como modelo para todos os cristãos, chamados hoje a propor a verdade salvífica do Evangelho num contexto multirreligioso, com respeito em relação ao próximo, com perseverança e com humildade.

O Sri Lanka é um país de grande beleza natural, cujo povo está a procurar *reconstruir a unidade* depois de um longo e dramático conflito civil. No meu encontro com as Autoridades governamentais frisei a importância do diálogo, do respeito pela dignidade humana, do esforço de comprometer todos para encontrar soluções adequadas em vista da reconciliação e do bem comum.

As *diversas religiões* desempenham a este propósito um papel significativo. O meu encontro com os representantes religiosos foi uma confirmação das boas relações que já existem entre as várias comunidades. Neste contexto quis encorajar a cooperação já empreendida entre os seguidores das diferentes tradições religiosas, também com a finalidade de poder curar com o bálsamo do perdão quantos ainda estão aflitos pelos sofrimentos dos últimos anos. O tema da *reconciliação* caracterizou também a minha visita ao santuário de Nossa Senhora de Madhu, muito venerada pelas populações tâmil e cingalesa e meta de peregrinação de membros de outras religiões. Naquele lugar sagrado pedimos a Maria nossa Mãe que obtivesse para todo o povo cingalês o dom da unidade e da paz.

Do Sri Lanka parti rumo às Filipinas, onde a Igreja se prepara para celebrar o *quinto centenário da chegada do Evangelho*. É o principal país católico da Ásia, e o povo filipino é muito conhecido pela sua fé profunda, pela sua religiosidade e pelo seu entusiasmo, até na diáspora. No meu encontro com as Autoridades nacionais, assim como nos momentos de oração e durante a Missa conclusiva com uma grande afluência de pessoas, frisei a *fecundidade constante do Evangelho* e a sua capacidade de inspirar uma sociedade digna do homem, na qual há lugar para a dignidade de cada um e as aspirações do povo filipino.

Finalidade principal da visita, e motivo pelo qual decidi ir às Filipinas — foi este o motivo principal — era poder expressar a minha *proximidade* aos nossos irmãos e irmãs que sofreram a *devastação do furacão Yolanda*. Fui a Tacloban, na região mais gravemente atingida, onde prestei homenagem à fé e à capacidade de recomeço da população local. Infelizmente, em Tacloban as más condições climáticas causaram outra vítima inocente: a jovem voluntária Kristel, atingida e morta por uma estrutura que o vento deitou abaixo. Depois agradei a quantos, de todas as partes do mundo, responderam à sua

necessidade com uma grande quantidade de ajudas. O poder do amor de Deus, revelado no mistério da Cruz, foi tornada evidente no espírito de solidariedade demonstrado pelos múltiplos gestos de caridade e de sacrifício que marcaram aqueles dias escuros.

Os encontros com as famílias e com os jovens, em Manila, foram momentos salientes da visita nas Filipinas. As *famílias* sadias são essenciais para a vida da sociedade. Dá conforto e esperança ver tantas famílias numerosas que acolhem os filhos como um verdadeiro dom de Deus. Eles sabem que cada filho é uma bênção. Ouvi alguém dizer que as famílias com muitos filhos e o nascimento de tantas crianças são uma das causas da pobreza. Parece-me uma opinião simplista. Posso dizer. Todos podemos dizer, que a causa principal da pobreza é um sistema económico que deslocou a pessoa do centro e ali colocou o deus dinheiro; um sistema económico que exclui, exclui sempre: exclui as crianças, os idosos, os jovens, sem trabalho... — e que cria a cultura do descarte em que vivemos. Habitúamo-nos a ver pessoas descartadas. Este é o motivo principal da pobreza, não as famílias numerosas. Reevocando a figura de são José, que protegeu a vida do «*Santo Niño*», tão venerado naquele país, recordei que é preciso proteger as famílias, que enfrentam diversas ameaças, para que possam testemunhar a beleza da família no projecto de Deus.

É preciso também defender as famílias das novas colonizações ideológicas, que ameaçam a sua identidade e a sua missão.

E foi para mim uma alegria estar com os jovens das Filipinas, para ouvir as suas esperanças e preocupações. Quis oferecer a eles o meu encorajamento pelos esforços para contribuir para a renovação da sociedade, sobretudo através do serviço aos pobres e a tutela do ambiente natural.

O *cuidado dos pobres* é um elemento essencial da nossa vida e testemunho cristão — mencionei isto também na visita; comporta a rejeição de

qualquer forma de corrupção, porque a corrupção rouba aos pobres e exige uma cultura de honestidade.

Agradeço ao Senhor por esta visita pastoral no Sri Lanka e nas Filipinas. Peço-lhe que abençoe sempre estes dois países e que confirme a fidelidade dos cristãos à mensagem evangélica da nossa redenção, reconciliação e comunhão com Cristo.

Saudações

Amados irmãos e irmãs!

Gostaria agora de vos convidar a rezar juntos pelas vítimas das manifestações destes últimos dias no amado Níger. Foram cometidas brutalidades em relação aos cristãos, às crianças e às igrejas. Invoquemos do Senhor o dom da reconciliação e da paz, para que o sentimento religioso nunca seja ocasião de violência, de prepotência e de destruição. Não se pode fazer a guerra em nome de Deus! Faço votos de que se possa restabelecer quanto antes um clima de respeito recíproco e de convivência pacífica para o bem de todos. Rezemos a Nossa Senhora pelas pessoas do Níger (Ave Maria...).

Com sentimentos de grata estima, vos saúdo, caríssimos peregrinos de língua portuguesa, pedindo a vossa solidariedade espiritual e material em favor das populações duramente provadas do Sri Lanka e das Filipinas. Isto faz parte daquele «diálogo da caridade» que visa a plena comunhão de todos os filhos de Deus, como nos recorda nestes dias o Oitavário de Oração pela unidade dos cristãos. Sobre vós e vossas famílias desça a Bênção do Senhor.

Viagem Apostólica a Cuba, Estados Unidos e ONU

Palavras do Papa Francisco aos doentes reunidos na Sala Paulo VI no início da Audiência Geral

Bom dia! Saúdo todos vós! A audiência de hoje será em dois lugares: aqui e na praça. Dado que o tempo parecia um pouco mau, decidimos que vós ficareis aqui, tranquilos, mais cómodos, e podereis participar na audiência através do grande ecrã. Estou-vos deveras grato por esta visita e peço-vos que oreis por mim. A doença é algo desagradável; há médicos — são bons! — enfermeiros, enfermeiras, remédios, tudo, mas é sempre algo desagradável. E há a fé, a fé que nos encoraja, e aquele pensamento que todos vós tendes: Deus fez-se enfermo por nós, ou seja, enviou o seu Filho, que assumiu sobre si todas as nossas enfermidades, até à Cruz. E fixando o nosso olhar em Jesus, com a sua paciência, a nossa fé revigora-se.

E com a nossa doença, tendo Jesus ao nosso lado, caminhemos sempre de mãos dadas com Jesus. Ele sabe o que significa o sofrimento, Ele entende-nos, consola-nos e fortalece-nos.

E agora concedo-vos a todos a Bênção, pedindo que o Senhor vos abençoe e acompanhe. Mas antes, oremos a Nossa Senhora.

[*Ave Maria...* Bênção]

CATEQUESE DO SANTO PADRE

A audiência de hoje será em dois lugares: aqui na praça e também na sala Paulo VI, onde se encontram numerosos doentes que a seguem através de um grande ecrã. Visto que o tempo é um pouco mau, preferimos que eles ficassem abrigados e mais tranquilos ali. Unamo-nos uns aos outros e saudemo-nos!

Nos últimos dias realizei a viagem apostólica a Cuba e aos Estados Unidos da América. Ela nasceu da vontade de participar no Encontro Mundial das Famílias, há tempos programado em Filadélfia. Este «núcleo originário» ampliou-se a uma visita aos Estados Unidos da América e à Sede central da Organização das Nações Unidas, e depois também a Cuba, que se tornou a primeira etapa do itinerário. Exprimo novamente o meu reconhecimento ao Presidente Castro, ao Presidente Obama e ao Secretário-Geral Ban Ki-moon pela hospitalidade que me reservaram. Agradeço de coração aos irmãos Bispos e a todos os colaboradores, o grande trabalho levado a cabo e o amor à Igreja que o animou.

«Misionero de la Misericórdia»: foi assim que me apresentei em Cuba, uma terra rica de beleza natural, de cultura e de fé. A misericórdia de Deus é maior do que qualquer ferida, conflito e ideologia; e com este olhar de misericórdia consegui abraçar todo o povo cubano, na pátria e fora, para além de qualquer divisão. Símbolo desta profunda unidade da alma cubana é a Virgem da Caridade do Cobre, que precisamente há cem anos foi proclamada Padroeira de Cuba. Fui como peregrino ao Santuário desta Mãe de esperança, Mãe que guia pelo caminho de justiça, paz, liberdade e reconciliação.

Pude partilhar com o povo cubano a esperança da realização da profecia de São João Paulo II: que Cuba se abra ao mundo, e o mundo se abra a Cuba. Não mais fechamentos, nem exploração da pobreza, mas liberdade na dignidade. Este é o caminho que faz vibrar o coração de numerosos jovens cubanos: não um percurso de evasão, de lucro fácil, mas de responsabilidade, de serviço ao próximo e de cuidado pela fragilidade. Um caminho que encontra forças nas raízes cristãs daquele povo, que sofreu em grande medida. Um caminho no qual encorajei de modo particular os sacerdotes e todos os consagrados, os estudantes e as famílias. Com a intercessão de Maria Santíssima, o Espírito Santo faça crescer as sementes que pudemos lançar.

De Cuba para os Estados Unidos da América: foi uma passagem emblemática, uma ponte que, graças a Deus, se vai reconstruindo. Deus sempre deseja construir pontes; somos nós que levantamos muros. E os muros desabam sempre!

E nos Estados Unidos fiz três etapas: Washington, Nova Iorque e Filadélfia.

Em Washington encontrei-me com as Autoridades políticas, com as pessoas simples, os Bispos, os sacerdotes, os consagrados e os mais pobres e marginalizados. Recordei que a grande riqueza daquele país e do seu povo está no património espiritual e ético. E assim desejei encorajar a dar continuidade à construção social, em fidelidade ao seu princípio fundamental, isto é, que todos os homens são criados iguais por Deus e dotados de direitos inalienáveis como a vida, a liberdade e a busca da felicidade. Estes valores, compartilháveis por todos, encontram no Evangelho o seu pleno cumprimento, como evidenciou oportunamente a canonização de frei franciscano Junípero Serra, grande evangelizador da Califórnia. São Junípero indica o caminho da alegria: ir e partilhar com os outros o amor de Cristo. Esta é a senda do cristão, mas também de cada homem que conheceu o amor: não o conservar para si, mas dividi-lo com os outros. Foi a partir desta base religiosa e moral que nasceram e cresceram os Estados Unidos da América, e com esta base eles podem continuar a ser terra de liberdade e acolhimento, cooperando para um mundo mais justo e fraterno.

Em Nova Iorque pude visitar a Sede central da ONU e saudar os funcionários que aí trabalham. Dialoguei com o Secretário-Geral e com os Presidentes das últimas Assembleias Gerais e do Conselho de Segurança. Dirigindo-me aos Representantes das Nações, no sulco dos meus Predecessores, renovei o encorajamento da Igreja católica àquela Instituição e ao papel que

desempenha na promoção do desenvolvimento e da paz, evocando de modo particular a necessidade do compromisso concorde e concreto no cuidado da criação. Reiterei também o apelo a pôr fim e a prevenir as violências contra as minorias étnicas e religiosas, e contra as populações civis.

Pela paz e pela fraternidade pudemos rezar no Memorial do Ground Zero, juntamente com os representantes das religiões, com os parentes de numerosas vítimas e com a população de Nova Iorque, tão rica de variedades culturais. E no Madison Square Garden celebrei a Eucaristia pela paz e pela justiça.

Tanto em Washington como em Nova Iorque pude encontrar-me com algumas realidades caritativas e educativas, emblemáticas do enorme serviço que as comunidades católicas — sacerdotes, religiosas, religiosos e leigos — oferecem nestes campos.

O apogeu da viagem foi o Encontro Mundial das Famílias, em Filadélfia, onde o horizonte se ampliou para o mundo inteiro, através do «prisma», por assim dizer, da família. A família, ou seja, a aliança fecunda entre o homem e a mulher, é a resposta ao grande desafio do nosso mundo, que constitui um duplo desafio: a fragmentação e a massificação, dois extremos que convivem e que se sustentam reciprocamente e, ao mesmo tempo, apoiam o modelo económico consumista. A família é a resposta porque representa a célula de uma sociedade que equilibra as dimensões pessoal e comunitária, e que ao mesmo tempo pode ser o modelo de uma gestão sustentável dos bens e dos recursos da criação. A família é a protagonista de uma ecologia integral, porque constitui o sujeito social primário, que contém *no seu interior* os dois princípios-base da civilização humana sobre a terra: o princípio de *comunhão* e o princípio de *fecundidade*. O humanismo bíblico apresenta-nos este ícone: o casal humano, unido e fecundo, posto por Deus no jardim do mundo, para o cultivar e preservar.

Desejo dirigir um agradecimento fraternal e caloroso a D. Chaput, Arcebispo de Filadélfia, pelo seu compromisso, piedade e entusiasmo, e pelo seu grande amor à família na organização deste evento. Vendo bem, não é um caso, mas é providencial que a mensagem, aliás o testemunho do Encontro Mundial das Famílias, tenha vindo neste momento dos Estados Unidos da América, ou seja, do país que no século passado alcançou o máximo desenvolvimento económico e tecnológico, sem renegar as suas raízes religiosas. Agora, estas raízes pedem para recomeçar a partir da família, para repensar e mudar o modelo de desenvolvimento, a bem de toda a família humana.

Saudação

Queridos peregrinos de língua portuguesa, sede bem-vindos! De coração vos saúdo a todos, em particular os fiéis brasileiros vindos de São Paulo, Rio de Janeiro, Itu e Campo Grande, lembrando-vos que a resposta ao grave desafio da divisão e massificação no mundo actual é a família. Sobre vós e as vossas famílias, desça a bênção de Deus!

AUDIÊNCIA GERAL

Quarta-feira, 30 de setembro de 2015

Viagem Apostólica à África

Nos dias passados realizei a minha primeira Viagem Apostólica à África. A África é linda! Dou graças ao Senhor por esta sua grande dádiva, que me permitiu visitar três países: em primeiro lugar o Quênia, depois o Uganda e enfim a República Centro-Africana. Exprimo novamente o meu reconhecimento às Autoridades civis e aos Bispos daquelas Nações por me terem hospedado, enquanto agradeço a todos aqueles que, de muitas maneiras, colaboraram. Obrigado de coração!

O Quênia é um país que representa bem o desafio planetário da nossa época: salvaguardar a criação, reformando o modelo de desenvolvimento para que seja equitativo, inclusivo e sustentável. Tudo isto se reflecte em Nairobi, a maior cidade da África Oriental, onde a riqueza e a miséria convivem: mas isto é um escândalo! E não só na África: também aqui, em toda a parte. A convivência entre riqueza e miséria é um escândalo, uma vergonha para a humanidade. Precisamente em Nairobi está a sede do Departamento das Nações Unidas para o Meio Ambiente, que eu visitei. No Quênia encontrei-me com as Autoridades e os Diplomatas, mas também com os habitantes de um bairro popular; detive-me com os chefes das várias Confissões cristãs e das outras Religiões, com os sacerdotes e os consagrados, e encontrei-me com os jovens, deveras numerosos! Em cada ocasião encorajei a valorizar a grandiosa riqueza daquele país: a riqueza natural e espiritual, constituída pelos recursos da terra, pelas novas gerações e pelos valores que formam a sabedoria do povo. Neste contexto, tão dramaticamente actual, tive a alegria de anunciar a palavra de esperança de Jesus: «*Permanecei firmes na fé, não tenhais medo!*». Foi este o lema da visita. Uma palavra que é vivida no dia-a-dia por numerosas pessoas humildes e simples, com nobre dignidade; uma palavra testemunhada de modo

trágico e heróico pelos jovens da Universidade de Garissa, assassinados no dia 2 do passado mês de Abril, porque eram cristãos. O seu sangue é semente de paz e de fraternidade para o Quênia, para a África e para o mundo inteiro.

Depois, no Uganda, a minha visita desenrolou-se no sinal dos Mártires daquele país, a cinquenta anos da sua histórica canonização feita pelo beato Paulo VI. Por isso, o lema foi: «*Sereis minhas testemunhas*» (At 1, 8). Um lema que pressupõe as palavras imediatamente precedentes: «Recebereis a força do Espírito Santo», porque é o Espírito que anima o coração e as mãos dos discípulos missionários. E no Uganda a visita inteira realizou-se no fervor do testemunho animado pelo Espírito Santo. Em sentido explícito, o testemunho é o serviço dos catequistas, aos quais agradei e encorajei pelo seu compromisso, que muitas vezes abrange até as suas famílias. Testemunho é o da caridade, que toquei com a mão na Casa de Nalukolongo, mas que conta com a participação de numerosas comunidades e associações ao serviço dos mais pobres, dos portadores de deficiência e dos enfermos. Testemunho é o dos jovens que, apesar das dificuldades, conservam o dom da esperança e procuram viver em conformidade com o Evangelho, e não segundo o mundo, indo contra a corrente. Testemunhas são os sacerdotes, os consagrados e as consagradas, que renovam dia após dia o seu «sim» total a Cristo, dedicando-se com alacridade ao serviço do santo povo de Deus. E há mais um grupo de testemunhas, mas deles falarei mais tarde. Todo este testemunho multiforme, animado pelo mesmo Espírito Santo, é fermento para a sociedade inteira, como demonstra a obra eficaz levada a cabo no Uganda na luta contra a sida e no acolhimento dos refugiados.

A terceira etapa da viagem foi a República Centro-Africana, no coração geográfico do continente: trata-se precisamente do coração da África! Na realidade, na minha intenção esta visita era a primeira, porque aquele país procura sair de um período muito difícil, de conflitos violentos e de tanto

sofrimento para a população. Foi por isto que desejei abrir precisamente ali, em Bangui, com uma semana de antecipação, a primeira Porta Santa do Jubileu da Misericórdia, como sinal da fé e de esperança para aquele povo e, simbolicamente, para todas as populações africanas, as mais necessitadas de resgate e de alívio. O convite de Jesus aos discípulos: «*Passemos à outra margem*» (Lc 8, 22), foi o lema para a República Centro-Africana. Em sentido civil, «passar à outra margem» significa deixar atrás de si a guerra, as divisões e a miséria, e escolher a paz, a reconciliação e o desenvolvimento. Contudo, isto pressupõe uma «passagem» que se verifica nas consciências, nas atitudes e nas intenções das pessoas. E neste plano, a contribuição das comunidades religiosas é determinante. Por isso, encontrei-me com as Comunidades evangélicas e com a muçulmana, compartilhando a oração e o compromisso a favor da paz. Com os sacerdotes e os consagrados, mas também com os jovens, pudemos partilhar a alegria de sentir que o Senhor ressuscitado está ao nosso lado na barca, é Ele quem a guia rumo à outra margem. E finalmente na última Missa, no estádio de Bangui, na festa do apóstolo André, pudemos renovar o compromisso a seguir Jesus, nossa esperança, nossa paz, Rosto da Misericórdia Divina. Esta última Missa foi maravilhosa: nela participaram muitíssimos jovens, um estádio de juventude! No entanto, mais de metade da população da República Centro-Africana são menores de idade, têm menos de 18 anos: uma promessa para ir em frente!

Gostaria de dizer uma palavra sobre os missionários. Homens e mulheres que deixaram a pátria, tudo... Quando eram jovens, partiram para lá, levando uma vida de trabalho muito árduo, e às vezes até dormindo no chão. A uma certa altura, encontrei-me em Bangui com uma religiosa italiana. Via-se que era idosa: «Quantos anos tem?», perguntei-lhe: «81». «Mas não eram muitos, era dois mais mais velha do que eu». Aquela irmã estava lá desde quando tinha 23-24 anos: a vida inteira! E como ela, muitas! Estava com uma criança. Em

italiano, a menina dizia: «Avó!». Então, a religiosa disse-me: «Eu não sou daqui, mas do país vizinho, do Congo; e vim de canoa, com esta menina». Os missionários são assim: intrépidos! «E o que a senhora faz, irmã?». «Eu sou enfermeira, também estudei um pouco aqui e tornei-me parteira: fiz nascer 3.280 crianças!». Eis quanto ela me disse. A vida inteira a favor da vida, da vida dos outros. E como esta religiosa, há muitas outras: numerosas irmãs, sacerdotes, religiosos que consomem a própria vida para anunciar Jesus Cristo. É bonito ver isto. É lindo!

Gostaria de dizer uma palavra aos jovens. Mas há poucos, porque parece que na Europa a natalidade é um luxo: natalidade zero, natalidade 1%. Mas dirijo-me aos jovens: pensai no que fazeis da vossa vida. Pensai naquela religiosa e em muitas outras como ela, que deram a vida e tantas morreram lá. A missionariedade não consiste em fazer proselitismo: aquela irmã dizia-me que as mulheres muçulmanas vão ter com elas porque as religiosas são boas enfermeiras que as curam bem, sem fazer catequese alguma para as converter! Dão testemunho; depois, às que quiserem fazem a catequese. Mas o testemunho: nisto consiste a missionariedade, grandiosa e heróica, da Igreja. Anunciar Jesus Cristo com a própria vida! Dirijo-me aos jovens: pensa tu o que queres fazer da tua vida. É o momento de pensar e de pedir ao Senhor que te faça sentir a sua vontade. Mas por favor, não excludas a possibilidade de te tornares missionário, para levar o amor, a humanidade e a fé a outros países. Não para fazer proselitismo: não! Quantos o fazem procuram algo diferente. A fé prega-se em primeiro lugar com o testemunho e depois com a palavra. Lentamente.

Juntos louvemos o Senhor por esta peregrinação à terra da África, e deixemo-nos orientar pelas suas palavras-chave: «*Permanecei firmes na fé, não tenhais medo!*»; «*Sereis minhas testemunhas*»; «*Passemos à outra margem*».

Saudações

Dirijo uma cordial saudação aos peregrinos de língua portuguesa aqui presentes. Neste início de Advento, perguntemo-nos como viver mais profundamente o nosso compromisso de seguir o Rosto da Misericórdia Divina que é Jesus, nossa esperança e nossa paz. Que Deus vos abençoe!

AUDIÊNCIA GERAL

Quarta-feira, 2 de dezembro de 2015

Viagem Apostólica à Polónia

Hoje gostaria de refletir brevemente sobre a Viagem Apostólica que realizei recentemente à Polónia.

A ocasião da visita foi a Jornada mundial da juventude, 25 anos depois daquela histórica celebrada em Czestochowa após a queda da «cortina de ferro». Nestes 25 anos a Polónia mudou, a Europa mudou e também o mundo mudou, e esta JMJ tornou-se *um sinal profético* para a Polónia, a Europa e o mundo. A nova geração de jovens, herdeiros e continuadores da peregrinação iniciada por são João Paulo II, ofereceram a resposta ao desafio de hoje, deram um sinal de esperança e este sinal chama-se *fraternidade*. Porque, precisamente neste mundo de guerra, são necessários fraternidade, proximidade, diálogo e amizade. E este é o sinal da esperança: quando existe fraternidade.

Iniciemos precisamente dos *jovens*, que foram o primeiro motivo desta Viagem. Mais uma vez responderam ao chamado: provenientes de todo o mundo — alguns deles ainda estão aqui! [indicou os peregrinos na Sala] — uma festa de cor, de rostos diversos, de línguas, de histórias diferentes. Não sei como fazeis: falais línguas diferentes mas conseguis compreender-vos! E porquê? Porque sentem a mesma vontade de caminhar juntos, de construir pontes de fraternidade. Trouxeram inclusive as suas feridas, com as suas dúvidas, mas sobretudo com a alegria de se encontrar; e mais uma vez formaram um mosaico de fraternidade. Podemos falar de um mosaico de fraternidade. Uma imagem emblemática das Jornadas mundiais da juventude é a extensão multicolor de bandeiras que tremulam: com efeito, na JMJ, as bandeiras das nações ficam ainda mais bonitas, por assim dizer «purificam-se», e até as bandeiras de nações em conflito entre si tremulam uma ao lado da outra. Isto é lindo! Também aqui há bandeiras... mostrai-as!

Deste modo, no seu grande encontro jubilar, os jovens do mundo acolheram a mensagem da Misericórdia para a levar a toda parte em obras espirituais e corporais. Agradeço a todos os jovens que foram a Cracóvia! Agradeço também aos que se uniram a nós de todas as partes da Terra! Porque em muitos países se realizaram pequenas JMJ em ligação com Cracóvia. O dom que recebestes se torne resposta diária à chamada do Senhor. Dirijo uma recordação cheia de afeto a Susanna, a jovem romana que faleceu imediatamente depois de ter participado na JMJ, em Viena. O Senhor, que certamente a recebeu no Céu, conforte os seus familiares e amigos.

Nesta Viagem visitei o Santuário de Czestochowa. Diante da imagem de Nossa Senhora, recebi o dom do olhar da Mãe, que de maneira particular é Mãe do povo polaco, daquela nobre nação que tanto sofreu e, com a força da fé e da sua mão materna, sempre se levantou. Acabei de cumprimentar alguns polacos aqui. Sois muito bons! Lá, sob aquele olhar, compreende-se o sentido espiritual do caminho deste povo, cuja história está ligada de modo inseparável à Cruz de Cristo. Lá sente-se a fé do santo povo fiel de Deus, que conserva a esperança através das provações; e preserva também aquela sabedoria que é equilíbrio entre tradição e inovação, entre memória e futuro. E hoje a Polónia recorda a toda a Europa que não pode existir um futuro para o continente sem os seus valores fundantes, os quais por sua vez põem no centro a visão cristã do homem. Entre tais valores está a *misericórdia*, da qual foram apóstolos especiais dois grandes filhos da terra polaca: santa Faustina Kowalska e são João Paulo II.

Por fim, esta viagem teve o horizonte do mundo, um mundo chamado a responder ao desafio de uma guerra «aos pedaços» que o está a ameaçar. O grande silêncio da visita a Auschwitz-Birkenau foi mais eloquente do que qualquer palavra. Naquele silêncio ouvi, senti a presença de todas as almas que por lá passaram; senti a compaixão, a misericórdia de Deus, que algumas almas santas souberam levar até àquele abismo. Naquele grande silêncio rezei por

todas as vítimas da violência e da guerra. Naquele lugar compreendi mais do que nunca o valor da memória, não só como lembrança de eventos passados, mas como advertência e responsabilidade para o hoje e o amanhã, a fim de que a semente do ódio e da violência não brote nos sulcos da história. E nesta memória das guerras e das muitas feridas, de tantos sofrimentos vividos, há muitos homens e mulheres de hoje que sofrem as guerras, tantos nossos irmãos e irmãs. Observando tal crueldade no campo de concentração, pensei nas crueldades de hoje, que são semelhantes: não tão concentradas como ali, mas em todo o mundo; este mundo que está doente de crueldade, de sofrimento, de guerra, de ódio, de tristeza. É por isso que sempre vos peço a oração: que o Senhor nos dê a paz!

Por tudo isto, agradeço ao Senhor e à Virgem Maria. Exprimo novamente a minha gratidão ao Presidente da Polónia e às demais Autoridades, ao Cardeal Arcebispo de Cracóvia e a todo o Episcopado polaco, a todos os que, de mil modos, tornaram possível este evento que ofereceu um sinal de fraternidade e paz à Polónia, à Europa e ao mundo. Gostaria de agradecer também aos jovens voluntários, que durante mais de um ano trabalharam a fim de preparar este evento; e também aos que trabalham nos meios de comunicação: obrigado por terdes feito com que esta Jornada fosse vista em todo o mundo. E não me posso esquecer da Anna Maria Jacobini, uma jornalista italiana que perdeu a vida lá. De repente. Rezemos por ela, que faleceu quando desempenhava o seu serviço. Obrigado!

Saudações

Amanhã visitarei a Basílica Papal de Santa Maria dos Anjos, a Porciúncula, por ocasião do VIII centenário do «Perdão de Assis». Será uma peregrinação muito simples mas significativa neste Ano Santo da Misericórdia. Peço a todos que me acompanhem com a oração, invocando a luz e a força do Espírito Santo e a celeste intercessão de São Francisco.

Saúdo cordialmente os peregrinos de língua portuguesa, em particular os fiéis do Rio de Janeiro e as Irmãs de Santa Marcelina, desejando-vos o dom daquele olhar de Nossa Senhora que tive pousado sobre mim em Częstochowa: Ela conforta todos aqueles que estão na provação e mantém aberto o horizonte da esperança. Enquanto vos entrego, a vós e às vossas famílias à sua proteção, invoco sobre todos a Bênção de Deus.

Bons votos em vista dos Jogos Olímpicos no Rio de Janeiro

Queria agora dirigir uma saudação afetuosa ao povo brasileiro, em particular à cidade do Rio de Janeiro, que acolhe atletas e torcedores do mundo inteiro por ocasião das Olimpíadas. Diante de um mundo que está sedento de paz, tolerância e reconciliação, faço votos de que o espírito dos Jogos Olímpicos possa inspirar a todos, participantes e espectadores, a combater o bom combate e a terminar juntos a corrida (cf. 2 Tm 4, 7-8), almejando alcançar como prêmio não uma medalha, mas algo muito mais valioso: a realização de uma civilização onde reine a solidariedade, fundada no reconhecimento de que todos somos membros de uma única família humana, independentemente das diferenças de cultura, cor da pele ou religião. E aos brasileiros, que com sua característica alegria e hospitalidade organizam a Festa do Esporte, desejo que esta seja uma oportunidade para superar os momentos difíceis e comprometer-se a «trabalhar em equipe» para a construção de um país mais justo e mais seguro, apostando num futuro cheio de esperança e alegria! Que Deus abençoe a todos!

AUDIÊNCIA GERAL - Sala Paulo VI

Quarta-feira, 3 de agosto de 2016

Viagem Apostólica à Geórgia e Azerbaijão

No fim de semana passado realizei a viagem apostólica à Geórgia e ao Azerbaijão. Dou graças ao Senhor que mo concedeu e renovo a expressão do meu reconhecimento às Autoridades civis e religiosas destes dois países, de maneira particular ao Patriarca de toda a Geórgia, Elias II — o seu testemunho fez muito bem ao meu coração e à minha alma — e ao Xequê dos Muçulmanos do Cáucaso. Um agradecimento fraternal aos Bispos, aos sacerdotes, aos religiosos e a todos os fiéis que me fizeram sentir o seu carinho caloroso.

Esta viagem foi a continuação e a conclusão daquela que fiz à Arménia, no mês de junho. Deste modo — graças a Deus! — pude realizar o projeto de visitar os três países caucásicos, para confirmar a Igreja católica que vive ali e para encorajar o caminho daquelas populações rumo à paz e à fraternidade. Evidenciavam-no também os dois lemas desta última viagem: «*Pax vobis*» para a Geórgia e «Somos todos irmãos» para o Azerbaijão.

Ambos estes países têm raízes históricas, culturais e religiosas muito antigas, mas ao mesmo tempo vivem uma fase nova: efetivamente, os dois celebram este ano o 25º aniversário da própria independência, tendo vivido durante uma boa parte do século XX sob o regime soviético. E nesta fase enfrentam diversas dificuldades nos vários âmbitos da vida social. A Igreja católica é chamada a estar presente e próxima, especialmente no sinal da caridade e da promoção humana; e ela procura fazê-lo em comunhão com as outras Igrejas e Confissões cristãs e em diálogo com as demais comunidades religiosas, na certeza de que Deus é Pai de todos, e nós somos irmãos e irmãs.

Na Geórgia, esta missão naturalmente passa através da colaboração com os irmãos ortodoxos, que formam a grande maioria da população. Por isso, foi um sinal muito importante o facto de que, quando cheguei a Tbilisi, encontrei à

minha espera no aeroporto, além do Presidente da República, também o venerável Patriarca Elias II. O encontro com ele naquela tarde foi comovedor, como o foi igualmente no dia seguinte a visita à Catedral patriarcal, onde se venera a relíquia da túnica de Cristo, símbolo da unidade da Igreja. Esta unidade é corroborada pelo sangue de numerosos mártires das várias Confissões cristãs. Entre as comunidades mais provadas encontra-se a assírio-caldeia, com a qual vivi em Tbilisi um intenso momento de oração pela paz na Síria, no Iraque e em todo o Médio Oriente.

A Missa com os fiéis católicos da Geórgia — latinos, arménios e assírio-caldeus — foi celebrada na memória de santa Teresa do Menino Jesus, padroeira das missões: ela recorda-nos que a missão autêntica nunca é proselitismo, mas atração a Cristo a partir da forte união com Ele na oração, na adoração e na caridade concreta, que é serviço a Jesus presente no mais pequenino dos irmãos. É o que fazem os religiosos e as religiosas com os quais me encontrei em Tbilisi, e sucessivamente também em Baku: fazem-no com a oração e com as obras de caridade e de promoção. Encorajei-os a permanecer firmes na fé, com memória, coragem e esperança. E além disso há as famílias cristãs: como é preciosa a sua presença de acolhimento, acompanhamento, discernimento e integração na comunidade!

Este estilo de presença evangélica como semente do Reino de Deus é, se possível, ainda mais necessário no Azerbaijão, onde a maioria da população é muçulmana e os católicos são poucas centenas, mas graças a Deus têm boas relações com todos e, em particular, mantêm vínculos fraternais com os cristãos ortodoxos. Por isso em Baku, capital do Azerbaijão, vivemos dois momentos que a fé sabe manter na justa relação: a Eucaristia e o encontro inter-religioso. A Eucaristia com a pequena comunidade católica, onde o Espírito harmoniza as diferentes línguas, infundindo a força do testemunho; e esta comunhão em Cristo não impede, ao contrário, impele a buscar o encontro e o diálogo com

todos aqueles que acreditam em Deus, para construir juntos um mundo mais justo e fraterno. Nesta perspectiva, dirigindo-me às Autoridades azerbaijanas, fiz votos de que as questões abertas possam encontrar soluções positivas e todas as populações caucásicas vivam na paz e no respeito recíproco.

Deus abençoe a Arménia, a Geórgia e o Azerbaijão, acompanhando o caminho do seu povo santo, peregrino naqueles países.

Saudações

Dirijo uma saudação cordial aos peregrinos de língua portuguesa, particularmente aos fiéis de Angola, Brasil e Portugal. Queridos amigos, obrigado pela vossa presença e sobretudo pelas vossas orações! Peçamos ao Espírito Santo, artífice da unidade da Igreja e entre os homens, que nos ajude a buscar sempre o diálogo com as pessoas de boa vontade, para que possamos construir um mundo de paz e solidariedade. Que Deus vos abençoe a vós e a vossos entes queridos!

Saúdo cordialmente todos os polacos presentes e de modo especial os ex-prisioneiros do campo de concentração de Auschwitz. Hoje celebramos a memória de santa Faustina Kowalska. Ela recordou ao mundo que Deus é rico de misericórdia e que o seu amor é maior do que a morte, o pecado e o mal. Esta mensagem de Jesus misericordioso, a ela confiada, frutifique na vossa vida com o aprofundamento da união com Deus e com as obras de misericórdia. Confiando-nos, bem como os difíceis problemas do mundo ao Senhor, repitamos com frequência: «Jesus, confio em Vós!». Louvado seja Jesus Cristo.

Enfim penso nos jovens, nos doentes e nos recém-casados. Outubro é o mês missionário, durante o qual somos convidados a rezar intensamente à Virgem Maria, Rainha das Missões: caros jovens, sede missionários do Evangelho nos vossos ambientes com a misericórdia e a ternura de Jesus; amados enfermos, ofereci o vosso sofrimento pela conversão dos distantes e dos indiferentes; e vós, diletos recém-casados, sede missionários na vossa família, anunciando o Evangelho da salvação com a Palavra e o exemplo.

AUDIÊNCIA GERAL - Praça São Pedro

Quarta-feira, 5 de outubro de 2016

Viagem Apostólica ao Egito

Hoje desejo falar-vos sobre a Viagem apostólica que, com a ajuda de Deus, realizei recentemente ao Egito. Fui àquele país na sequência de um quádruplo convite: do Presidente da República, de Sua Santidade o Patriarca Copto-ortodoxo, do Grande Imã de Al-Azhar e do Patriarca Copto-Católico. Agradeço a cada um deles o acolhimento que me reservaram, verdadeiramente caloroso. E agradeço a todo o povo egípcio a participação e o afeto com que viveu esta visita do Sucessor de Pedro.

O Presidente e as Autoridades civis empenharam-se de forma extraordinária para que este evento pudesse desenrolar-se da melhor maneira possível; para que fosse um sinal de paz, um sinal de paz para o Egito e para toda aquela região, que infelizmente sofre pelos conflitos e pelo terrorismo. Com efeito, o lema da Viagem foi «*O Papa da paz num Egito de paz*».

A minha visita à Universidade Al-Azhar, a mais antiga universidade islâmica e máxima instituição académica do Islão sunita, teve um duplo horizonte: o *diálogo* entre os cristãos e os muçulmanos e, ao mesmo tempo, a promoção da *paz* no mundo. Em Al-Azhar teve lugar o encontro com o Grande Imã, encontro que depois abrangeu a Conferência Internacional pela Paz. Neste contexto apresentei uma reflexão que valorizou a história do Egito como *terra de civilização* e *terra de aliança*. Para toda a humanidade o Egito é sinónimo de civilização antiga, de tesouros de arte e de conhecimento; e isto recorda-nos que a paz se constrói mediante a educação, a formação da sabedoria, de um humanismo que engloba como parte integrante a dimensão religiosa, a relação com Deus, como recordou o Grande Imã no seu discurso. A paz constrói-se também partindo novamente da aliança entre Deus e o homem, fundamento da aliança entre todos os homens, baseada no Decálogo escrito nas tábuas de

pedra do Sinai, mas muito mais profundamente no coração de cada homem de todos os tempos e lugares, lei que se resume nos dois mandamentos do amor de Deus e do próximo.

Este mesmo fundamento está na base da construção da ordem social e civil, em que são chamados a colaborar todos os cidadãos, de todas as origens, culturas e religiões. Esta visão de laicidade sadia emergiu durante o intercâmbio de discursos com o Presidente da República do Egito, na presença das autoridades do país e do Corpo diplomático. O grande património histórico e religioso do Egito e o seu papel na região do Médio Oriente conferem-lhe uma tarefa peculiar no caminho rumo a uma paz estável e duradoura, que não se apoie no direito da força, mas na força do direito.

Os cristãos, no Egito assim como em cada nação da terra, estão chamados a ser fermento de fraternidade. E isto só é possível se viverem em si mesmos a comunhão em Cristo. Um forte sinal de comunhão, graças a Deus, foi possível oferecê-lo juntamente com o meu querido irmão Papa Tawadros II, Patriarca dos Coptas ortodoxos. Renovamos o compromisso, assinando inclusive uma Declaração Conjunta, de caminhar juntos e de nos comprometermos a fim de que não se repita o Batismo administrado nas respetivas Igrejas. Rezamos juntos pelos mártires dos recentes atentados que atingiram tragicamente aquela Igreja venerável; e o seu sangue fecundou aquele encontro ecuménico, no qual participou também o Patriarca de Constantinopla Bartolomeu: o Patriarca ecuménico, meu querido irmão.

O segundo dia da viagem foi dedicado aos fiéis católicos. A Santa Missa celebrada no Estádio disponibilizado pelas autoridades egípcias foi uma festa de fé e de fraternidade, em que sentimos a presença viva do Senhor Ressuscitado. Ao comentar o Evangelho, exortei a pequena comunidade católica no Egito a reviver a experiência dos discípulos de Emaús: a encontrar sempre em Cristo,

Palavra e Pão de vida, a alegria da fé, o fervor da esperança e a força de testemunhar no amor que «encontramos o Senhor!».

Vivi o último momento juntamente com os sacerdotes, os religiosos, as religiosas e os seminaristas, no Seminário Maior. Há muitos seminaristas: esta é uma consolação! Foi uma liturgia da Palavra, na qual foram renovadas as promessas de vida consagrada. Nesta comunidade de homens e mulheres que escolheram oferecer a vida a Cristo pelo Reino de Deus, vi a beleza da Igreja no Egito, e rezei por todos os cristãos no Médio Oriente, para que, guiados pelos seus pastores e acompanhados pelos consagrados, sejam sal e luz naquelas terras, no meio daqueles povos. O Egito, para nós, foi sinal de esperança, de refúgio, de ajuda. Quando aquela parte do mundo estava faminta, Jacob, com os seus filhos, foi lá ter; depois, quando Jesus foi perseguido, foi para lá. Por isso, narrar-vos esta viagem significa percorrer o caminho da esperança: para nós o Egito é aquele sinal de esperança tanto para o passado como para o presente, desta fraternidade que eu quis contar-vos.

Agradeço novamente a quantos tornaram possível esta Viagem e aqueles que de diversas maneiras deram a própria contribuição, especialmente as muitas pessoas que ofereceram as suas orações e os seus sofrimentos. A Sagrada Família de Nazaré, que emigrou para as margens do Nilo fugindo da violência de Herodes, abençoe e proteja sempre o povo egípcio e o guie pelas sendas da prosperidade, da fraternidade e da paz.

Obrigado!

Saudações

Queridos peregrinos de *língua portuguesa*, sede bem-vindos! A todos saúdo com grande afeto e alegria, de modo especial os grupos vindos do Brasil: os membros da Federação brasileira de Academias de Medicina, bem como os fiéis de Ribeirão Preto, Londrina e Caratinga. Desça sobre vós e vossas famílias a bênção de Deus.



No dia da Festa dos Santos Filipe e Tiago desejo a cada um de vós que a recordação dos Apóstolos, anunciadores jubilosos do Ressuscitado, aumente a fé e encoraje o testemunho do Evangelho.

Enfim, saúdo os *jovens*, os *doentes* e os *recém-casados*. No início do mês mariano invoquemos a intercessão celeste de Maria, Mãe de Jesus. Queridos jovens, aprendei a rezar por ela com a oração simples e eficaz do Rosário; queridos doentes, Nossa Senhora seja o vosso apoio nas provações da dor; queridos recém-casados, imitai o seu amor por Deus e pelos irmãos!

AUDIÊNCIA GERAL - Praça São Pedro

Quarta-feira, 3 de maio de 2017

Viagem Apostólica à Colômbia

Como sabeis, nos dias passados realizei a viagem apostólica à Colômbia. De todo o coração dou graças ao Senhor por este grande dom; e desejo renovar a expressão do meu reconhecimento ao Senhor Presidente da República, que me recebeu com tanta cortesia, aos Bispos colombianos que muito trabalharam — para preparar esta visita, assim como às Autoridades do país, e a quantos colaboraram com a realização desta visita. Transmito um agradecimento especial ao povo colombiano que me acolheu com muito afeto e tanta alegria! Um povo jubiloso entre os muitos sofrimentos, mas alegre; um povo com esperança. Um dos aspetos que mais me impressionaram em todas as cidades, no meio da multidão, foram os pais e as mães com os filhos, que os erguiam para que o Papa os abençoasse, mas também com orgulho mostravam os próprios filhos como se dissessem: “Este é o nosso orgulho! Esta é a nossa esperança”. Pensei: um povo capaz de ter filhos e de os mostrar com orgulho, como esperança: este povo tem futuro. Gostei muito disto.

De modo particular nesta viagem senti a continuidade com os dois Papas que antes de mim visitaram a Colômbia: o beato Paulo VI, em 1968, e São João Paulo II, em 1986. Uma continuidade fortemente animada pelo Espírito, que guia os passos do povo de Deus nos caminhos da história.

O lema da viagem foi “Demos el primer paso”, isto é, “Demos o primeiro passo”, referido ao processo de reconciliação que a Colômbia vive para sair de meio século de conflito interno, que semeou sofrimentos e inimizades, causando tantas feridas, difíceis de cicatrizar. Mas com a ajuda de Deus o caminho já começou. Com a minha visita quis abençoar o esforço daquele povo, confirmá-lo na fé e na esperança, e receber o seu testemunho, que é uma

riqueza para o meu ministério e para toda a Igreja. O testemunho deste povo é uma riqueza para toda a Igreja.

A Colômbia — como a maior parte das nações latino-americanas — é um país no qual as raízes cristãs são fortíssimas. E se este facto torna ainda mais aguda a dor pela tragédia da guerra que o dilacerou, ao mesmo tempo constitui a garantia da paz, o firme fundamento da sua reconstrução, a linfa da sua esperança invencível. É evidente que o maligno quis dividir o povo para destruir a obra de Deus, mas também é evidente que o amor de Cristo, a sua infinita Misericórdia é mais forte do que o pecado e a morte.

Esta viagem levou a bênção de Cristo, a bênção da Igreja ao desejo de vida e de paz que transborda do coração daquela nação: pude observar isto nos olhos dos milhares e milhares de crianças, adolescentes e jovens que encheram a praça de Bogotá e que encontrei em toda parte; aquela força de vida que também a própria natureza proclama com a sua exuberância e a sua biodiversidade. A Colômbia é o segundo país do mundo pela biodiversidade. Em Bogotá pude encontrar-me com os Bispos do país e também com o Comité Diretivo da Conferência Episcopal Latino-americana. Dou graças a Deus por os ter podido abraçar e lhes ter dado o meu encorajamento pastoral, para a sua missão ao serviço da Igreja, sacramento de Cristo nossa paz e nossa esperança.

O dia dedicado de modo particular ao tema da *reconciliação*, momento culminante de toda a viagem, foi realizado em Villavicencio. Na parte da manhã houve a grande celebração eucarística, com a beatificação dos mártires Jesús Emilio Jaramillo Monsalve, bispo, e Pedro María Ramírez Ramos, sacerdote; à tarde, a especial Liturgia de Reconciliação, simbolicamente orientada para o Cristo de Bocayá, sem braços nem pernas, mutilado como o seu povo.

A beatificação dos dois mártires recordou plasticamente que a paz se funda também e talvez sobretudo, no sangue de tantas testemunhas do amor,

da verdade, da justiça, e de mártires verdadeiros, assassinados pela fé, como os dois que acabei de citar. Ouvir as suas biografias foi comovedor até às lágrimas: lágrimas de dor e de alegria ao mesmo tempo. Diante das relíquias e das suas imagens, o santo povo fiel de Deus sentiu com força a própria identidade, com dor, pensando nas muitas, demasiadas vítimas, e com alegria, pela misericórdia de Deus que se estende sobre os que o temem (cf. *Lc 1, 50*).

«Misericórdia e verdade encontrar-se-ão, / justiça e paz beijar-se-ão» (*Sl 85, 11*), escutámos no início. Este versículo do salmo contém a profecia do que aconteceu de veras na última sexta-feira na Colômbia; a profecia e a graça de Deus por aquele povo ferido, a fim de que possa ressurgir e caminhar numa vida nova. Vimos estas palavras proféticas cheias de graça encarnadas nas histórias das testemunhas, que falaram em nome de muitos e muitos que, a partir das suas feridas, com a graça de Cristo, saíram de si mesmos e abriram-se ao encontro, ao perdão, à reconciliação.

Em Medellín a perspectiva foi a da *vida cristã como discipulado*: a vocação e a missão. Quando os cristãos se esforçam até ao fim no caminho do seguimento de Jesus Cristo, tornam-se de veras sal, luz e fermento no mundo, e veem-se frutos abundantes. Um destes frutos são os Hogares, isto é, as casas onde crianças e adolescentes feridos pela vida podem encontrar uma nova família na qual são amados, acolhidos, protegidos e acompanhados. Outros frutos, abundantes como cachos, são as *vocações* à vida sacerdotal e consagrada, que pude abençoar e encorajar com alegria num encontro inesquecível com os consagrados e os seus familiares.

Por fim, em Cartagena, a cidade de São Pedro Claver, apóstolo dos escravos, o “focus” foi sobre a *promoção da pessoa humana e dos seus direitos fundamentais*. São Pedro Claver, e também mais recentemente santa Maria Bernarda Bütler, deram a vida pelos mais pobres e marginalizados, mostrando

assim a via da verdadeira revolução, a evangélica, não ideológica, que liberta deveras as pessoas e as sociedades das escravidões de ontem e, infelizmente, também de hoje. Neste sentido, “dar o primeiro passo” — o lema da viagem — significa aproximar-se, inclinar-se, tocar a carne do irmão ferido e abandonado. E fazê-lo com Cristo, o Senhor que se tornou escravo por nós. Graças a Ele há esperança, porque Ele é a misericórdia e a paz.

Novamente confio a Colômbia e o seu amado povo à Mãe, Nossa Senhora de Chiquinquirá, que pude venerar na catedral de Bogotá. Com a ajuda de Maria, cada colombiano todos os dias possa *dar o primeiro passo* em direção do irmão e da irmã, e assim construir juntos, dia após dia, a paz no amor, na justiça e na verdade.

Saudação

Queridos peregrinos de língua portuguesa, em particular os numerosos grupos de fiéis vindos do Brasil e de Portugal

Faço votos de que esta romaria possa reforçar em vós a fé em Jesus Cristo, que nos chama a dar o primeiro passo na direção dos nossos irmãos e irmãs necessitados. Retornai a casa certos de que, quando somos generosos, nunca faltam as bênçãos de Deus. Obrigado pelas vossas orações.

AUDIÊNCIA GERAL - Praça São Pedro

Quarta-feira, 13 de setembro de 2017

Viagem Apostólica a Myanmar e Bangladesh

Hoje gostaria de falar sobre a viagem apostólica que realizei recentemente ao Myanmar e ao Bangladesh. Foi um grande dom de Deus e por isso dou-lhe graças por todas as coisas, especialmente pelos encontros que pude realizar. Renovo a expressão da minha gratidão às autoridades dos dois países e aos respetivos Bispos, por todo o trabalho de preparação e pelo acolhimento reservado a mim e aos meus colaboradores. Desejo transmitir um sentido “obrigado” ao povo birmanês e bengalês, que me demonstraram tanta fé e muito afeto: obrigado!

Pela primeira vez um sucessor de Pedro visitava o Myanmar e isto aconteceu pouco depois que foram estabelecidas relações diplomáticas entre esse país e a Santa Sé.

Desejei, também neste caso, exprimir a *proximidade* de Cristo e da Igreja a um povo que sofreu devido a conflitos e repressões e que agora *está a caminhar lentamente rumo a uma nova condição de liberdade e de paz*. Um povo no qual a religião budista está fortemente radicada, com os seus princípios espirituais e éticos, e onde os cristãos estão presentes como pequeno rebanho e fermento do Reino de Deus. Tive a alegria de confirmar na fé e na comunhão esta Igreja, viva e fervorosa, durante o encontro com os Bispos do país e nas duas celebrações eucarísticas. A primeira foi na grande área desportiva no centro de Yangon, e o Evangelho daquele dia recordou que as perseguições por causa da fé em Jesus são normais para os discípulos, como ocasião de *testemunho*, mas que “nem sequer um fio de cabelo lhes será tocado” (cf. Lc 21, 12-19). A segunda Missa, último ato da visita ao Myanmar, foi dedicada aos jovens: um *sinal de esperança* e um dom especial da Virgem Maria, na catedral que tem o seu nome. Nos rostos daqueles jovens, cheios de alegria, vi o futuro

da Ásia: um futuro que não será de quem fabrica armas, mas de quem semeia fraternidade. E sempre em sinal de esperança benzi as primeiras pedras de 16 igrejas, do seminário e da nunciatura: dezoito!

Além da Comunidade católica, pude encontrar-me com as Autoridades do Myanmar, encorajando os esforços de pacificação do país e fazendo votos para que *todos os vários componentes* da nação, sem excluir ninguém, possam *cooperar para tal processo no respeito recíproco*. Neste espírito, quis encontrar-me com os representantes das diversas comunidades religiosas presentes no país. Em particular, ao Supremo Conselho dos monges budistas manifestei a estima da Igreja pela sua antiga tradição espiritual, e a confiança de que *cristãos e budistas* juntos possam ajudar as pessoas a amar a Deus e ao próximo, rejeitando qualquer violência e opondo-se ao mal com o bem.

Ao deixar o Myanmar, fui ao *Bangladesh*, onde o meu primeiro gesto foi prestar homenagem aos mártires da luta pela independência e ao “Pai da Nação”. A população do Bangladesh é em grande parte de religião muçulmana e, por conseguinte, a minha visita — depois daquelas do beato Paulo VI e de são João Paulo II — *deu um ulterior passo a favor do respeito e do diálogo entre o cristianismo e o islão*.

Recordei às Autoridades do país que a Santa Sé apoiou desde o início a vontade do povo bengalês de se constituir nação independente, assim como a exigência de que nela seja sempre tutelada a liberdade religiosa. Em particular, quis exprimir solidariedade ao Bangladesh no seu compromisso de socorrer os refugiados Rohingya, que afluem em massa ao seu território, onde a densidade demográfica é já uma das mais elevadas do mundo.

A Missa celebrada num histórico parque de Dacca foi enriquecida pela Ordenação de dezasseis sacerdotes, e este foi um dos eventos mais significativos e jubilosos da viagem. De facto, tanto no Bangladesh como no

Myanmar e nos outros países do sudeste asiático, graças a Deus não faltam vocações, sinal de comunidades vivas, nas quais ressoa a voz do Senhor que chama para o seguir. Partilhei esta alegria com os Bispos do Bangladesh e encorajei-os no seu generoso trabalho em prol das famílias, dos pobres, da educação, do diálogo e da paz social. E partilhei esta alegria com muitos sacerdotes, consagradas e consagrados do país, assim como com os seminaristas, as noviças e os noviços, nos quais vi rebentos da Igreja naquela terra.

Em Daca vivemos um momento forte de diálogo inter-religioso e ecuménico, que me deu a oportunidade de evidenciar a abertura do coração como base da cultura do encontro, da harmonia e da paz. Também visitei a “Casa Madre Teresa”, onde a santa se hospedava quando ia àquela cidade, e que acolhe muitos órfãos e pessoas com deficiência. Lá, segundo o carisma delas, as religiosas vivem cada dia a oração de adoração e o serviço a Cristo pobre e sofredor. E nunca falta nos seus lábios o sorriso: religiosas que rezam muito, que servem os sofredores e mantêm continuamente o sorriso. É um bonito testemunho. Agradeço muito a estas irmãs.

O último evento foi com os jovens bengaleses, rico de testemunhos, cantos e danças. Mas como dançam bem, esses bengaleses! Sabem dançar bem! Uma festa que manifestou a alegria do Evangelho recebido por aquela cultura: uma alegria fecundada pelos sacrifícios de tantos missionários, catequistas e pais cristãos. No encontro estavam presentes também jovens muçulmanos e de outras religiões: um sinal de esperança para o Bangladesh, para a Ásia e para o mundo inteiro. Obrigado.

Saudações

Dirijo uma cordial saudação aos peregrinos de língua portuguesa aqui presentes, particularmente aos fiéis brasileiros. Caros amigos, neste início de Advento, somos convidados a ir ao

encontro de Jesus que nos espera em todos os necessitados, aos quais podemos levar a luz do Evangelho e o alívio da caridade. Que Deus vos abençoe!

O meu pensamento agora dirige-se a Jerusalém. Não posso silenciar a minha profunda preocupação pela situação que se criou nos últimos dias e, ao mesmo tempo, lanço um urgente apelo a fim de que seja compromisso de todos respeitar o *status quo* da cidade, em conformidade com as pertinentes Resoluções das Nações Unidas.

Jerusalém é uma cidade única, sagrada para os judeus, os cristãos e os muçulmanos, que nela veneram os Lugares Sagrados das respetivas religiões, e tem uma vocação especial para a paz.

Peço ao Senhor que esta identidade seja preservada e fortalecida em benefício da Terra Santa, do Médio Oriente e do mundo inteiro e que prevaleçam sabedoria e prudência, para evitar que se acrescentem novos elementos de tensão num panorama mundial já agitado e marcado por muitos e cruéis conflitos.

AUDIÊNCIA GERAL - Sala Paulo VI

Quarta-feira, 6 de dezembro de 2017

Viagem Apostólica ao Chile e ao Peru

Esta audiência realiza-se em dois lugares ligados entre si: vós, aqui na praça, e um grupo de crianças um pouco doentes, que estão na Sala. Elas ver-vos-ão e vós as vereis: e assim estamos unidos. Saudemos as crianças que estão na Sala: mas seria melhor que não apanhassem frio, e é por isso que estão lá.

Regressei há dois dias da Viagem Apostólica ao Chile e ao Peru. Um aplauso ao Chile e ao Peru! Dois povos bons, bons... Dou graças ao Senhor porque tudo correu bem: pude encontrar-me com o Povo de Deus a caminho naquelas terras — inclusive com aqueles que não estão a caminho, que estão um pouco parados... mas são boa gente — e encorajar o desenvolvimento social daqueles países. Renovo a minha gratidão às Autoridades civis e aos irmãos Bispos, que me acolheram com muita atenção e generosidade; assim como a todos os colaboradores e voluntários. Pensai que em ambos os países havia mais de vinte mil voluntários: mais de vinte mil no Chile e vinte mil no Peru. Boa gente: na maioria jovens.

A minha chegada ao Chile foi precedida por diversas manifestações de protesto, por vários motivos, como lestes nos jornais. E isto tornou ainda mais atual e vivo o lema da minha visita: «*Mi paz os doy* — Dou-vos a minha paz». São as palavras de Jesus, dirigidas aos discípulos, que repetimos em cada Missa: o dom da paz, que somente Jesus morto e ressuscitado pode oferecer a quantos confiam n'Ele. Não só cada um de nós tem necessidade da paz, mas também o mundo de hoje, nesta terceira guerra mundial aos pedaços... Por favor, oremos pela paz!

No encontro com as Autoridades políticas e civis do país encorajei o caminho da democracia chilena, como espaço de encontro solidário e capaz de incluir as diversidades; para esta finalidade indiquei como método o caminho da

escuta: em particular, a escuta dos pobres, dos jovens e dos idosos, dos imigrantes e também a escuta da terra.

Na primeira *Eucaristia*, celebrada *pela paz e a justiça*, ressoaram as Bem-Aventuranças, especialmente: «Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus» (Mt 5, 9). Uma Bem-Aventurança que deve ser testemunhada com o estilo da proximidade, da vizinhança e da partilha, fortalecendo assim, com a graça de Cristo, o tecido da comunidade eclesial e da sociedade inteira.

Neste estilo de proximidade contam mais as ações que as palavras, e um gesto importante que pude realizar foi visitar a *prisão feminina de Santiago*: o rosto daquelas mulheres, muitas das quais jovens mães, com os seus filhinhos ao colo, apesar de tudo exprimiam muita esperança. Encorajei-as a exigir, de si mesmas e das instituições, um sério caminho de preparação para a reinserção, como horizonte que dá sentido à pena quotidiana. Não podemos pensar num cárcere, em qualquer prisão, sem esta dimensão da reinserção, porque se não houver esta esperança da reinserção social, o cárcere será uma tortura infinita. Ao contrário, quando nos esforçamos para reinserir — até os condenados à prisão perpétua podem voltar a inserir-se — mediante o trabalho da prisão a favor da sociedade, abre-se um diálogo. Mas um cárcere deve ter sempre esta dimensão da reinserção, sempre.

Com *os sacerdotes e os consagrados*, e com *os Bispos* do Chile, vivi dois encontros muito intensos, que se tornaram ainda mais fecundos pelo sofrimento partilhado por causa de algumas feridas que afligem a Igreja naquele país. Em particular, confirmei os meus irmãos na rejeição de qualquer cumplicidade com os abusos sexuais contra menores e, ao mesmo tempo, na confiança em Deus que, através desta dura prova, purifica e renova os seus ministros.

As outras duas Missas no Chile foram celebradas, uma no sul e a outra no norte. No sul, na Araucanía, terra onde vivem os índios Mapuches, transformou em alegria os dramas e as dificuldades deste povo, lançando um apelo a favor de uma paz que seja harmonia das diversidades e da rejeição de toda a violência. No norte, em Iquique, entre o oceano e o deserto, foi um hino ao encontro entre os povos, que se exprime de modo singular na religiosidade popular.

Os encontros com os jovens e com a Universidade Católica do Chile responderam ao desafio crucial de conferir um sentido relevante à vida das novas gerações. Aos jovens deixei a palavra programática de Santo Alberto Hurtado: “Que faria Cristo no meu lugar?”. E à Universidade propus um modelo de formação integral, que traduz a identidade católica em capacidade de participar na construção de sociedades unidas e plurais, onde os conflitos não são ocultados, mas geridos no diálogo. Há sempre conflitos: até em casa; existem sempre. Mas, tratar mal os conflitos é pior ainda. Não se devem esconder os conflitos debaixo da cama: os conflitos que vêm à tona devem ser enfrentados e resolvidos mediante o diálogo. Pensai nos pequenos conflitos que certamente tendes em casa: não deveis escondê-los, mas enfrentá-los. Procurai o momento e falai entre vós: o conflito resolve-se assim, com o diálogo.

No Peru, o lema da Visita foi: “*Unidos por la esperanza — Unidos pela esperanza*”. Unidos não numa uniformidade estéril, todos iguais: isto não é união; mas em toda a riqueza das diferenças que herdamos da história e da cultura. Testemunhou-o emblematicamente o encontro com os povos da Amazônia peruana, que deu também início ao itinerário do Sínodo pan-amazónico, convocado para o mês de outubro de 2019, assim como o testemunharam os momentos vividos com a população de Puerto Maldonado e com as crianças da Casa de acolhimento “O Príncipezinho”. Juntos, dissemos “não” à colonização económica e à colonização ideológica.

Falando às Autoridades políticas e civis do Peru, apreciei o património ambiental, cultural e espiritual daquele país, e pus em evidência as duas realidades que mais gravemente o ameaçam: a degradação ecológico-social e a corrupção. Não sei se aqui ouvistes falar de corrupção... não sei... Ela não existe só naqueles lados: também aqui, e é mais perigosa que a gripe! Mistura-se e arruína os corações. A corrupção arruína os corações. Por favor, não à corrupção! E salientei que ninguém está isento da responsabilidade diante destes dois flagelos, e que o compromisso para os contrastar diz respeito a todos.

A primeira Missa pública no Peru, celebrei-a à beira-mar, nos arredores da cidade de *Trujillo*, onde a tempestade chamada “Niño costeiro” no ano passado atingiu duramente a população. Por isso, encorajei-a a reagir a essa e também a outras tempestades, como a criminalidade, a falta de educação, de trabalho e de alojamento seguro. Em Trujillo encontrei-me também com os sacerdotes e os consagrados do norte do Peru, partilhando com eles a alegria da chamada e da missão, e a responsabilidade da comunhão na Igreja. Exortei-os a ser ricos de memória e fiéis às suas raízes. E entre estas raízes há a devoção popular à Virgem Maria. Ainda em Trujillo teve lugar a celebração mariana durante a qual coroei a Virgem da Porta, proclamando-a “Mãe da Misericórdia e da Esperança”.

O último dia da viagem, domingo passado, transcorri-o em Lima, com um forte significado espiritual e eclesial. No Santuário mais célebre do Peru, onde se venera a pintura da Crucificação, chamada “*Señor de los Milagros*”, encontrei-me com aproximadamente 500 religiosas de clausura, de vida contemplativa: um verdadeiro “pulmão” de fé e de oração para a Igreja e para a sociedade inteira. Na Catedral realizei um especial ato de oração por intercessão dos Santos peruanos, seguindo-se o encontro com os Bispos do país, aos quais propus a figura exemplar de São Turíbio de Mongrovejo. Também aos

jovens peruanos indiquei os Santos como homens e mulheres que não perderam tempo a “pintar” a própria imagem, mas seguiram Cristo, que os fitou com esperança. Como sempre, a palavra de Jesus dá sentido pleno a tudo, e assim também o Evangelho da última celebração eucarística resumiu a mensagem de Deus ao seu povo no Chile e no Peru: «Convertei-vos e acreditai no Evangelho» (Mc 1, 15). Assim — parecia dizer o Senhor — *recebereis a paz que Eu vos concedo e estareis unidos na minha esperança*. Eis, mais ou menos, o resumo desta minha viagem. Oremos por estas duas Nações irmãs, o Chile e o Peru, a fim de que o Senhor as abençoe.

Saudação

Saúdo os queridos peregrinos de língua portuguesa, em particular os grupos de fiéis vindos de Bragança Paulista e Maringá, com votos de ser fortes na fé em Jesus Cristo, que nos convida a abrir os nossos corações aos irmãos e irmãs necessitados. Assim nos convertemos em verdadeiros promotores da paz. Deus vos abençoe. Obrigado pelas vossas orações!

Apelo

Infelizmente, continuam a chegar notícias preocupantes da República Democrática do Congo. Portanto, renovo o meu apelo para que todos se esforcem por evitar quaisquer formas de violência. Por sua vez, a Igreja só quer contribuir para a paz e o bem comum da sociedade.

AUDIÊNCIA GERAL - Praça São Pedro

Quarta-feira, 24 de janeiro de 2018

Viagem Apostólica à Lituânia

Nos dias passados realizei uma viagem apostólica à Lituânia, Letónia e Estónia, por ocasião do centenário da independência desses países, chamados bálticos. Cem anos que eles viveram pela metade sob o jugo das ocupações, primeiro nazista e depois soviética. Trata-se de povos que sofreram muito e foi por isso que o Senhor olhou para eles com predileção. Estou convicto disto! Agradeço aos Presidentes das três Repúblicas e às Autoridades civis a requintada hospitalidade que recebi. Agradeço aos Bispos e a todos aqueles que colaboraram para preparar e realizar este evento eclesial.

A minha visita realizou-se num contexto muito diferente em relação àquele que São João Paulo II encontrou; por isso, a minha missão foi anunciar novamente àqueles povos *a alegria do Evangelho e a revolução da ternura, da misericórdia*, porque a liberdade não é suficiente para dar sentido e plenitude à vida sem o amor, amor que vem de Deus. O Evangelho, que na época da provação à força e anima a luta pela libertação, *no tempo da liberdade é luz para o caminho* diário das pessoas, das famílias, das sociedades, e é *sal* que confere sabor à vida comum, preservando-a da corrupção da mediocridade e dos egoísmos.

Na Lituânia os católicos são a maioria, enquanto que na Letónia e na Estónia predominam os luteranos e os ortodoxos, mas muitos se afastaram da vida religiosa. Portanto, o desafio consiste em *fortalecer a comunhão entre todos os cristãos*, que já se tinha desenvolvido ao longo do duro período da perseguição. Com efeito, a *dimensão ecuménica* era intrínseca a esta viagem, e encontrou expressão no momento de oração na Catedral de Riga e no encontro com os jovens em Tallinn.

Quando me dirigi às respectivas Autoridades dos três países, salientei a contribuição que eles oferecem à comunidade das Nações e especialmente à Europa: contribuição de valores humanos e sociais que passaram através do crisol da provação. Encorajei o diálogo entre as gerações dos idosos e dos jovens, para que o contacto com as “raízes” possa continuar a fecundar o presente e o futuro. Exortei a conjugar sempre a liberdade com a solidariedade e o acolhimento, segundo a tradição daquelas terras.

Aos *jovens* e aos *idosos* foram dedicados dois encontros específicos: com os jovens em Vilnius, com os idosos em Riga. Na praça de Vilnius, cheia de rapazes e moças, era evidente o lema da visita à Lituânia: «*Jesus Cristo, nossa esperança*». Os testemunhos manifestaram a beleza da oração e do canto, onde a alma se abre a Deus; a alegria de servir o próximo, saindo dos espaços do “eu” para se pôr a caminho, capazes de se levantar depois das quedas. Com os idosos, na Letónia, frisei o vínculo estreito entre *paciência e esperança*. Aqueles que passaram através de duras provações são raízes de um povo, que devem ser conservadas com a graça de Deus, a fim de que os novos rebentos possam haurir delas, florescer e dar fruto. O desafio para quantos envelhecem não consiste em se endurecer, mas permanecer abertos e ternos de mente e de coração; e isto é possível com a “linfa” do Espírito Santo, na oração e na escuta da Palavra.

Também com os sacerdotes, os consagrados e os seminaristas, com os quais me encontrei na Lituânia, pareceu essencial para a esperança a dimensão da constância: estar centrado em Deus, solidamente radicado no seu amor. Neste sentido como foi grande o testemunho que deram e continuam a dar muitos sacerdotes, religiosos, e religiosas idosos! Sofreram calúnias, aprisionamentos, deportações... mas permaneceram firmes na fé. Exortei a *não esquecer*, a preservar a *memória* dos mártires, para seguir os seus exemplos.

E a propósito de memória, em Vilnius prestei homenagem às vítimas do genocídio judeu na Lituânia, há exatamente 75 anos do encerramento do grande gueto, que foi antecâmara da morte para dezenas de milhares de judeus. Ao mesmo tempo, visitei o Museu das ocupações e das lutas pela Liberdade: parei em oração precisamente nos quartos onde eram presos, torturados e mortos os opositores do regime. Matavam mais ou menos quarenta por noite. É comovedor ver até que ponto pode chegar a crueldade humana. Pensemos nisto!

Os anos passam, os regimes passam, mas acima da Porta da Aurora de Vilnius, Maria, Mãe da Misericórdia, continua a velar sobre o seu povo, como sinal de esperança segura e de consolação (cf. Conc. Ecum. Vat. II, Const. dogm. Lumen gentium, 68).

Sinal vivo do Evangelho é sempre a caridade concreta. Até onde a secularização é mais forte, Deus fala com a linguagem do amor, do cuidado, do serviço gratuito a quem está em necessidade. E então os corações abrem-se e os milagres acontecem: nos desertos germina vida nova.

Nas três celebrações eucarísticas — em Kaunas, na Lituânia; em Aglona, na Letónia; e em Tallinn, na Estónia — o santo Povo fiel de Deus a caminho naquelas terras renovou o seu “sim” a *Cristo, nossa esperança*; renovou-o com Maria, que sempre *se mostra Mãe* dos seus filhos, especialmente dos mais sofredores; renovou-o como povo eleito, sacerdotal e santo, *em cujo coração Deus desperta* a graça do Batismo. Oremos pelos nossos irmãos e irmãs da Lituânia, da Letónia e da Estónia. Obrigado!

Saudações

Saúdo os peregrinos de língua portuguesa, particularmente os fiéis de Niterói e de Olinda e Recife. Unidos na oração pelo próximo Sínodo dos Bispos sobre os jovens, a fé e o discernimento vocacional, faço votos de que a vossa peregrinação a Roma fortaleça, no amor divino, os vínculos de

cada um com a sua família, com a comunidade eclesial e com a sociedade. Nossa Senhora vos acompanhe e proteja!

Estimados irmãos e irmãs!

No sábado passado, 22 de setembro, foi assinado em Pequim um Acordo provisório entre a Santa Sé e a República Popular da China, sobre a nomeação dos Bispos na China. O Acordo é fruto de um longo e ponderado caminho de diálogo, finalizado a favorecer uma colaboração mais positiva entre a Santa Sé e as Autoridades chinesas, para o bem da Comunidade católica na China e para a harmonia da sociedade inteira.

Neste espírito, decidi dirigir aos católicos chineses e a toda a Igreja universal uma Mensagem de encorajamento fraterno, que será publicado hoje. Com ela, desejo que na China se possa inaugurar uma nova fase, que ajude a sarar as feridas do passado, a restabelecer e a manter a plena comunhão entre todos os católicos chineses e a assumir com renovado compromisso o anúncio do Evangelho.

Caros irmãos e irmãs, temos uma importante tarefa! Somos chamados a acompanhar com oração fervorosa e com amizade fraternal os nossos irmãos e irmãs na China. Eles sabem que não estão sozinhos. A Igreja inteira reza com eles e por eles. Peçamos a Nossa Senhora, Mãe da Esperança e Auxílio dos Cristãos, que abençoe e preserve todos os católicos na China, enquanto que para todo o Povo chinês invoquemos de Deus o dom da prosperidade e da paz.

AUDIÊNCIA GERAL - Praça São Pedro

Quarta-feira, 26 de setembro de 2018

Viagem Apostólica à Irlanda

No fim de semana passado fiz uma viagem à Irlanda para participar no Encontro Mundial das Famílias: tenho a certeza de que vós o vistes através da televisão. A minha presença queria sobretudo confirmar as famílias cristãs na sua vocação e missão. Os milhares de famílias — esposos, avós, filhos — reunidos em Dublin, com toda a variedade das suas línguas, culturas e experiências, foram um sinal eloquente da beleza do sonho de Deus para toda a família humana. E bem sabemos: o sonho de Deus é a unidade, a harmonia e a paz, nas famílias e no mundo, fruto da fidelidade, do perdão e da reconciliação que Ele nos concedeu em Cristo. Ele chama as famílias a participar neste sonho e a fazer do mundo uma casa onde ninguém esteja sozinho, ninguém seja indesejado, ninguém seja excluído. Pensai bem nisto: o que Deus quer é que ninguém esteja sozinho, ninguém seja indesejado, ninguém seja excluído. Por isso, o tema deste Encontro mundial era muito apropriado. Era o seguinte: “*O Evangelho da família, alegria para o mundo*”.

Estou grato ao Presidente da Irlanda, ao Primeiro-Ministro, às diversas Autoridades governamentais, civis e religiosas, e às numerosas pessoas de todas as categorias que ajudaram a preparar e realizar os eventos do Encontro. E muito obrigado aos Bispos, que trabalharam tanto! Dirigindo-me às Autoridades, no Castelo de Dublin, reiterarei que a Igreja é família de famílias e que, como um corpo, sustém estas suas células no seu papel indispensável para o desenvolvimento de uma sociedade fraterna e solidária.

Verdadeiros “pontos-luz” destes dias foram os testemunhos de amor conjugal dados por casais de todas as idades. As suas histórias recordaram-nos que o amor do casamento é um dom especial de Deus, o qual deve ser cultivado todos os dias na “igreja doméstica”, que é a família. Como tem necessidade o

mundo de uma revolução de amor, de uma revolução de ternura, que nos salve da atual cultura do provisório! E esta revolução começa no coração da família.

Na pró-Catedral de Dublin encontrei-me com cônjuges comprometidos na Igreja, com muitos recém-casados e com numerosas crianças pequenas. Depois, encontrei-me com algumas famílias que enfrentam particulares desafios e dificuldades. Graças aos Frades Capuchinhos, que estão sempre próximos do povo, e à mais ampla família eclesial, elas experimentam a solidariedade e o apoio que são fruto da caridade.

Momento culminante da minha visita foi a grande festa com as famílias, na tarde de sábado, no estádio de Dublin, seguida no domingo pela Missa no Phoenix Park. Na Vigília ouvimos testemunhos muito comovedores de famílias que sofreram pelas guerras, famílias renovadas pelo perdão, famílias que o amor salvou da espiral das dependências, famílias que aprenderam a usar bem telemóveis e *tablets* e a dar prioridade ao tempo passado juntos. E foram realçados o valor da comunicação entre as gerações e o papel específico que compete aos avós na consolidação dos vínculos familiares e na transmissão do tesouro da fé. Hoje — é difícil dizê-lo — parece que os avós incomodam. Nesta cultura do descarte, os avós são “descartados”, afastados. Mas os avós são a sabedoria, a memória de um povo, a memória das famílias! E os avós devem transmitir esta memória aos netinhos. Os jovens e as crianças devem falar com os avós para levar em frente a história. Por favor, não descarteis os avós. Que eles permaneçam próximos dos vossos filhos, dos netinhos!

Na manhã de domingo fui em peregrinação ao Santuário mariano de Knock, muito amado pelo povo irlandês. Ali, na capela construída onde houve uma aparição da Virgem, confiei à sua proteção materna todas as famílias, especialmente as da Irlanda. E embora a minha viagem não incluísse uma visita

à Irlanda do Norte, dirigi uma cordial saudação ao seu povo e encorajei o processo de reconciliação, pacificação, amizade e cooperação ecuménica.

Esta minha visita à Irlanda, além da grande alegria, devia encarar também a dor e a amargura pelos sofrimentos causados naquele país por várias formas de abusos, inclusive por parte de membros da Igreja, e do facto que no passado as autoridades eclesíásticas nem sempre souberam enfrentar estes crimes de maneira adequada. Deixou uma marca profunda o encontro com alguns sobreviventes — eram oito — e várias vezes pedi perdão ao Senhor por estes pecados, pelo escândalo e pelo sentido de traição que causaram. Os Bispos irlandeses empreenderam um sério percurso de purificação e reconciliação com aqueles que sofreram abusos e, com a ajuda das autoridades nacionais, estabeleceram uma série de normas severas para garantir a segurança aos jovens. Além disso, no meu encontro com os Bispos, encorajei-os no seu esforço para remediar os fracassos do passado com honestidade e coragem, confiando nas promessas do Senhor e contando com a profunda fé do povo irlandês, para inaugurar uma fase de renovação da Igreja na Irlanda. Na Irlanda há fé, existem pessoas de fé: uma fé com raízes profundas. Mas sabeis? Há poucas vocações ao sacerdócio. Por que esta fé não floresce? Por estes problemas, os escândalos, muitas coisas... Devemos rezar para que o Senhor envie santos sacerdotes à Irlanda, mande novas vocações. E fá-lo-emos juntos, rezando uma “Ave-Maria” a Nossa Senhora de Knock. [Recitação da Ave-Maria]. Senhor Jesus, envia-nos sacerdotes santos.

Caros irmãos e irmãs, o Encontro Mundial das Famílias em Dublin foi uma experiência profética, confortadora, de muitas famílias comprometidas no caminho evangélico do casamento e da vida familiar; famílias discípulas e missionárias, fermento de bondade, santidade, justiça e paz. Esquecemo-nos de muitas famílias — muitas! — que levam em frente a própria família, os filhos, com fidelidade, pedindo perdão uns aos outros quando existem problemas.

Esquecemo-nos porque hoje, nas revistas, nos jornais, está na moda falar assim: “Aquele divorciou-se daquela... Esta deste... E a separação...”. Mas por favor: isto é desagradável. É verdade: eu respeito cada um, devemos respeitar as pessoas, mas o ideal não é o divórcio, o ideal não é a separação, o ideal não é a destruição da família. O ideal é a família unida. Assim, em frente: este é o ideal!

O próximo Encontro Mundial das Famílias terá lugar em Roma em 2021. Confiemo-las todas à proteção da Sagrada Família de Jesus, Maria e José, a fim de que nos seus lares, paróquias e comunidades, possam ser verdadeiramente “alegria para o mundo”.

Saudações

Dirijo uma saudação cordial aos peregrinos de língua portuguesa, particularmente aos fiéis de Viseu, Aveiro e aos brasileiros do Rio de Janeiro. Queridos amigos, obrigado pela vossa presença e sobretudo pelas vossas orações! Peçamos ao Espírito Santo, artífice da unidade na Igreja e na família, que nos ajude a buscar sempre o diálogo, o perdão e a reconciliação nas famílias, para que possamos construir um mundo de paz e solidariedade. Que Deus vos abençoe a vós e aos vossos entes queridos!

Saúdo, em particular, os Sacerdotes do Pontifício Colégio Pio Brasileiro.

No próximo sábado, 1 de setembro, celebrar-se-á o quarto *Dia Mundial de Oração pelo cuidado da criação*, que comemoraremos em união com os irmãos e irmãs ortodoxos e com a adesão de outras Igrejas e Comunidades cristãs. Na Mensagem deste ano, desejo chamar a atenção para a questão da água, bem primário que deve ser tutelado e posto à disposição de todos. Estou grato pelas diversas iniciativas que, em vários lugares, foram tomadas pelas Igrejas particulares, pelos Institutos de vida consagrada e pelas agregações eclesiais. Convido todos a unir-se, no sábado, em oração pela nossa casa comum.

Dirijo um pensamento especial aos jovens, aos idosos, aos doentes e aos recém-casados. Hoje celebra-se a memória litúrgica do Martírio de São João Batista. O sacrifício heroico do Precursor vos ensine a compreender qual é o valor supremo para o cristão: testemunhar o senhorio de Cristo, vivo e ativo no meio de nós, não apenas com as palavras, mas com o dom da própria vida. Deus abençoe todos vós!

AUDIÊNCIA GERAL - Sala Paulo VI

Quarta-feira, 29 de agosto de 2018

Viagem Apostólica ao Panamá

Hoje irei falar convosco da Viagem Apostólica que realizei nos dias passados ao Panamá. Convido-vos a agradecer comigo ao Senhor por esta graça que Ele quis conceder à Igreja e ao povo daquele amado país. Agradeço ao Senhor Presidente do Panamá e às Autoridades, aos Bispos e agradeço a todos os voluntários — havia tantos — o seu acolhimento caloroso e familiar, o mesmo que vimos nas pessoas que acorreram a todas as partes para saudar com grande fé e entusiasmo. Isto surpreendeu-me muito: as pessoas erguiam as crianças com os braços. Quando passava o Papamóvel com todas as crianças: erguiam-nas dizendo: «Eis o meu orgulho, está aqui o meu futuro!». E mostravam as crianças. Mas eram tantas! E os pais ou as mães estavam orgulhosos com aqueles meninos. Pensei: quanta dignidade neste gesto, e como é eloquente para o inverno demográfico que estamos a viver na Europa! O orgulho daquela família são as crianças. A segurança para o futuro são os filhos. O inverno demográfico, sem filhos, é difícil!

O motivo desta Viagem foi a Jornada mundial da juventude, mas entre os encontros com os jovens foram inseridos outros com a realidade do país: as Autoridades, os Bispos, os jovens presos, os consagrados e uma casa-família. Tudo ficou como que “contagiado” e “amalgamado” pela presença jubilosa dos jovens: uma festa para eles e uma festa para o Panamá, e também para toda a América Central, marcada por tantos dramas e necessitada de esperança e de paz, assim como de justiça.

Esta Jornada mundial da juventude foi precedida pelo encontro dos jovens dos povos nativos e com os afro-americanos. Um lindo gesto: fizeram cinco dias de encontro, os jovens indígenas e os jovens afro-descendentes. São tantos naquela região. Eles abriram a porta à Jornada mundial. E esta é uma

iniciativa importante que manifestou ainda melhor o rosto multiforme da Igreja na América Latina: a América Latina é mestiça. Depois, com a chegada dos grupos de todo o mundo, formou-se a grande sinfonia de rostos e de línguas, típica deste evento. Ver todas as bandeiras desfilar juntas, dançar nas mãos dos jovens jubilosos por se encontrarem é um sinal profético, um sinal contracorrente em relação à triste tendência de hoje para os nacionalismos conflituais, que erguem muros e se fecham à universalidade, ao encontro entre povos. É um sinal claro de que os jovens cristãos são no mundo fermento de paz.

Esta jmj teve uma forte *marca mariana*, pois o seu tema eram as palavras da Virgem ao Anjo: «*Eis a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a Tua palavra*» (Lc 1, 38). Foi extraordinário ouvir estas palavras pronunciadas pelos representantes dos jovens dos cinco continentes, e sobretudo vê-las transparecer nos seus rostos. Enquanto houver novas gerações capazes de dizer “eis-me” a Deus, haverá futuro no mundo.

Entre as etapas da JMJ há sempre a Via-Sacra. Caminhar com Maria atrás de Jesus que carrega a cruz é a escola da vida cristã: ali aprende-se o amor paciente, silencioso, concreto. faço-vos uma confidência: eu gosto muito de fazer a *Via-Sacra*, porque significa andar com Maria atrás de Jesus. E levo sempre comigo, para a fazer em qualquer momento, uma *Via-Sacra* de bolso, que me foi oferecida por uma pessoa muito apostólica em Buenos Aires. E quando tenho tempo, faço a *Via-Sacra*. Fazei também vós a *Via-Sacra*, pois significa seguir Jesus com Maria no caminho da cruz, onde Ele deu a vida por nós, pela nossa redenção. Na *Via-Sacra* aprende-se o amor paciente, silencioso e concreto. Ao Panamá os jovens levaram com Jesus e Maria o peso da condição de tantos irmãos e irmãs sofredores na América Central e no mundo inteiro. Entre eles há tantos jovens vítimas de diversas formas de escravidão e pobreza. E neste sentido foram momentos muito significativos a Liturgia penitencial que

celebrei numa *Prisão juvenil* e a visita à *Casa-família “Bom Samaritano”*, que hospeda pessoas afetadas por VIH/Sida.

Ápice da *jmj* e da viagem foram a *Vigília* e a *Missa com os jovens*. Na Vigília — naquele campo cheio de jovens que fizeram a Vigília, dormiram lá e às 8h00 da manhã participaram na Missa — na Vigília foi renovado o diálogo vivo com todos os jovens e moças, entusiastas e também capazes de silêncio e de escuta. Passavam do entusiasmo à escuta e à oração em silêncio. A eles propus Maria como aquela que, na sua pequenez, mais do que qualquer outra pessoa “influenciou” a história do mundo: chamámo-la “*influencer* de Deus”. No seu “*fiat*” reflectiram-se os lindos e fortes testemunhos de alguns jovens. Na manhã de domingo, na grande *celebração eucarística final*, Cristo Ressuscitado, com a força do Espírito Santo, falou novamente aos jovens do mundo chamando-os a viver o Evangelho no *hoje*, pois os jovens não são o “*amanhã*”; não, são o “*hoje*” para o “*amanhã*”. Não são o “*entretanto*”, mas são o *hoje*, o *agora*, da Igreja e do mundo. E apelei à responsabilidade dos adultos, para que não faltem às novas gerações instrução, trabalho, comunidade e família. Eis a chave, pois neste momento faltam no mundo estas coisas. Instrução, ou seja, educação. Trabalho: quantos jovens não o têm. Comunidade: que se sintam acolhidos, em família, na sociedade.

O encontro com todos os Bispos da América Central foi para mim um momento de especial consolação. Juntos nos deixamos ensinar pelo testemunho do santo bispo Óscar Romero, para aprender cada vez melhor a “sentir com a Igreja” — era o seu mote episcopal — na proximidade aos jovens, aos pobres, aos sacerdotes, ao santo povo fiel de Deus.

E teve um forte valor simbólico a *consagração do altar da restaurada Catedral* de Santa Maria La Antigua, em Panamá. Esteve fechada por sete anos para o restauro. Um sinal de beleza reencontrada, para glória de Deus e para a

fé e a festa do seu povo. O Crisma que consagra o altar é o mesmo que unge os batizados, os crismados, os sacerdotes e os bispos. Possa a família da Igreja, no Panamá e no mundo inteiro, haurir do Espírito Santo sempre renovada fecundidade, para que prossiga e se difunda na terra a peregrinação dos jovens discípulos missionários de Jesus Cristo.

Saudações

Saúdo os peregrinos de língua portuguesa, particularmente o grupo do Colégio São José de Coimbra. Queridos amigos, o mundo precisa de uma Igreja jovem, alegre e acolhedora: renovemos o nosso compromisso para que as nossas comunidades se convertam em lugares onde se faz a experiência do amor de Deus, que não exclui a ninguém. E a próxima Jornada será em português! Que o Senhor vos abençoe a todos!

AUDIÊNCIA GERAL - Sala Paulo VI

Quarta-feira, 30 de janeiro de 2019

Viagem Apostólica aos Emirados Árabes Unidos

Nos dias passados realizei uma breve Viagem Apostólica aos Emirados Árabes Unidos. Uma Viagem breve mas muito importante que, no seguimento do encontro de 2017 em Al-Azhar, no Egito, escreveu uma nova página na história do diálogo entre Cristianismo e Islão e no compromisso por promover a paz no mundo com base na fraternidade humana.

Pela primeira vez um Papa se deslocou à península arábica. E a Providência quis que fosse um Papa de nome Francisco, 800 anos depois da visita de São Francisco de Assis ao sultão al-Malik al-Kamil. Pensei muitas vezes em São Francisco durante esta Viagem: ajudava-me a manter no coração o Evangelho, o amor de Jesus Cristo, enquanto vivia os vários momentos da visita; no meu coração estava o Evangelho de Cristo, a oração ao Pai por todos os seus filhos, sobretudo pelos mais pobres, pelas vítimas das injustiças, das guerras, da miséria...; a prece para que o diálogo entre Cristianismo e Islão seja fator decisivo para a paz no mundo de hoje.

Agradeço de coração ao Príncipe Herdeiro, ao Presidente, ao Vice-Presidente e a todas as Autoridades dos Emirados Árabes Unidos, que me acolheram com grande gentileza. Aquele país cresceu muito nos últimos decénios: tornou-se uma encruzilhada entre Oriente e Ocidente, um “oásis” multiétnico e multirreligioso, e por conseguinte um lugar apropriado para promover a cultura do encontro. Exprimo profundo reconhecimento ao Bispo Paul Hinder, Vigário Apostólico da Arábia do Sul, que preparou e organizou o evento para a comunidade católica, e o meu “obrigado” alarga-se com afeto aos sacerdotes, religiosos e leigos que animam a presença cristã naquela terra.

Tive a oportunidade de saudar o primeiro sacerdote — noventa anos de idade — que fora lá para fundar muitas comunidades. Está numa cadeira de

rodas, cego, mas o sorriso não esmorece dos seus lábios, o sorriso de ter servido o Senhor e de ter praticado tanto bem. Saudei também outro sacerdote de noventa anos — mas este caminha e continua a trabalhar. Muito bem! — e muitos outros sacerdotes que estão lá ao serviço das comunidades cristãs de rito latino, de rito sírio-malabar, de rito sírio-malancar, de rito maronita provenientes do Líbano, da Índia, das Filipinas e de outros países.

Além dos discursos, em Abu Dhabi foi dado mais um passo: o Grão-Imã de Al-Azhar e eu assinámos o *Documento sobre a Fraternidade Humana*, no qual juntos afirmamos a comum vocação de todos os homens e mulheres a serem irmãos enquanto filhos e filhas de Deus, condenamos qualquer forma de violência, sobretudo a que se reveste de motivações religiosas, e nos comprometemos a difundir no mundo os valores autênticos e a paz. Este documento será estudado nas escolas e nas universidades de muitos países. Mas também eu vos recomendo que o leiais e conheçais, porque dá muitos estímulos para ir em frente no diálogo sobre a fraternidade humana.

Numa época como a nossa, na qual é grande a tentação de ver em curso um confronto entre as civilizações cristã e islâmica, e também de considerar as religiões como fontes de conflito, quisemos dar mais um sinal, claro e decidido, que ao contrário é possível encontrar-se, é possível respeitar-se e dialogar, e que, mesmo na diversidade das culturas e das tradições, o mundo cristão e islâmico apreciam e tutelam valores comuns: a vida, a família, o sentido religioso, a honra pelos idosos, a educação dos jovens, e outros ainda.

Nos Emirados Árabes Unidos vive aproximadamente um milhão de *cristãos*: trabalhadores originários de vários países da Ásia. Ontem de manhã encontrei-me com uma representação da comunidade católica na *Catedral* de São José em Abu Dhabi — um templo muito simples — e depois, a seguir a este encontro, celebrei para todos. Eram muitíssimos! Dizem que entre os que

estavam dentro do estádio, que tem capacidade para 40 mil pessoas, e quantos estavam diante dos ecrans fora do estádio, se contavam 150 mil! Celebrei a Eucaristia no estádio da cidade anunciando o Evangelho das Bem-Aventuranças. Na *Missa*, concelebrada com os Patriarcas, os Arcebispos-Mores e os Bispos presentes, rezámos de modo particular pela paz e a justiça, com especial intenção pelo Médio Oriente e o lémen.

Queridos irmãos e irmãs, esta Viagem faz parte das “surpresas” de Deus. Portanto louvemos a Ele e à sua providência, e rezemos para que as sementes espalhadas deem fruto segundo a sua santa vontade.

Saudações

Saúdo cordialmente os peregrinos de língua portuguesa, em particular os fiéis de São José dos Campos, com votos de que tragais sempre no coração o amor de Jesus, como Francisco de Assis, e a oração ao Pai celeste por todos os seus filhos, especialmente por quantos não têm paz. Sobre vós e vossas famílias desça a bênção de Deus!

Dirijo uma cordial saudação aos peregrinos de língua árabe, em especial aos provenientes do Médio Oriente. No terreno bom dos Emirados Árabes Unidos foi lançada a semente da fraternidade humana. Peçamos a Deus que a faça crescer, frutificar e tornar-se uma árvore que abraça todos. O Senhor abençoe quantos fizeram com que esta viagem fosse possível.

Dirijo um pensamento especial aos jovens, aos doentes, aos recém-casados e aos idosos. A todos desejo que a visita à Cidade Eterna estimule a aprofundar a Palavra de Deus para poder anunciar que Jesus é o nosso Salvador e a nossa verdadeira paz.

AUDIÊNCIA GERAL - Sala Paulo VI

Quarta-feira, 6 de fevereiro de 2019

Viagem Apostólica a Marrocos

Sábado e domingo passados realizei uma viagem apostólica a Marrocos, a convite de Sua Majestade o Rei Mohammed VI. A ele e às Autoridades marroquinas renovo a minha gratidão pelo acolhimento caloroso e por toda a colaboração, especialmente ao rei, o qual foi muito fraterno, amigo e próximo.

Sobretudo, agradeço ao Senhor, que me permitiu dar outro passo no caminho do diálogo e do encontro com os irmãos e as irmãs muçulmanos, para ser — como dizia o lema da Viagem — «Servidor da esperança» no mundo de hoje. A minha peregrinação seguiu as pegadas de dois Santos: Francisco de Assis e João Paulo II. Há 800 anos Francisco levou a mensagem de paz e de fraternidade ao Sultão al-Malik al-Kamil; em 1985 o Papa Wojtyła realizou a sua memorável visita a Marrocos, depois de ter recebido no Vaticano — primeiro Chefe de Estado muçulmano — o Rei Hassan II. Mas alguém poderia perguntar: por que o Papa visita os muçulmanos e não só os católicos? Porque há muitas religiões, e por que há muitas religiões? Juntamente com os muçulmanos somos descendentes do mesmo Pai, Abraão: por que Deus permite que haja muitas religiões? Deus quis permitir isto: os teólogos da Escolástica faziam referência à *voluntas permissiva* de Deus. Ele quis permitir esta realidade: há muitas religiões; algumas nascem da cultura, mas olham sempre para o céu, olham para Deus. No entanto, o que Deus quer é a fraternidade entre nós e de modo especial — eis o motivo desta viagem — com os nossos irmãos filhos de Abraão como nós, os muçulmanos. Não nos devemos assustar com a diferença: Deus permitiu isto. Devemos assustar-nos se não agirmos na fraternidade, para caminhar unidos na vida.

Servir a esperança, num tempo como o nosso significa, antes de tudo, construir pontes entre as civilizações. Para mim foi uma alegria e uma honra

poder fazê-lo com o nobre Reino de Marrocos, encontrando-me com o seu povo e os seus governantes. Recordando algumas importantes cimeiras internacionais que nos últimos anos se realizaram naquele país, juntamente com o rei Mohammed VI reiteramos o papel essencial das religiões em defender a dignidade humana e em promover a paz, a justiça e o cuidado da criação, isto é, da nossa casa comum. Nesta perspetiva assinamos juntamente com o rei um Apelo a favor de Jerusalém, para que a Cidade santa seja preservada como património da humanidade e lugar de encontro pacífico, especialmente para os fiéis das três religiões monoteístas.

Visitei o Mausoléu de Mohammed V, homenageando a sua memória e a de Hassan II, e também o Instituto para a formação de imãs, de pregadores e pregadoras. Este Instituto promove um Islão respeitador das outras religiões e rejeita a violência e o integralismo, ou seja, afirma que somos todos irmãos e que devemos trabalhar pela fraternidade.

Dediquei atenção particular à questão migratória, quer falando às Autoridades, quer, sobretudo, no encontro dedicado especificamente aos migrantes. Alguns deles testemunharam que a vida de quem emigra muda e volta a ser humana quando encontra uma comunidade que o acolhe como pessoa. Isto é fundamental. Precisamente em Marrakech, Marrocos, em dezembro passado foi ratificado o “Pacto mundial para uma migração segura, ordenada e regular”. Um passo importante rumo à responsabilização da comunidade internacional. Como Santa Sé oferecemos o nosso contributo que se resume em quatro verbos: acolher os migrantes, proteger os migrantes, promover os migrantes e integrar os migrantes. Não se trata de impor do alto programas assistenciais, mas de percorrer unidos um caminho através destas quatro ações, para construir cidades e países que, mesmo conservando as respetivas identidades culturais e religiosas, estejam abertos às diferenças e saibam valorizá-las no sinal da fraternidade humana. A Igreja em Marrocos está

muito engajada na proximidade aos migrantes. Não gosto de dizer *migrantes*; prefiro *peessoas migrantes*. Sabeis porquê? Porque *migrante* é adjetivo, e o termo *peessoa* é um substantivo. Caímos na cultura do adjetivo: usamos muitos adjetivos e esquecemo-nos muitas vezes dos substantivos, isto é, da substância. O adjetivo está sempre ligado a um substantivo, a uma *peessoa*; portanto uma *peessoa migrante*. Assim há respeito e não se cai nesta cultura do adjetivo que é líquida demais, demasiado “gasosa”. A Igreja em Marrocos, dizia, está muito comprometida na proximidade às *peessoas migrantes*, e por isso quis agradecer e encorajar quantos se dedicam com generosidade ao seu serviço concretizando a palavra de Cristo: «Era forasteiro e acolhestes-me» (Mt 25, 35).

O domingo foi dedicado à Comunidade cristã. Antes de tudo, visitei o Centro Rural de Serviços Sociais, gerido pelas religiosas Filhas da Caridade, as mesmas que trabalham no dispensário e ambulatório para as crianças aqui em Santa Marta, e estas irmãs contam com a colaboração de numerosos voluntários, oferecem diversos serviços à população.

Na Catedral de Rabat encontrei-me com os sacerdotes, com as *peessoas consagradas* e com o Conselho Ecuménico das Igrejas. É um pequeno rebanho, em Marrocos, e por isso recordei as imagens evangélicas do sal, da luz e do fermento (cf. Mt 5, 13-16; 13, 33) que lemos no início desta audiência. O importante não é a quantidade, mas que o sal tenha sabor, que a luz resplandeça e que o fermento tenha a força de fazer levedar toda a massa. E isto não vem de nós, mas de Deus, do Espírito Santo que nos torna testemunhas de Cristo onde estivermos, num estilo de diálogo e amizade, para ser vivido antes de tudo entre nós cristãos, porque — diz Jesus — «Por isto é que todos conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros» (Jo 13, 35).

E a alegria da comunhão eclesial encontrou o seu fundamento e a sua plena expressão na Eucaristia dominical, celebrada num complexo desportivo da capital. Milhares de pessoas de cerca de 60 nacionalidades diferentes! Uma singular epifania do Povo de Deus no coração de um país islâmico. A parábola do Pai misericordioso fez brilhar no meio de nós a beleza do desígnio de Deus, o qual quer que todos os seus filhos participem na sua alegria, na festa do perdão e da reconciliação. Nesta festa entram quantos sabem reconhecer-se carentes da misericórdia do Pai e sabem alegrar-se com Ele quando um irmão ou irmã volta para casa. Não é ocasional que, lá onde os muçulmanos invocam todos os dias o Clemente e o Misericordioso, tenha ressoado a grande parábola da misericórdia do Pai. É assim: só quem nasceu e vive no abraço deste Pai, só quem se sente irmão pode ser servidor da esperança no mundo.

Saudações

Dirijo uma saudação cordial aos peregrinos de língua portuguesa, em particular aos grupos escolares de Portugal e aos grupos vindos do Brasil, com votos de que esta peregrinação seja para vós uma oportunidade para contemplar a beleza da fé e da união com Cristo, para viver plenamente a vossa vocação cristã como testemunhas da esperança no mundo. Que Deus vos abençoe! Obrigado.

AUDIÊNCIA GERAL

Quarta-feira, 3 de abril de 2019

Viagem Apostólica à Bulgária e Macedônia do Norte

Regressei ontem, no final da tarde, de uma viagem apostólica de três dias que me levou à Bulgária e à Macedônia do Norte. Agradeço a Deus por me ter concedido realizar estas visitas, e renovo a minha gratidão às Autoridades civis destes dois países que me receberam com grande gentileza e disponibilidade. O meu cordial “obrigado” aos Bispos e às respectivas Comunidades eclesiais, pelo calor e a devoção com que acompanharam a minha peregrinação.

Na Bulgária guiou-me a memória viva de São João XXIII, que àquele país foi enviado em 1925 como Visitador e em seguida Delegado Apostólico. Animado pelo seu exemplo de benevolência e de caridade pastoral, encontrei-me com aquele povo, chamado a servir de ponte entre Europa Central, Oriental e Meridional; com o mote “*Pacem in terris*” convidei todos a andar pelo caminho da fraternidade; e por esta via, em particular, tive a alegria de dar um passo em frente no encontro com o Patriarca da Igreja Ortodoxa Búlgara Neofit e com os Membros do Santo Sínodo. De facto, como cristãos, a nossa vocação e missão é ser sinal e instrumento de unidade, e podemos sê-lo, com a ajuda do Espírito Santo, antepondo aquilo que nos une ao que nos dividiu ou ainda nos divide.

A atual Bulgária é uma das terras evangelizadas pelos Santos Cirilo e Metódio, que São João Paulo II colocou ao lado de São Bento como Padroeiros da Europa. Em Sófia, na majestosa Catedral Patriarcal de San Aleksander Nevkij, parei em oração diante da sagrada imagem dos dois Santos irmãos. Eles, de origem grega, de Salonica, souberam usar com criatividade a sua cultura para transmitir a mensagem cristã aos povos eslavos: criaram um novo alfabeto com o qual traduziram em língua eslava a Bíblia e os textos litúrgicos. Também hoje há necessidade de evangelizadores apaixonados e criativos, para que o

Evangelho alcance quantos ainda o não conhecem e possa irrigar de novo as terras onde as antigas raízes cristãs se aridificaram. Com este horizonte celebrei duas vezes a Eucaristia com a comunidade católica na Bulgária e encorajei-a a ser esperançosa e generativa. Agradeço de novo àquele povo de Deus que me demonstrou tanta fé e muito afeto.

A última cerimónia da viagem à Bulgária foi realizada juntamente com os representantes das diversas religiões: invocámos de Deus o dom da paz, enquanto um grupo de crianças levava as tochas acesas, símbolo de fé e de esperança.

Na Macedónia do Norte acompanhou-me a forte presença espiritual de Santa Madre Teresa de Calcutá, a qual nasceu em Skopje em 1910 e ali, na sua paróquia, recebeu os Sacramentos da iniciação cristã e aprendeu a amar Jesus. Nesta mulher, franzina mas cheia de força graças à ação do Espírito Santo, vemos a imagem da Igreja naquele país e noutras periferias do mundo: uma comunidade pequena que, com a graça de Cristo, se torna uma casa acolhedora na qual muitos encontram reparação para a sua vida. Junto do Memorial da Madre Teresa rezei na presença de outros chefes religiosos e de um numeroso grupo de pobres, e abençoei a primeira pedra de um santuário a ela dedicado.

A Macedónia do Norte é um país independente desde 1991. A Santa Sé procurou apoiar desde o início o seu caminho e com a minha visita quis encorajar sobretudo a sua tradicional capacidade de hospedar diversas pertenças étnicas e religiosas; assim como o seu compromisso em acolher e socorrer um grande número de migrantes e de refugiados durante o período crítico entre 2015 e 2016. Há lá um grande acolhimento, têm um grande coração. Os migrantes criam-lhes problemas, mas recebem-nos, amam-nos e resolvem os problemas. Este é um aspeto grandioso deste povo. Um aplauso a este povo.

Um país jovem, a Macedónia do Norte, sob o ponto de vista institucional; um país pequeno e necessitado de se abrir a horizontes amplos sem perder as próprias raízes. Por isto foi significativo que precisamente ali tivesse lugar o encontro com os jovens. Rapazes e moças de diversas confissões cristãs e também de outras religiões — muçulmanos, por exemplo — todos irmanados pelo desejo de construir algo bom na vida. Exortei-os a sonhar em grade e a pôr-se em jogo, como a jovem Inês — a futura Madre Teresa — ouvindo a voz de Deus que fala na oração e na carne dos irmãos necessitados. Fiquei admirado, quando fui visitar as Irmãs da Madre Teresa: estavam com os pobres, e fiquei surpreendido com a ternura evangélica destas mulheres. Esta ternura nasce da oração, da adoração. Elas acolhem todos, sentem-se irmãs, mães de todos, fazem-no com ternura. Muitas vezes nós cristãos perdemos esta dimensão da ternura, e quando não há ternura, tornamo-nos demasiado sérios, ácidos. Estas irmãs são meigas na ternura e praticam a caridade, mas a caridade real, sem a mascarar. Ao contrário, quando se pratica a caridade sem ternura, sem amor, é como se derramásemos sobre a obra de caridade um copo de vinagre. Não, a caridade é jubilosa, não é ácida. Estas irmãs são um bom exemplo. Que Deus as abençoe, a todas.

Além dos testemunhos dos jovens, em Skopje ouvi o dos sacerdotes e das pessoas consagradas. Homens e mulheres que ofereceram a vida a Cristo. Eles, mais cedo ou mais tarde, terão a tentação de dizer: “Senhor, o que é este meu pequeno dom em comparação com os problemas da Igreja e do mundo?”. Por isso recordei-lhes que um pouco de fermento pode fazer levedar toda a massa, e um pouco de perfume, puro e concentrado, impregna com um cheiro bom o ambiente todo.

É o mistério de Jesus-Eucaristia, semente de vida nova para a humanidade inteira. Na Missa que celebrámos na praça de Skopje, renovámos, numa periferia da Europa de hoje, o milagre de Deus que com poucos pães e

peixes, partidos e partilhados, sacia a fome das multidões. Confiemos à sua Providência inexaurível o presente e o futuro dos povos que visitei nesta viagem. E convido-vos a todos a rezar a Nossa Senhora para que abençoe estes dois países: a Bulgária e a Macedónia do Norte.

[Ave Maria...]

Saudação

Dirijo uma saudação cordial aos peregrinos de língua portuguesa, em particular aos fiéis de Ponte da Barca e aos diversos grupos de brasileiros, com votos de que esta peregrinação seja para vós uma oportunidade de contemplar a beleza da fé e da união com Cristo, para viver plenamente a vossa vocação cristã. Que Deus vos abençoe! Obrigado.

AUDIÊNCIA GERAL

Quarta-feira, 8 de maio de 2019

Viagem Apostólica à Roménia

No último final de semana realizei uma viagem apostólica à Roménia, convidado pelo Senhor Presidente e pela Senhora Primeira-Ministra. Renovolhes o meu agradecimento, estendendo-o às demais Autoridades civis e eclesiásticas e a quantos colaboraram na concretização desta visita. Sobretudo dou graças a Deus que permitiu que o Sucessor de Pedro retornasse àquele país, vinte anos depois da visita de São João Paulo II.

Em síntese, como anunciava o lema da Viagem, exortei a “*caminhar juntos*”. E a minha alegria foi poder fazê-lo não de longe, nem do alto, mas caminhando eu mesmo no meio do povo romeno, como peregrino na sua terra.

Os diversos encontros evidenciaram o valor e a exigência de caminhar juntos quer entre *cristãos*, a nível de fé e caridade, quer entre *cidadãos*, a nível de compromisso civil.

Como cristãos, temos a graça de viver uma estação de relações fraternas entre as diversas Igrejas. Na Roménia a grande parte dos fiéis pertence à Igreja Ortodoxa, atualmente guiada pelo Patriarca Daniel, ao qual transmito o meu fraterno e grato pensamento. A Comunidade católica, tanto “grega” como “latina”, é viva e ativa. A união entre todos os cristãos, embora incompleta, é baseada no único Batismo e selada pelo sangue e pelo sofrimento padecido nos tempos obscuros da perseguição, em particular no século passado sob o regime ateísta. Há também uma comunidade luterana que professa a fé em Jesus Cristo, e está em boas relações com os ortodoxos e com os católicos.

Juntamente com o Patriarca e o Santo Sínodo da Igreja Ortodoxa Romena realizamos um encontro muito cordial, no qual reiterei a vontade da Igreja Católica de caminhar junto na memória reconciliada e rumo a uma unidade mais plena, que precisamente o povo romeno invocou profeticamente durante

a visita de São João Paulo ii. Esta importante dimensão ecuménica da viagem culminou na solene Oração do Pai-Nosso, no interior da nova e imponente catedral Ortodoxa de Bucareste. Foi um momento de forte valor simbólico, pois o Pai-Nosso é a oração cristã por excelência, património comum de todos os batizados. Ninguém pode dizer “meu Pai” e “vosso Pai”; não: “Pai nosso”, património comum de todos os batizados. Manifestamos que a unidade não anula as diversidades legítimas. Possa o Espírito Santo conduzir-nos a viver cada vez mais como filhos de Deus e irmãos entre nós.

Como Comunidade católica celebrámos três Liturgias eucarísticas. A primeira na Catedral de Bucareste, a 31 de maio, festa da Visitação da Virgem Maria, ícone da Igreja a caminho na fé e na caridade. A segunda Eucaristia no Santuário de Şumuleu-Ciuc, meta de inúmeros peregrinos. Ali, a Santa Mãe de Deus reúne o povo fiel na variedade das línguas, das culturas e tradições. E a terceira celebração foi a Divina Liturgia em Blaj, centro da Igreja Greco-Católica na Roménia, com a Beatificação de sete Bispos Mártires greco-católicos, testemunhas da liberdade e da misericórdia que provêm do Evangelho. Um destes novos Beatos, D. Iuliu Hossu, durante a prisão escreveu: «Deus enviou-nos a estas trevas do sofrimento para oferecer o perdão e rezar pela conversão de todos». Pensando nas tremendas torturas às quais foram submetidos, estas palavras são um testemunho de misericórdia.

Foi particularmente intenso e jubiloso o encontro com os jovens e as famílias, realizado em Iaşi, cidade antiga e importante centro cultural, encruzilhada entre ocidente e oriente. Um lugar que convida a *abrir vias* pelas quais *caminhar juntos* na riqueza das diversidades, numa liberdade que não cancela as raízes mas delas haure de modo criativo. Também este encontro teve um carácter mariano e concluiu-se com a consagração dos jovens e das famílias à Santa Mãe de Deus.

A última etapa da viagem foi a visita à comunidade cigana de Blaj. Naquela cidade os ciganos são numerosos e por isso desejei saudá-los e renovar o apelo contra qualquer discriminação e ao respeito das pessoas de qualquer etnia, língua e religião.

Queridos irmãos e irmãs, demos graças a Deus por esta viagem apostólica e peçamos a Ele, por intercessão da Virgem Maria, que ela dê frutos abundantes para a Roménia e para a Igreja naquelas terras.

Saudação

Dirijo uma saudação cordial aos peregrinos de língua portuguesa, em particular aos fiéis de Lisboa e ao grupo de magistrados brasileiros. Queridos amigos, ao preparar-nos para a festa de Pentecostes, lembremos que é com a força que recebemos do Espírito Santo que podemos ser verdadeiras testemunhas do Evangelho no mundo. Desça sobre vós e vossas famílias a bênção de Deus.

* * *

Sábado próximo, 8 de junho, celebrar-se-á o quinto aniversário do encontro, aqui no Vaticano, dos Presidentes de Israel e da Palestina comigo e com o Patriarca Bartolomeu. Às 13h00 estamos convidados a dedicar “um minuto pela paz”, de oração, para os crentes; de reflexão para quem não crê, todos juntos por um mundo mais fraterno. Agradeço à Ação Católica internacional que promove esta iniciativa.

Dirijo um pensamento particular aos jovens, aos idosos, aos doentes e aos recém-casados. Domingo próximo celebraremos a solenidade de Pentecostes. O Senhor vos encontre prontos para acolher a abundante efusão do Espírito Santo. A graça dos dons infunda em vós nova vitalidade à fé, fortaleça a esperança e conceda força ativa à caridade.

AUDIÊNCIA GERAL

Quarta-feira, 5 de junho de 2019

Viagem Apostólica a Moçambique, Madagascar e Maurício

Ontem à noite regressei da minha Viagem apostólica a Moçambique, Madagáscar e Ilhas Maurícias. Agradeço a Deus que me permitiu fazer esta viagem como *peregrino de paz e esperança*, e renovo a expressão da minha gratidão às respetivas Autoridades destes Estados, assim como aos Episcopados, que me convidaram e acolheram com tanto afeto e cortesia, e aos Núncios Apostólicos, que tanto trabalharam para esta viagem.

A esperança do mundo é Cristo e o seu Evangelho é o fermento mais poderoso de fraternidade, liberdade, justiça e paz para todos os povos. Com a minha visita, seguindo os passos dos santos evangelizadores, procurei levar este fermento, o fermento de Jesus, às populações moçambicanas, malgaxes e mauricianas.

Em *Moçambique* fui lançar sementes de esperança, paz e reconciliação numa terra que sofreu muito no passado recente por causa de um longo conflito armado, e que na primavera passada foi atingida por dois ciclones que provocaram danos muito graves. A Igreja continua a acompanhar o processo de paz, que deu um passo em frente a 1 de agosto com um novo acordo entre as partes. E aqui gostaria de agradecer à Comunidade de Santo Egídio que trabalhou muitíssimo neste processo de paz.

Encorajei as Autoridades do país neste sentido, exortando-as a trabalhar em conjunto para o bem comum. E encorajei os jovens, que se reuniram em diferentes contextos religiosos, a construir o país, superando a resignação e a ansiedade, difundindo a amizade social e valorizando as tradições dos idosos. Aos bispos, sacerdotes e pessoas consagradas com quem me encontrei na Catedral de Maputo, dedicada à Virgem Imaculada, propus o caminho de Nazaré, o caminho do “sim” generoso a Deus, na memória grata da sua

chamada e das suas próprias origens. Um sinal forte desta presença evangélica é o *Hospital* de Zimpeto, nos arredores da capital, construído com o empenho da Comunidade de Santo Egídio. Naquele hospital vi que o mais importante são os doentes, e todos trabalham para os doentes. Além disso, nem todos têm a mesma pertença religiosa. O diretor desse hospital é uma mulher, uma pesquisadora, uma mulher bondosa, que faz pesquisa sobre a sida. Ela é muçulmana, e diretora de um hospital construído pela Comunidade de Santo Egídio. Todos juntos pelo povo, unidos, como irmãos. A minha visita a Moçambique culminou na Missã, celebrada no Estádio, debaixo de chuva, mas estávamos todos felizes. As canções, as danças religiosas... tanta felicidade. A chuva não incomodava. E ali ressoou o apelo do Senhor Jesus: «Amai os vossos inimigos» (Lc 6, 27), semente da verdadeira revolução, a do amor, que extingue a violência e gera fraternidade.

De Maputo transferi-me para Antananarivo, capital de *Madagáscar*. Um país rico em beleza e recursos naturais, mas marcado por muita pobreza. Fiz votos por que, animado pelo seu tradicional espírito de solidariedade, o povo malgaxe possa superar as adversidades e construir um futuro de desenvolvimento, conjugando o respeito pelo meio ambiente e a justiça social. Neste sentido, como sinal profético, visitei a “Cidade da Amizade” — Akamasoa, fundada por um missionário lazarista, padre Pedro Opeka: ali procura-se unir trabalho, dignidade, cuidado dos mais pobres, educação para as crianças. Tudo animado pelo Evangelho. Em Akamasoa, junto da pedreira de granito, elevei a Deus a Oração pelos trabalhadores.

Depois tive um encontro com as monjas contemplativas de diferentes congregações, no mosteiro das carmelitas: de facto, sem a fé nem a oração não se pode construir uma cidade digna do homem. Com os *Bispos* do país renovámos o nosso compromisso de sermos “semeadores de paz e esperança”, cuidando do povo de Deus, especialmente dos pobres e dos nossos sacerdotes.

Juntos veneramos a Beata Vitória Rasoamanarivo, primeira malgaxe a ser elevada aos altares. Com os *jovens*, muito numerosos — muitos jovens naquela vigília, muitos, muitos — vivi uma vigília rica em testemunhos, cantos e danças.

Em Antananarivo foi celebrada a *Eucaristia dominical* no grande “Campo diocesano”: reuniu-se ao redor do Senhor Jesus uma multidão imensa. E por fim, no Instituto Saint-Michel, encontrei-me com os *sacerdotes, as consagradas e os consagrados e os seminaristas* de Madagáscar. Um encontro no sinal do louvor a Deus.

A segunda-feira foi dedicada à visita à *República das Maurícias*, famosa meta turística, mas que escolhi como local de integração entre diferentes etnias e culturas. De facto, ao longo dos últimos dois séculos, diferentes populações chegaram a esse arquipélago, especialmente da Índia; e, após a independência, conheceu um grande desenvolvimento económico e social. Há um forte diálogo inter-religioso e também amizade entre os líderes das várias confissões religiosas. Algo que nos parece estranho, mas eles vivem a amizade que é natural. Quando entrei no episcopado, encontrei um lindo ramo de flores enviado pelo Grão-Imã em sinal de fraternidade.

A santa *Missas* nas Maurícias foi celebrada no Monumento a Maria Rainha da Paz, em memória do Beato Jacques-Désiré Laval, conhecido como o “apóstolo da unidade mauricana”. O Evangelho das Bem-Aventuranças, bilhete de identidade dos discípulos de Cristo, naquele contexto é um antídoto contra a tentação do bem-estar egoísta e discriminatório. O Evangelho e as Bem-Aventuranças são o antídoto contra este bem-estar egoísta e discriminatório, e são também o fermento da verdadeira felicidade, impregnada de misericórdia, justiça e paz. Fiquei impressionado com o trabalho que os bispos fazem pela evangelização dos pobres. Em seguida, no encontro com as *Autoridades* das Maurícias, manifestei o meu apreço pelo compromisso a fim de harmonizar as

diferenças num projeto comum e encorajei a incrementar a capacidade de acolher as pessoas também hoje, bem como os seus esforços para manter e desenvolver a vida democrática.

Cheguei ontem à noite ao Vaticano. Antes de iniciar uma viagem e ao regressar, vou sempre visitar Nossa Senhora, a *Salus Populi Romani*, para que ela me acompanhe na viagem, como Mãe, para me dizer o que devo fazer, para apoiar as minhas palavras, os meus gestos. Com Nossa Senhora, sinto-me seguro.

Queridos irmãos e irmãs, demos graças a Deus e peçamos-lhe que as sementes lançadas nesta viagem apostólica produzam frutos abundantes para os povos de Moçambique, Madagáscar e Ilhas Maurícias. Obrigado!

Saudações

Saúdo cordialmente os peregrinos de língua portuguesa, em particular os sacerdotes do Pontifício Colégio Pio Brasileiro de Roma, a Associação coral *Unicanto*, de Londrina, e os grupos de fiéis de Nova Friburgo, de Faro e Leça da Palmeira. Encorajo-vos a ser por todo o lado testemunhas de esperança e caridade. E, se alguma vez a vida fizer desencadear turbulências espirituais no vosso coração, ide procurar refúgio sob o manto da Santa Mãe de Deus; somente lá encontrareis paz. Sobre vós e vossas famílias, desça a Bênção do Senhor!

Dirijo um pensamento especial aos jovens, aos idosos, aos doentes e aos recém-casados.

AUDIÊNCIA GERAL

Quarta-feira, 11 de setembro de 2019

Viagem Apostólica à Tailândia e Japão

Locutor:

Queridos irmãos e irmãs, confiemos à bondade e misericórdia de Deus os povos da Tailândia e do Japão, que acabo de visitar. Desejo renovar aqui o meu agradecimento às autoridades e aos bispos de ambos os países, que me convidaram e acolheram com grande solicitude e amizade, e aos respetivos povos para quem imploro, de Deus, paz e prosperidade. Na Tailândia, pude encorajar os esforços em prol da harmonia entre as diversas componentes da Nação, com votos de que o progresso económico possa beneficiar a todos e se ponha termo à praga social que é a exploração sobretudo de mulheres e menores. Está seriamente empenhada nisto a Igreja local, cujo testemunho passa também através das suas obras ao serviço dos doentes e marginalizados. Na Eucaristia e sucessivo encontro com os jovens, pudemos sentir como a nova família formada por Jesus incluía também os rostos e as vozes do povo tailandês. Depois, sob o lema «proteger toda a vida», visitei o Japão, cujo povo traz gravadas na alma os estigmas das terríveis explosões atómicas de Hiroxima e Nagasáqui. Lá pude rezar, encontrar alguns sobreviventes e familiares das vítimas e reiterar uma firme condenação das armas nucleares, denunciando também a hipocrisia de se falar de paz e, ao mesmo tempo, construir tais bombas e vendê-las. O povo japonês, depois daquela tragédia, demonstrou uma capacidade extraordinária de lutar pela vida; e o mesmo haveria de fazer em 2011, o ano do tríplice desastre: o terremoto, o tsunami e o incidente na central nuclear de Fukushima. Para proteger a vida, toda a vida, é preciso amá-la; e hoje uma grave ameaça nos países mais desenvolvidos é a perda do sentido da vida e do amor à vida. E as primeiras vítimas deste vazio são os jovens. A abundância

de recursos não basta; é preciso o amor de Deus Pai, que Jesus Cristo nos trouxe e oferece.

Santo Padre:

Saluto cordialmente i pellegrini di lingua portoghese, in particolare il gruppo di allievi dell'Accademia della Polizia Civile, dello Stato di San Paolo, e i fedeli della parrocchia Sacro Cuore di Gesù, in Petrópolis. Il Signore vi benedica, perché dovunque siate faro di luce del Vangelo per tutti. Possa questo pellegrinaggio rinvigorire, nei vostri cuori, il sentire e il vivere con la Chiesa. La Madonna vi accompagni e protegga voi tutti e i vostri cari!

Locutor:

Saúdo cordialmente os peregrinos de língua portuguesa, em particular o grupo de alunos da Academia da Polícia Civil, do Estado de São Paulo, e os fiéis da paróquia Sagrado Coração de Jesus, em Petrópolis. Que o Senhor vos abençoe, para serdes em toda a parte farol de luz do Evangelho para todos. Possa esta peregrinação fortalecer, nos vossos corações, o sentir e o viver com a Igreja. Nossa Senhora vos acompanhe e proteja a vós todos e aos vossos entes queridos.

AUDIÊNCIA GERAL - Praça São Pedro

Quarta-feira, 27 de novembro de 2019

Viagem Apostólica ao Iraque

Nos últimos dias, o Senhor concedeu-me visitar o Iraque, realizando um projeto de São João Paulo II. Nunca antes um Papa tinha estado na terra de Abraão; a Providência quis que isto acontecesse agora, como sinal de esperança, após anos de guerra e terrorismo e durante uma dura pandemia.

Depois desta Visita, a minha alma está cheia de gratidão. Gratidão a Deus e a todos aqueles que a tornaram possível: ao Presidente da República e ao Governo do Iraque; aos Patriarcas e Bispos do país, com todos os ministros e fiéis das respetivas Igrejas; às Autoridades religiosas, começando pelo Grão-Aiatolá Al-Sistani, com quem tive um encontro inesquecível na sua residência em Najaf.

Experimentei o forte sentido penitencial desta peregrinação: não podia aproximar-me daquele povo martirizado, daquela Igreja mártir, sem carregar, em nome da Igreja católica, a cruz que eles carregam há anos; uma grande cruz, como aquela colocada à entrada de Qaraqosh. Senti-o de forma particular quando vi as feridas ainda abertas da destruição, e ainda mais quando conheci e ouvi as testemunhas que sobreviveram à violência, à perseguição e ao exílio... E ao mesmo tempo vi ao meu redor a alegria de acolher o mensageiro de Cristo; vi a esperança de se abrir a um horizonte de paz e fraternidade, resumida nas palavras de Jesus, que foram o lema da Visita: «Sois todos irmãos» (Mt 23, 8). Vi esta esperança no discurso do Presidente da República, encontrei-a em muitas saudações e testemunhos, nos cânticos e nos gestos das pessoas. Li-a nos rostos luminosos dos jovens e no olhar vivaz dos idosos. Gente que esperava o Papa há cinco horas, em pé... inclusive mulheres com os filhos no colo... aguardavam, e nos seus olhos havia esperança.

O povo iraquiano tem o direito de viver em paz, tem o direito de voltar a encontrar a dignidade que lhe pertence. As suas raízes religiosas e culturais são milenares: a Mesopotâmia é berço de civilização; na história, Bagdad foi uma cidade de importância primordial, que durante séculos albergou a biblioteca mais rica do mundo. E o que a destruiu? A guerra. A guerra é sempre o monstro que, na medida em que os tempos mudam, se transforma e continua a devorar a humanidade. Mas a resposta à guerra não é outra guerra, a resposta às armas não são outras armas. E perguntei-me: quem vendia as armas aos terroristas? Quem vende hoje as armas aos terroristas, que estão a perpetrar massacres noutras partes, pensemos na África por exemplo? É uma pergunta à qual gostaria que alguém respondesse. A resposta não é a guerra, mas a resposta é a fraternidade. Eis o desafio para o Iraque, mas não só: é o desafio para muitas regiões de conflito e, definitivamente, é o desafio para o mundo inteiro: a fraternidade. Seremos capazes de fazer fraternidade entre nós, de fazer uma cultura de irmãos? Ou continuaremos com a lógica iniciada por Caim, a guerra? Irmandade, fraternidade.

Por isso, cristãos e muçulmanos, encontrámo-nos e rezámos com representantes de outras religiões em Ur, onde Abrão recebeu a chamada de Deus há cerca de quatro mil anos. Abrão é pai na fé porque ouviu a voz de Deus que lhe prometia uma descendência, deixou tudo e partiu. Deus é fiel às suas promessas e ainda hoje guia os nossos passos de paz, orienta os passos daqueles que caminham na Terra com o olhar voltado para o Céu. E em Ur, enquanto estávamos juntos sob aquele céu luminoso, o mesmo céu em que o nosso pai Abrão viu a nós, sua descendência, no nosso coração parecia ressoar esta frase: Sois todos irmãos.

Uma mensagem de fraternidade emanou do encontro eclesial na Catedral sírio-católica de Bagdad, onde em 2010 quarenta e oito pessoas, incluindo dois sacerdotes, foram assassinadas durante a celebração da Missa. A Igreja no

Iraque é uma Igreja mártir e naquele templo, que tem inscrita na pedra a memória daqueles mártires, ressoou a alegria do encontro: o meu entusiasmo por estar no meio deles fundia-se com a sua alegria de ter consigo o Papa.

Transmitimos uma mensagem de fraternidade de Mossul e de Qaraqosh, na margem do rio Tigre, próximo das ruínas da antiga Nínive. A ocupação do Ei provocou a fuga de milhares de habitantes, entre os quais muitos cristãos de diferentes Confissões e de outras minorias perseguidas, especialmente os yazidis. A antiga identidade daquelas cidades foi destruída. Agora, com grande dificuldade, procura-se reconstruir; os muçulmanos convidam os cristãos a regressar e, juntos, restauram igrejas e mesquitas. Fraternidade é isto. E continuemos, por favor, a rezar por estes nossos irmãos e irmãs tão provados, para que tenham a força de recomeçar. E pensando nos numerosos emigrantes iraquianos, gostaria de lhes dizer: deixastes tudo, como Abrão; como ele, mantende a fé e a esperança, e sede tecelões de amizade e de fraternidade onde quer que estejais. E, se podeis, regressai.

Uma mensagem de fraternidade emanou das duas Celebrações eucarísticas: a de Bagdad, em rito caldeu, e a de Erbil, a cidade onde fui recebido pelo Presidente da região e pelo seu Primeiro-Ministro, pelas Autoridades – agradeço a quantos me vieram receber – e também o povo me acolheu. A esperança de Abrão e da sua descendência realizou-se no mistério que celebramos em Jesus, o Filho que Deus Pai não poupou, mas ofereceu para a salvação de todos: pela sua morte e ressurreição, Ele abriu-nos a passagem para a terra prometida, para uma nova vida onde as lágrimas são enxugadas, as feridas curadas, os irmãos reconciliados.

Queridos irmãos e irmãs, louvemos a Deus por esta visita histórica e continuemos a rezar por aquela Terra e pelo Médio Oriente. No Iraque, apesar do fragor da destruição e das armas, as palmeiras, símbolo do país e da sua

esperança, continuaram a crescer e a dar frutos. É assim a fraternidade: como o fruto das palmeiras, não faz barulho, mas é fecunda e faz crescer. Deus, que é paz, conceda um futuro de fraternidade ao Iraque, ao Médio Oriente e ao mundo inteiro!

Saudações:

Saúdo cordialmente os fiéis de língua portuguesa. Peço que se unam a mim na gratidão a Deus por esta viagem ao Iraque e na oração pela paz e a fraternidade universal. Desça sobre vós a bênção de Deus!

Resumo da catequese do Santo Padre:

Nestes últimos dias o Senhor concedeu-me a oportunidade de visitar o Iraque, realizando assim um sonho de São João Paulo II. Nunca antes um Papa tinha estado na terra de Abraão; a Providência quis que isto ocorresse agora, como um sinal de esperança, após anos de guerra e terrorismo e em meio a uma grave pandemia. Após esta Visita, a minha alma está cheia de gratidão a Deus e a todos aqueles que a tornaram possível. Pude ver, nesta peregrinação, a esperança de abertura a um horizonte de paz e fraternidade, resumido nas palavras de Jesus que eram o tema da Visita: “Vós sois todos irmãos”. O povo iraquiano tem direito a viver em paz, a reencontrar a dignidade que possui. A resposta à guerra não é outra guerra. A resposta às armas não são outras armas. A resposta é a fraternidade. Por isso nos encontramos e rezamos juntos cristãos e muçulmanos, com representantes de outras religiões, em Ur, onde Abraão recebeu o chamado de Deus. Mensagens de fraternidade emergiram do encontro eclesial na Catedral Siro-Católica de Bagdá, bem como desde Mossul e Qaraqosh, nas margens do Tigre, e nas duas Celebrações Eucarísticas em Bagdá e Erbil. Louvemos a Deus por esta Visita, e rezemos para



que o caminho da fraternidade e da paz persista no Iraque, no Oriente Médio e no mundo inteiro.

AUDIÊNCIA GERAL - Biblioteca do Palácio Apostólico

Quarta-feira, 10 março 2021

A Viagem Apostólica a Budapeste e à Eslováquia

Hoje gostaria de vos falar sobre a Viagem Apostólica que realizei a Budapeste e à Eslováquia, que se concluiu precisamente há uma semana, na quarta-feira passada. Resumi-la-ei assim: foi uma peregrinação de oração, uma peregrinação às raízes, uma peregrinação de esperança. Oração, raízes e esperança.

1. A primeira etapa foi em Budapeste, para a Santa Missa de encerramento do Congresso Eucarístico Internacional, adiada exatamente de um ano por causa da pandemia. Houve uma grande participação nessa celebração. O povo santo de Deus, no dia do Senhor, reuniu-se perante o mistério da Eucaristia, pelo qual é continuamente gerado e regenerado. Foi abraçado pela Cruz que se erguia sobre o altar, mostrando a mesma direção indicada pela Eucaristia, ou seja, o caminho do amor humilde e abnegado, do amor generoso e respeitador de todos, da via da fé que purifica da mundanidade e conduz à essencialidade. Esta fé purifica-nos sempre e afasta-nos da mundanidade que nos arruína a todos: é um caruncho que nos corrói por dentro.

E a peregrinação de oração concluiu-se na Eslováquia, na Festa de Nossa Senhora das Dores. Também ali, em Šaštín, no Santuário da Virgem das Sete Dores, um grande povo de filhos veio à festa da Mãe, que é também a festividade religiosa nacional. Então, a minha foi uma peregrinação de oração no coração da Europa, começando pela adoração e terminando com a piedade popular. Rezar, pois o Povo de Deus é chamado sobretudo a isto: adorar, rezar, caminhar, peregrinar, fazer penitência e nisto tudo sentir a paz, a alegria que o Senhor nos dá. A nossa vida deve ser assim: adorar, rezar, caminhar, peregrinar, fazer penitência. E isto é de particular importância no continente europeu, onde a presença de Deus está diluída – vemos-lo todos os dias: a presença de Deus

está diluída – pelo consumismo e pelos “vapores” de um pensamento único – estranho, mas real – fruto da mistura de velhas e novas ideologias. E isto afasta-nos da familiaridade com o Senhor, da familiaridade com Deus. Também neste contexto, a resposta de cura vem da oração, do testemunho e do amor humilde. O amor humilde que serve. Retomemos esta ideia: o cristão existe para servir.

Foi isto que vi no encontro com o povo santo de Deus. O que vi? Um povo fiel que sofreu a perseguição ateia. Também o vi no rosto dos nossos irmãos e irmãs judeus, com os quais nos recordamos do Shoah. Pois não há oração sem memória. Não há oração sem memória. O que significa isto? Que nós, quando rezamos, devemos recordar a nossa vida, a vida do nosso povo, a vida de tantas pessoas que nos acompanham na cidade, tendo em consideração qual foi a sua história. Um dos Bispos eslovacos, já idoso, ao saudar-me disse-me: “Eu fui condutor de elétrico para me esconder dos comunistas”. Este é um bom Bispo: na ditadura, na perseguição ele era um condutor de elétrico, depois, no escondimento, exercia o seu “ofício” de Bispo e ninguém o sabia. Assim é na perseguição. Não há oração sem memória. A oração, a memória da própria vida, da vida do próprio povo, da própria história: fazer memória e recordar. Isto faz bem e ajuda a rezar.

2. Segundo aspeto: esta viagem foi uma peregrinação às raízes. Encontrando-me com os irmãos Bispos, tanto em Budapeste como em Bratislava, pude tocar com as próprias mãos a memória grata destas raízes da fé e da vida cristã, vívidas no exemplo luminoso de testemunhas da fé, como o Cardeal Mindszenty e o Cardeal Korec, e o Beato Bispo Pavel Peter Gojdič. Raízes que remontam ao século IX, à obra evangelizadora dos santos irmãos Cirilo e Metódio, que acompanharam esta viagem como uma presença constante. Senti a força destas raízes na celebração da Divina Liturgia em rito bizantino, em Prešov, na festa da Santa Cruz. Nos cânticos senti vibrar o coração do santo povo fiel, forjado por tantos sofrimentos padecidos em nome da fé.

Insisti várias vezes que estas raízes estão sempre vivas, cheias da linfa vital que é o Espírito Santo e que devem ser preservadas como tais: não como peças de museu, não ideologizadas nem instrumentalizadas por interesses de prestígio e de poder, para consolidar uma identidade fechada. Não! Isto significaria atraí-las e esterilizá-las! Para nós, Cirilo e Metódio não são personagens a ser comemorados, mas modelos a imitar, mestres dos quais aprender sempre o espírito e o método da evangelização, assim como o compromisso civil – durante esta viagem ao coração da Europa pensei muitas vezes nos pais da União europeia, como a sonharam não como uma agência para distribuir as colonizações ideológicas na moda, não, como eles a sonharam. Assim entendidas e vividas, as raízes são garantia de futuro: delas brotam frondosos ramos de esperança. Também nós temos raízes: cada um de nós tem as próprias raízes. Recordamos as nossas raízes? Dos pais, dos avós? E estamos ligados aos avós que são um tesouro? “Mas, são velhos...”. Não, não: eles deram-te a linfa, deves ir ter com eles e haurir para crescer e ir em frente. Não dizemos: “Vai, refugia-te nas raízes”: não. Não. “Vai às raízes, haure nelas a linfa e vai em frente. Vai para o teu lugar”. Não vos esqueçais disto. E repito-vos o que disse muitas vezes, aquele verso tão bonito: “Tudo o que a árvore tem de florido vem do que tem soterrado”. Podes crescer na medida em que estás unido às raízes: a força vem-te dali. Se cortares as raízes, tudo novo, ideologias novas, não te leva a nada, não te faz crescer: acabarás mal.

3. O terceiro aspeto desta Viagem: foi uma peregrinação de esperança. Oração, raízes e esperança, os três traços. Vi muita esperança nos olhos dos jovens, no inesquecível encontro no estádio de Košice. Também isto me deu esperança, ver muitos, muitos casais jovens e tantas crianças. E pensei no inverno demográfico que estamos a viver, e aqueles países florescem com casais jovens e crianças: um sinal de esperança. Especialmente em tempos de pandemia, este momento de festa foi um sinal forte e encorajador, também

graças à presença de muitos casais jovens com os seus filhos. Igualmente forte e profético foi o testemunho da Beata Ana Kolesárová, jovem eslovaca que defendeu a própria dignidade contra a violência à custa da vida: um testemunho que infelizmente é relevante como nunca, pois a violência contra as mulheres é uma chaga aberta em todo o mundo.

Vi esperança em muitas pessoas que, silenciosamente, se ocupam e se preocupam com o próximo. Penso nas Irmãs Missionárias da Caridade do Centro Belém, em Bratislava, muito bem, irmãzinhas, que recebem os descartados da sociedade: rezam e servem, rezam e ajudam. E rezam muito e ajudam muito, sem pretensões. São as heroínas desta civilização. Gostaria que todos nós agradecêssemos à Madre Teresa e a estas religiosas: todos juntos aplaudamos estas boas religiosas! Elas acolhem os desabrigados. Penso na comunidade cigana e em todos aqueles que dedicam a eles num caminho de fraternidade e inclusão. Foi comovedor partilhar a festa da comunidade cigana: uma festa simples, que sabia a Evangelho. Os ciganos são nossos irmãos: devemos acolhê-los, devemos estar próximos como fazem os Padres salesianos ali em Bratislava, muito próximos dos ciganos.

Estimados irmãos e irmãs, esta esperança, esta esperança de Evangelho que pude ver na viagem, só pode ser realizada e concretizada se for declinada com outra palavra: juntos. A esperança nunca desilude, a esperança nunca vai sozinha, mas juntos. Em Budapeste e na Eslováquia encontramos-nos, juntos, com os diferentes ritos da Igreja católica, juntos com os nossos irmãos de outras Confissões cristãs, juntos com os irmãos Judeus, juntos com os crentes de outras religiões, juntos com os mais débeis. Este é o caminho, porque o futuro será de esperança se permanecermos juntos. Não sozinhos: isto é importante.

E depois desta viagem, no meu coração há um grande “obrigado”. Obrigado aos Bispos, obrigado às Autoridades civis; obrigado ao Presidente da

Hungria e à Presidente da Eslováquia; obrigado a todos os colaboradores na organização; obrigado aos muitos voluntários; obrigado a todos os que rezaram. Por favor, acrescentai ainda outra oração, para que as sementes lançadas durante a Viagem deem bons frutos! Rezemos por isto.

Saudações:

Saúdo cordialmente os peregrinos de língua portuguesa e sobre cada um invoco as bênçãos do Senhor. Agradeço a quantos rezaram por esta minha viagem e, por favor, juntai uma oração mais para que as sementes então espalhadas produzam bons frutos. Que Nossa Senhora vos acompanhe e proteja, a vós todos e aos vossos entes queridos.

Resumo da catequese do Santo Padre:

Queridos irmãos e irmãs, na passada quarta-feira regresssei a Roma da minha Visita Apostólica à Eslováquia, precedida pela Statio Orbis no dia 12 deste mês para a Missa de encerramento do Quinquagésimo Segundo Congresso Eucarístico Internacional, em Budapeste. Aqui se reuniu o povo santo de Deus diante do mistério da Eucaristia, da qual é gerado e continuamente regenerado para o caminho do amor humilde e desinteressado, do amor generoso e respeitador para com todos. À adoração eucarística do início, havia de corresponder a veneração da Padroeira nacional da Eslováquia, Nossa Senhora das Dores, no seu Santuário de Šaštín, última etapa da minha viagem. Esta tornou-se assim uma peregrinação de oração, mas também uma peregrinação às raízes e uma peregrinação de esperança. Uma peregrinação às raízes, que descem em profundidade até ao século Nono com a obra evangelizadora dos Santos Cirilo e Metódio; pude dar-me conta da força destas raízes na celebração da Divina Liturgia em rito bizantino, em Prešov. Nos cânticos, senti vibrar o coração do santo povo de Deus, forjado por tantos sofrimentos que padeceu pela fé. As raízes são garantia de futuro: delas se desenvolvem frondosos ramos

de esperança. E eu vi tanta esperança nos olhos dos jovens e muitas outras pessoas que silenciosamente se ocupam e preocupam com o próximo. Mas esta esperança só se realiza e faz concreta, se nos dermos as mãos, se vivermos unidos. Esta é a estrada, porque o futuro será de esperança, se estivermos unidos.

AUDIÊNCIA GERAL – Sala Paulo VI

Quarta-feira, 22 setembro 2021

Viagem Apostólica a Malta

No sábado e domingo passados fui a Malta: uma Viagem apostólica que estava planeada há já algum tempo: foi adiada há dois anos, devido à Covid e às suas consequências. Poucas pessoas sabem que Malta, embora sendo uma ilha no meio do Mediterrâneo, recebeu o Evangelho muito cedo. Porquê? Porque o Apóstolo Paulo naufragou perto do seu litoral e milagrosamente salvou-se ele mesmo e a todos os que estavam no barco, mais de duzentas e setenta pessoas. O Livro dos Atos dos Apóstolos relata que os malteses acolheram todos, mencionando esta expressão: «com rara humanidade» (28, 2). Isto é importante, não nos esqueçamos: “com rara humanidade”. Escolhi precisamente estas palavras: com rara humanidade, como lema da minha Viagem, pois indicam o caminho a seguir não só para enfrentar o fenómeno dos migrantes, mas em geral para que o mundo se torne mais fraterno, mais vivível, e se salve de um “naufrágio” que nos ameaça a todos nós que estamos – como aprendemos – no mesmo barco, todos. Malta é um lugar-chave neste horizonte.

Antes de mais, geograficamente, devido à sua posição no centro do mar entre a Europa e a África, mas que também banha a Ásia. Malta é uma espécie de “rosa dos ventos”, onde povos e culturas se cruzam; é um ponto privilegiado a partir do qual se pode observar a área mediterrânea numa perspetiva de 360°. Hoje fala-se frequentemente de “geopolítica”, mas infelizmente a lógica dominante é a das estratégias dos Estados mais poderosos para afirmar os seus interesses alargando a própria área de influência económica, ou influência ideológica ou influência militar: estamos a ver isto com a guerra. Malta representa, neste quadro, o direito e a força dos “pequenos”, das pequenas nações, mas ricas em história e civilização, que deveriam levar a cabo outra lógica: a do respeito e da liberdade, a do respeito e também a lógica da liberdade, da convivência das diferenças, oposta à colonização dos

mais poderosos. Estamos a ver isto agora. E não só de uma parte: também de outras... Após a segunda guerra mundial, foram feitas tentativas para lançar as bases de uma nova história de paz, mas infelizmente – não aprendemos – a velha história de grandes potências concorrentes continuou. E, na atual guerra na Ucrânia, estamos a testemunhar a impotência da Organização das Nações Unidas.

Segundo aspeto: Malta é um lugar-chave no que diz respeito ao fenómeno das migrações. No Centro de acolhimento João XXIII, encontrei-me com muitos migrantes que chegaram à ilha após terríveis viagens. Não nos devemos cansar de ouvir os seus testemunhos, porque esta é a única forma de escapar à visão deturpada que frequentemente circula nos meios de comunicação e de reconhecer os seus rostos, as histórias, feridas, sonhos e esperanças destes migrantes. Cada migrante é único: não é um número, é uma pessoa; é único como cada um de nós. Cada migrante é uma pessoa com a própria dignidade, raízes e cultura. Cada um deles é portador de uma riqueza infinitamente maior do que os problemas que comporta. E não nos esqueçamos que a Europa foi feita pelas migrações.

Evidentemente, o acolhimento deve ser organizado – isto é verdade – deve ser governado, e antes, muito antes, deve ser planeado juntos, a nível internacional. Pois o fenómeno migratório não pode ser reduzido a uma emergência, é um sinal dos nossos tempos. E como tal deve ser lido e interpretado. Pode tornar-se um sinal de conflito ou um sinal de paz. Depende do modo como o consideramos, depende de nós. Aqueles que deram vida ao Centro João XXIII em Malta fizeram a escolha cristã e por isso chamaram-no “Peace Lab”: laboratório de paz. Mas gostaria de dizer que Malta no seu conjunto é um laboratório de paz! Toda a nação com a sua atitude, com a própria atitude, é um laboratório de paz. E pode cumprir esta missão se for buscar às suas raízes a seiva da fraternidade, da compaixão e da solidariedade.

O povo maltês recebeu estes valores juntamente com o Evangelho, e graças ao Evangelho eles serão capazes de os manter vivos.

Por isso, como Bispo de Roma, fui confirmar aquele povo na fé e na comunhão. De facto – terceiro aspeto – Malta é um lugar-chave também do ponto de vista da evangelização. De Malta e Gozo, as duas dioceses do país, muitos sacerdotes e religiosos, bem como fiéis leigos, partiram, dando testemunho cristão em todo o mundo. Como se a passagem de São Paulo tivesse deixado a missão no ADN dos malteses! Por conseguinte a minha visita foi, antes de mais, um ato de gratidão, gratidão a Deus e ao seu santo povo fiel que está em Malta e Gozo.

Contudo, também lá sopra o vento do secularismo e a pseudocultura globalizada do consumismo, do neocapitalismo e do relativismo. Também lá, portanto, é tempo de nova evangelização. A visita que, como os meus Predecessores, realizei à Gruta de São Paulo, foi como beber da fonte, para que o Evangelho possa jorrar em Malta com o vigor das suas origens e reavivar o seu grande património de religiosidade popular. Isto é simbolizado pelo Santuário Mariano Nacional de Ta' Pinu, na ilha de Gozo, onde celebrámos um intenso encontro de oração. Lá senti palpitar o coração do povo maltês, que tem tanta confiança na sua Santa Mãe. Maria reconduz-nos sempre ao essencial, a Cristo crucificado e ressuscitado, e isto é para nós, ao seu amor misericordioso. Maria ajuda-nos a reavivar a chama da fé, atraindo o fogo do Espírito Santo, que anima o jubiloso anúncio do Evangelho de geração em geração, pois a alegria da Igreja é evangelizar! Não esqueçamos aquela frase de São Paulo VI: a vocação da Igreja é evangelizar; a alegria da Igreja é evangelizar. Não a esqueçamos porque é a definição mais bonita da Igreja.

Aproveito este ensejo para renovar os meus agradecimentos ao Senhor Presidente da República de Malta, tão gentil e irmão: obrigado a ele e à sua

família; ao Senhor Primeiro-Ministro e às demais autoridades civis, que me acolheram com tanta gentileza; assim como aos Bispos e a todos os membros da comunidade eclesial, aos voluntários e a quantos me acompanharam com a oração. Não quero deixar de mencionar o Centro de acolhimento para os migrantes João XXIII: lá aquele frade franciscano que o leva em frente, padre Dionísio Mintoff, tem 91 anos e continua a trabalhar assim, com a ajuda dos colaboradores da Diocese. É um exemplo de zelo apostólico e de amor aos migrantes, que hoje é tão necessário. Nós, com esta visita, semeamos, mas é o Senhor que faz crescer. Que a sua infinita bondade conceda abundantes frutos de paz e bem ao querido povo maltês! Obrigado a este povo maltês pelo seu acolhimento tão humano, tão cristão. Muito obrigado.

Saudações:

Dirijo uma saudação especial a todos os peregrinos de língua portuguesa, especialmente ao agrupamento de escolas da Lourinhã. Agradeço as vossas orações, especialmente aquelas orações feitas pela minha recente visita apostólica a Malta. A nossa vida é uma maravilhosa peregrinação que pode contar com a proximidade de Jesus. Ele impele-nos ao encontro fraterno e desafia-nos ao amor recíproco. Deus vos abençoe!

APELOS

As recentes notícias sobre a guerra na Ucrânia, em vez de trazer alívio e esperança, testemunham novas atrocidades, como o massacre de Bucha: crueldades cada vez mais horríveis, realizadas também contra civis, mulheres e crianças indefesos. São vítimas cujo sangue inocente clama ao céu e implora: que esta guerra tenha fim! Que as armas silenciem! Parem de semear a morte e a destruição! Rezemos juntos por isto...

E ontem, precisamente de Bucha, trouxeram-me esta bandeira. Esta bandeira vem da guerra, daquela cidade martirizada, Bucha. E também, estão aqui connosco algumas crianças ucranianas. Cumprimentemo-las e rezemos com elas.

Estas crianças tiveram de fugir e chegar a uma terra estrangeira: este é um dos frutos da guerra. Não as esqueçamos, e não esqueçamos o povo ucraniano. É tremendo ser desenraizado da própria terra por uma guerra.

* * *

Hoje é o Dia Mundial do Desporto pela Paz e o Desenvolvimento, convocado pelas Nações Unidas. Dirijo-me aos homens e mulheres do desporto, para que através da sua atividade possam ser testemunhas ativas da fraternidade e da paz. O desporto, com os seus valores, pode desempenhar um papel importante no mundo, abrindo caminhos de concórdia entre os povos, desde que nunca perca a sua capacidade de gratuidade: o desporto pelo desporto, e não se torne comercial. Aquele amadorismo que é típico do verdadeiro desporto.

AUDIÊNCIA GERAL - *Biblioteca do Palácio Apostólico*

Quarta-feira, 6 abril 2022

Viagem Apostólica ao Canadá

Hoje gostaria de partilhar convosco algumas reflexões sobre a viagem apostólica que fiz ao Canadá durante os últimos dias. Foi uma viagem diferente de qualquer outra. Com efeito, a principal motivação era encontrar os povos originais para lhes expressar a minha proximidade e tristeza, e pedir perdão - pedir perdão - pelo mal que lhes foi causado por aqueles cristãos, incluindo muitos católicos, que no passado colaboraram nas políticas de assimilação forçada e de resgate dos governos daquela época.

Neste sentido, foi empreendida uma viagem ao Canadá para escrever uma nova página do caminho que a Igreja percorre com os povos indígenas desde há algum tempo. E efetivamente o lema da viagem, “Caminhar juntos” explica um pouco isto. Um caminho de reconciliação e cura, que pressupõe conhecimento histórico, escuta dos sobreviventes, consciência e sobretudo conversão e mudança de mentalidade. Este estudo aprofundado mostra que, por um lado, alguns homens e mulheres da Igreja foram entre os mais resolutos e corajosos defensores da dignidade dos povos indígenas, protegendo-os e contribuindo para o conhecimento das suas línguas e culturas; mas, por outro lado, infelizmente, não faltaram cristãos, ou seja, sacerdotes, religiosos, religiosas e leigos que participaram em programas que hoje compreendemos que são inaceitáveis e inclusive contrários ao Evangelho. E por isso fui pedir perdão em nome da Igreja.

Portanto, foi uma peregrinação penitencial. Houve muitos momentos de alegria, mas o sentido e o tom geral foram reflexão, arrependimento e reconciliação. Há quatro meses recebi no Vaticano, em grupos separados, representantes dos povos indígenas: no total houve seis reuniões, para preparar um pouco este encontro.

As grandes etapas da peregrinação foram três: a primeira, em Edmonton, na parte ocidental do país. A segunda, Québec, na parte oriental. E a terceira no norte, em Iqaluit, talvez a 300 km do círculo polar ártico. O primeiro encontro teve lugar em Masqwacis, que significa “A colina do urso” - onde líderes e membros dos principais grupos indígenas - First Nations, Métis e Inuits - vieram de todo o país. Juntos fizemos memória: a boa memória da história milenar destes povos, em harmonia com a sua terra: esta é uma das coisas mais bonitas sobre os povos originais, a harmonia com a terra. Nunca maltratam a criação, nunca! Em harmonia com a terra. E também colhemos a dolorosa memória dos abusos que sofreram, até nas escolas residenciais, por causa das políticas de assimilação cultural.

Depois da memória, o segundo passo no nosso caminho foi o da reconciliação. Não um compromisso entre nós - isso seria uma ilusão, uma encenação - mas um deixar-nos reconciliar por Cristo, que é a nossa paz (cf. Ef 2,14). Fizemo-lo tomando como referência a figura da árvore, central na vida e na simbologia dos povos indígenas.

Memória, reconciliação e depois cura. Demos este terceiro passo do caminho nas margens do lago de Santa Ana, precisamente no dia da festa de Santos Joaquim e Ana. Todos nós podemos haurir de Cristo, fonte de água viva, e ali, em Jesus, vimos a proximidade do Pai, que nos oferece a cura das feridas e também o perdão dos pecados.

Deste percurso de memória, reconciliação e cura nasce a esperança para a Igreja, no Canadá e em toda a parte. E ali, a figura dos discípulos de Emaús que, depois de ter caminhado com Jesus ressuscitado, com Ele e graças a Ele passaram do fracasso à esperança (cf. Lc 24, 13-35).

Como disse no início, o caminho com os povos indígenas foi a espinha dorsal desta viagem apostólica. Nela se inserem os dois encontros com a Igreja

local e com as Autoridades do país, e às Autoridades gostaria de renovar a minha sincera gratidão pela grande disponibilidade e pela hospitalidade cordial que me reservaram, a mim e aos meus colaboradores. Igualmente aos Bispos. Perante os Governantes, os Líderes indígenas e o Corpo diplomático, reafirmei a vontade ativa da Santa Sé e das Comunidades católicas locais de promover as culturas originais, com caminhos espirituais apropriados e com atenção aos costumes e línguas dos povos. Ao mesmo tempo, observei que a mentalidade colonizadora está hoje presente sob várias formas de colonização ideológica, ameaçando as tradições, a história e os laços religiosos dos povos, nivelando as diferenças, concentrando-se apenas no presente e negligenciando frequentemente os deveres para com os mais débeis e frágeis. Portanto, trata-se de recuperar um equilíbrio saudável, recuperar a harmonia, que é mais do que um equilíbrio, é algo diferente, recuperar a harmonia entre modernidade e culturas ancestrais, entre a secularização e os valores espirituais. E isto desafia diretamente a missão da Igreja, enviada em todo o mundo para testemunhar e “semear” uma fraternidade universal que respeita e promove a dimensão local com as suas múltiplas riquezas (cf. Enc. Fratelli tutti, 142-153). Já manifestei, mas gostaria de reiterar o meu agradecimento às Autoridades civis, à Senhora Governadora-Geral, ao Primeiro-Ministro, às Autoridades locais dos lugares que visitei: agradeço muito o modo como favoreceram a realização dos propósitos e dos gestos que mencionei. E desejo agradecer sobretudo aos Bispos pela unidade do episcopado: a realização dos objetivos da Viagem foi possível porque os Bispos estavam unidos, e onde há unidade é possível progredir. Por isso, gostaria de realçar isto e agradecer aos Bispos do Canadá por esta unidade.

E, no sinal de esperança, foi o último encontro, na terra dos Inuits, com jovens e idosos. E asseguro-vos que nestes encontros, especialmente no último, senti como uma bofetada a dor daquelas pessoas: os idosos que perderam os filhos e não sabiam onde estavam, por causa da política de

assimilação. Foi um momento muito doloroso, mas era necessário encará-lo: devemos encarar os nossos erros, os nossos pecados. Até no Canadá este é um binómio-chave, jovens e idosos, um sinal dos tempos: jovens e idosos em diálogo para caminhar juntos na história entre memória e profecia, que estão de acordo. Que a fortaleza e a ação pacífica dos povos indígenas do Canadá sejam um exemplo a fim de que todos os povos nativos não se fechem, mas ofereçam a sua indispensável contribuição para uma humanidade mais fraterna, que saiba amar a criação e o Criador, em harmonia com a criação, em harmonia entre todos vós.

Saudações:

Caros peregrinos de língua portuguesa: bem-vindos! Gostaria de agradecer as vossas orações durante a peregrinação que fiz ao Canadá. Permanecemos abertos às riquezas dos outros, disponíveis para escutá-los e comprometidos na construção da fraternidade universal. Que Maria nos anime a seguir em frente, caminhando com Jesus Ressuscitado que nos enche de esperança. De todo o coração, vos abençoo.

APELO

Amanhã será recordado o segundo aniversário da explosão no porto de Beirute. Dirijo o meu pensamento às famílias das vítimas daquele acontecimento desastroso e ao amado povo libanês: rezo a fim de que cada um possa ser consolado pela fé e confortado pela justiça e pela verdade, que nunca pode ser escondida.

Desejo que o Líbano, com a ajuda da Comunidade internacional, continue a percorrer o caminho de “renascimento”, permanecendo fiel à sua vocação de ser terra de paz e de pluralismo, onde as comunidades de diferentes religiões possam viver em fraternidade.

AUDIÊNCIA GERAL - Biblioteca do Palácio Apostólico

Quarta-feira, 3 agosto 2022

Viagem Apostólica ao Cazaquistão

Na semana passada, de terça a quinta-feira, estive no Cazaquistão, um vasto país da Ásia Central, por ocasião do sétimo Congresso dos Líderes das religiões mundiais e tradicionais. Renovo a minha gratidão ao Senhor Presidente da República e às demais Autoridades do Cazaquistão pelo cordial acolhimento que me foi reservado e pelos generosos esforços que envidaram na sua organização. Da mesma forma, agradeço de coração aos Bispos e a todos os colaboradores pelo grande trabalho que realizaram e, sobretudo, pela alegria que me deram de poder encontrá-los e vê-los todos juntos.

Como eu dizia, a principal razão da viagem foi a participação no Congresso dos Líderes das religiões mundiais e tradicionais. Esta iniciativa realiza-se há vinte anos pelas Autoridades do país, que se apresenta ao mundo como lugar de encontro e de diálogo, neste caso a nível religioso e, portanto, como protagonista na promoção da paz e da fraternidade humana. Foi a sétima edição deste congresso: um país que tem 30 anos de independência, realizou já 7 edições destes congressos, um a cada três anos. Isto significa colocar as religiões no centro do compromisso para a construção de um mundo onde nos escutamos e nos respeitamos na diversidade. E isto não é relativismo, não: é escutar e respeitar. E o mérito disto deve ser atribuído ao governo cazaque que, depois de se ter libertado do jugo do regime ateu, propõe agora um caminho de civilização, condenando claramente os fundamentalismos e os extremismos. É uma posição equilibrada e de unidade.

O Congresso debateu e aprovou a Declaração final, que se põe em continuidade com a que foi assinada em Abu Dhabi, em fevereiro de 2019, sobre a fraternidade humana. Apraz-me interpretar este passo dado como fruto de um percurso que vem de longe: naturalmente, penso no histórico Encontro

inter-religioso a favor da paz, convocado por São João Paulo II em Assis, em 1986, muito criticado pelas pessoas que não tinham clarividência; penso no olhar clarividente de São João XXIII e de São Paulo VI; e também no das grandes almas de outras religiões - menciono apenas Mahatma Gandhi. Mas como deixar de recordar tantos mártires, homens e mulheres de todas as idades, línguas e nações, que pagaram com a vida a fidelidade ao Deus da paz e da fraternidade? Sabemo-lo: os momentos solenes são importantes, mas depois é o compromisso diário, é o testemunho concreto que constrói um mundo melhor para todos.

Além do Congresso, esta viagem deu-me a oportunidade de me encontrar com as Autoridades do Cazaquistão e com a Igreja que vive naquela terra.

Depois de ter visitado o Senhor Presidente da República – ao qual agradeço mais uma vez a amabilidade - fomos à nova Sala de Concertos, onde pude falar com os Governantes, representantes da sociedade civil e o Corpo Diplomático. Sublinhei a vocação do Cazaquistão a ser País do encontro: com efeito, nele convivem cerca de cento e cinquenta grupos étnicos e falam-se mais de oitenta línguas. Esta vocação, que se deve às suas características geográficas e à sua história – esta vocação de ser país de encontro, de cultura, de línguas - foi acolhida e abraçada como um caminho, que merece ser encorajado e apoiado. Também formulei votos para que ela possa prosseguir a construção de uma democracia cada vez mais madura, capaz de responder eficazmente às necessidades da sociedade como um todo. É uma tarefa árdua, que leva tempo, mas já se deve reconhecer que o Cazaquistão fez escolhas muito positivas, como a de dizer “não” às armas nucleares e a de boas políticas energéticas e ambientais. Isto foi corajoso. Num momento desta trágica guerra onde alguns pensam em armas nucleares – uma loucura – este país já desde o início disse “não” às armas nucleares.

No respeitante à Igreja, alegrei-me muito por me encontrar com uma comunidade de pessoas contentes, alegres, entusiastas. Os católicos são poucos naquele vasto país. Mas esta condição, se for vivida com fé, pode trazer frutos evangélicos: antes de mais nada, a bem-aventurança da pequenez, de ser fermento, sal e luz, confiando unicamente no Senhor e não nalguma forma de importância humana. Além disso, a escassez numérica convida a desenvolver relações com cristãos de outras confissões, e também a fraternidade com todos. Por conseguinte, pequeno rebanho, sim, mas aberto, não fechado, não na defensiva, aberto e confiante na ação do Espírito Santo, que sopra livremente onde e como quer. Recordamos também aquela parte cinzenta, os mártires: os mártires daquele Povo santo de Deus – porque sofreu décadas de opressão ateísta, até à libertação há 30 anos - homens e mulheres que sofreram tanto pela fé durante o longo período de perseguição. Assassinados, torturados, presos por causa da fé.

Com este pequeno, mas alegre rebanho, celebramos a Eucaristia em Nur-Sultan, na praça da Expo de 2017, circundada por arquiteturas ultramodernas. Era a festa da Santa Cruz. E isto faz-nos refletir: num mundo em que o progresso e o retrocesso se entrelaçam, a Cruz de Cristo permanece a âncora da salvação: sinal da esperança que não desilude porque está fundada no amor de Deus, misericordioso e fiel. A Ele se dirige a nossa ação de graças por esta viagem, e a nossa oração a fim de que seja rica de frutos para o futuro do Cazaquistão e para a vida da Igreja peregrina naquela terra. Obrigado.

Saudações

Dirijo uma cordial saudação aos peregrinos de língua portuguesa, especialmente a quantos vieram do Brasil – o grupo de magistrados, a associação Regina Fidei e a organização Nossa Senhora da Estrada –, convidando todos a permanecer fiéis a Cristo Jesus. Ele desafia-nos a sair do nosso mundo limitado e estreito para o Reino de Deus e a verdadeira liberdade. O Espírito Santo vos ilumine para

poderdes levar a Bênção de Deus a todos os homens. A Virgem Mãe vele sobre o vosso caminho e vos proteja.

APELO

Hoje celebra-se o Dia Mundial da doença de Alzheimer, uma doença que atinge muitas pessoas as quais, devido a esta patologia, são frequentemente postas às margens da sociedade. Rezemos pelos doentes de Alzheimer, pelas suas famílias e por quantos cuidam amorosamente deles, a fim de que sejam cada vez mais apoiados e ajudados. Também associo na oração os homens e as mulheres que fazem a hemodiálise e transplante, aqui presentes com uma representação.

E gostaria também de mencionar a terrível situação na atormentada Ucrânia. O Cardeal Krajewski foi lá pela quarta vez. Ontem telefonou-me, permanece lá algum tempo, ajudando na zona de Odessa, oferecendo tanta proximidade. Ele contou-me a dor daquele povo, as ações selvagens, as monstruosidades, os cadáveres torturados que encontram. Unamo-nos a este povo tão nobre e mártire.

Resumo da catequese do Santo Padre:

Na semana passada, visitei o Cazaquistão com o objetivo principal de participar no Congresso dos Líderes das Religiões Mundiais e Tradicionais, um evento que chegou à sétima edição, com o favor e o apoio das Autoridades do país. Este, depois de se ter libertado do jugo do regime ateu, fez-se paladino numa estrada de civilização onde convivem a política e a religião, sem se confundir nem hostilizar. Vemos, assim, as religiões no centro do empenho pela construção duma sociedade, onde se escutam e respeitam uns aos outros na diversidade, pondo de parte extremismos e fundamentalismos. O Congresso, com a sua Declaração final, representou mais uma etapa num caminho que já vem de longe: penso no histórico Encontro Inter-religioso em prol da Paz convocado por São João Paulo II em Assis no ano de 1986. Feliz e esperançado com a sementeira que pude ver crescer em Nur Sultan, lá encontrei também os fiéis católicos: num país predominantemente muçulmano, constituem um pequeno rebanho, mas formado por pessoas jubilosas e cheias de entusiasmo. E a elas me juntei para celebrar a festa daquele dia: a Exaltação da Santa Cruz. No nosso mundo, com os seus avanços e recuos, a Cruz de Cristo permanece como âncora de salvação: um sinal de esperança que não desilude, porque fundada sobre o amor de Deus misericordioso e fiel. Hoje, queridos irmãos e irmãs, juntai-vos a mim para agradecer ao Senhor esta viagem e pedir-Lhe que a faça frutificar a bem do futuro do Cazaquistão e da vida da Igreja naquela terra.

AUDIÊNCIA GERAL – Praça São Pedro

Quarta-feira, 21 setembro 2022

A Viagem Apostólica ao Bahrein

Antes de falar sobre o que preparei, gostaria de chamar a atenção sobre estes dois jovens que vieram aqui. Eles não pediram licença, não disseram: “Ah, tenho medo”: vieram diretamente. Nós devemos ser assim com Deus: diretamente. Eles deram-nos o exemplo de como nos devemos comportar com Deus, com o Senhor: ir em frente! Ele espera-nos sempre. Fez-me bem ver a confiança destes dois meninos: foi um exemplo para todos nós. Assim devemos aproximar-nos sempre do Senhor: com liberdade. Obrigado.

Há três dias regressei da viagem ao Reino do Bahrein, que não conhecia, deveras: não sabia bem como fosse aquele reino. Desejo agradecer a todos aqueles que acompanharam esta visita com o apoio da oração e renovar a minha gratidão a Sua Majestade o Rei, às demais Autoridades, à Igreja local e à população pela calorosa hospitalidade. E gostaria também de agradecer aos organizadores das viagens: para realizar esta viagem houve um movimento de pessoas, a Secretaria de Estado trabalha muito para preparar os discursos, para preparar a logística, tudo, são tantos que se movem... depois os tradutores... e o Corpo da Gendarmaria, o Corpo da Guarda suíça, que são excepcionais. É um trabalho enorme! A todos, a todos gostaria de vos agradecer publicamente por tudo o que fazeis a fim de que uma viagem do Papa corra bem. Obrigado.

É natural interrogar-se: por que quis o Papa visitar esse pequeno país de maioria islâmica? Há muitos países cristãos: por que não vais primeiro a um ou a outro? Gostaria de responder com três palavras: diálogo, encontro, caminho.

Diálogo: a ocasião da Viagem, há muito desejada, foi proporcionada pelo convite do Rei para um Fórum sobre o diálogo entre Oriente e Ocidente. Diálogo que serve para descobrir a riqueza de quantos pertencem a outros povos, outras tradições, outras crenças. O Bahrein, um arquipélago formado por

muitas ilhas, ajudou-nos a compreender que não se deve viver isolando-se, mas aproximando-se. No Bahrein, que são ilhas, aproximaram-se, tocam-se. Exige isto a causa da paz, e o diálogo é “o oxigénio da paz”. Não vos esqueçais disto: o diálogo é o oxigénio da paz. Inclusive na paz doméstica. Se houver uma guerra ali, entre marido e mulher, depois com o diálogo vai-se em frente com a paz. Dialogar também em família: dialogar, pois com o diálogo conserva-se a paz. Há quase sessenta anos, o Concílio Vaticano II, falando sobre a construção do edifício da paz, declarou que «ela exige certamente que [os homens] dilatem o espírito mais além das fronteiras da própria nação, deponham o egoísmo nacional e a ambição de dominar sobre os outros países, e fomentem um grande respeito por toda a humanidade, que já avança tão laboriosamente para uma maior unidade» (Gaudium et spes, 82). No Bahrein, senti esta exigência e desejei que, no mundo inteiro, os responsáveis religiosos e civis saibam olhar além das próprias fronteiras, das suas comunidades, para cuidar de todo o conjunto. Somente assim podem ser enfrentados certos temas universais, por exemplo o esquecimento de Deus, a tragédia da fome, a tutela da criação, a paz. Juntos, pensa-se isto. Neste sentido, o Fórum de diálogo, intitulado “Oriente e Ocidente pela convivência humana”, exortou a escolher o caminho do encontro e a rejeitar o do conflito. Quanto precisamos disto! Quanta necessidade temos de nos encontrar! Penso na guerra louca – loucura! – de que a martirizada Ucrânia é vítima, e em muitos outros conflitos, que nunca serão resolvidos através da lógica infantil das armas, mas unicamente com a força suave do diálogo. Mas além da Ucrânia, que é martirizada, pensemos nas guerras que duram há anos, e pensemos na Síria – mais de 10 anos! – pensemos por exemplo na Síria, pensemos nas crianças do Iémen, pensemos no Myanmar: em todos os lugares! Agora, a mais próxima é a Ucrânia, para que servem as guerras? Destroem, destroem a humanidade, destroem tudo. Os conflitos não devem ser resolvidos através da guerra.

Mas não pode haver diálogo sem - segunda palavra - encontro. No Bahrein encontramos-nos e senti várias vezes o desejo de que haja mais encontros entre cristãos e muçulmanos, que se estreitem relações mais sólidas, que nos interessemos mais uns pelos outros. No Bahrein - como se usa no Oriente - as pessoas põem a mão no coração quando cumprimentam alguém. Também eu o fiz, a fim de criar espaço dentro de mim para quantos eu encontrava. Pois sem hospitalidade, o diálogo resta vazio, aparente, permanece uma questão de ideias, não de realidade. Entre os numerosos encontros, recordo aquele com o amado Irmão, Grão-Imã de Al-Azhar – querido irmão!; e aquele com os jovens da Escola do Sagrado Coração, estudantes que nos deram uma grande lição: estudam juntos, cristãos e muçulmanos. Quando se é jovem, adolescente, criança, é necessário conhecer-se, de tal modo que o encontro fraterno previna as divisões ideológicas. E neste ponto gostaria de agradecer à Escola do Sagrado Coração, agradecer à irmã Rosalyn que levou adiante tão bem esta escola, e os alunos participaram com os discursos, com as orações, a dança, o canto: recordo-os bem! Muito obrigado. Mas também os idosos ofereceram um testemunho de sabedoria fraterna: recordo o encontro com o Muslim Council of Elders, uma organização internacional fundada há poucos anos, que promove boas relações entre as comunidades islâmicas, no sinal do respeito, da moderação e da paz, opondo-se ao integralismo e à violência.

Assim, chegamos à terceira palavra: caminho. A viagem ao Bahrein não deve ser vista como um episódio isolado, faz parte de um percurso inaugurado por São João Paulo II, quando foi a Marrocos. Deste modo, a primeira visita de um Papa ao Bahrein representou um novo passo no caminho entre crentes cristãos e muçulmanos: não para nos confundirmos nem para diluir a fé, não: o diálogo não dilui; mas para construir alianças fraternas em nome do Pai Abraão, que foi peregrino na terra sob o olhar misericordioso do único Deus do Céu, Deus da Paz. Por isso, o lema da viagem era: “Paz na terra aos homens de boa

vontade”. E por que digo que o diálogo não dilui? Porque para dialogar é necessário ter identidade própria, deve-se partir da própria identidade. Se tu não tiveres identidade, não podes dialogar, porque não entendes nem sequer o que és. Para que um diálogo seja bom, devemos sempre partir da própria identidade, estar cientes da própria identidade, e assim podemos dialogar.

Diálogo, encontro e caminho no Bahrein tiveram lugar inclusive entre os cristãos: por exemplo, o primeiro encontro de facto foi ecuménico, de oração pela paz, com o amado Patriarca e Irmão Bartolomeu, e com irmãos e irmãs de várias confissões e ritos. Realizou-se na Catedral, dedicada a Nossa Senhora da Arábia, cuja estrutura evoca uma tenda, aquela em que, segundo a Bíblia, Deus encontrou Moisés no deserto, ao longo do caminho. Os irmãos e irmãs na fé, que encontrei no Bahrein, vivem verdadeiramente “a caminho”: são na maioria trabalhadores imigrantes que, longe de casa, encontram as suas raízes no Povo de Deus e a sua família na grande família da Igreja. É maravilhoso ver os migrantes, filipinos, indianos e de outras partes, cristãos que se reúnem e se apoiam na fé. E vão em frente com alegria, na certeza de que a esperança de Deus não desilude (cf. Rm 5, 5). Encontrando-me com os Pastores, os consagrados, as consagradas, os agentes pastorais e, na missa festiva e comovedora celebrada no estádio, numerosos fiéis vindos até de outros países do Golfo, levei-lhes o afeto de toda a Igreja. Esta foi a viagem.

E hoje gostaria de vos transmitir a sua alegria genuína, simples e bela. Encontrando-nos e rezando juntos, sentimo-nos um só coração e uma só alma. Pensando no seu caminho, na sua experiência diária de diálogo, sintamo-nos todos chamados a dilatar os horizontes: por favor, corações dilatados, não corações fechados, duros. Abri os corações, pois somos todos irmãos, para que esta fraternidade humana progrida. Dilatar os horizontes, abrir, alargar os interesses e dedicar-nos ao conhecimento dos outros. Se tu te dedicares ao conhecimento dos outros, nunca serás ameaçado. Mas se tu tens medo dos

outros, também serás uma ameaça para eles. O caminho da fraternidade e da paz, para ir em frente, tem necessidade de todos e de cada um. Dou a mão, mas se da outra parte não há outra mão, não serve. Nossa Senhora nos ajude neste caminho! Obrigado!

Saudações:

Dirijo uma cordial saudação aos peregrinos de língua portuguesa! Depois de amanhã começa em Recife, no Brasil, o décimo-oitavo Congresso Eucarístico Nacional. Faço votos de que este encontro com Jesus Eucarístico reforce nos fiéis o desejo de prosseguir no caminho do diálogo fraterno com todos. Que Deus vos abençoe e vos proteja de todo mal!

Resumo da catequese do Santo Padre:

No domingo passado terminou a minha Viagem Apostólica ao Bahrein. Poderia surgir a pergunta: Por que o Papa quis visitar este pequeno país de maioria muçulmana? Responde-se com três palavras: diálogo, encontro e caminho. O diálogo nos ajuda a descobrir a riqueza de quem pertence a outras tradições, outros credos. Somente através dele podem ser abordados temas universais como a indiferença em relação a Deus, a tragédia da fome, o cuidado com a criação e, enfim, a paz. Quanta necessidade temos de diálogo! Penso na loucura da guerra da qual é vítima a martirizada Ucrânia. Penso neste e em tantos outros conflitos, que jamais serão resolvidos pela lógica das armas, mas com a suave força do diálogo. Contudo, não pode haver diálogo sem a segunda palavra: encontro. Porque, sem acolhimento, sem encontro, o diálogo permanece vazio, uma questão de ideias e não da realidade. No Bahrein houve um encontro, e sentiu-se o desejo emergente de que ocorram mais encontros entre cristãos e muçulmanos, que evitem as divisões ideológicas. Chegamos assim à terceira palavra: caminho. Parte de um percurso, iniciado com S. João Paulo II em Marrocos, esta viagem representou um novo passo no caminho para construir alianças fraternas entre cristãos e muçulmanos. Para se continuar este caminho da fraternidade e da paz, é necessária a participação de todos e de cada um.

AUDIÊNCIA GERAL – Praça São Pedro

Quarta-feira, 9 novembro 2022

A Viagem Apostólica à República Democrática do Congo e Sudão do Sul

Na semana passada visitei dois países africanos: a República Democrática do Congo e o Sudão do Sul. Dou graças a Deus que me permitiu fazer esta viagem, há muito desejada. Dois “sonhos”: visitar o povo congolês, guardião de um imenso país, pulmão verde da África: juntamente com a Amazónia, são os dois pulmões do mundo. Terra rica em recursos e ensanguentada por uma guerra que nunca acaba, porque há sempre quem alimenta o fogo. E visitar o povo sul-sudanês, numa peregrinação de paz com o Arcebispo de Canterbury Justin Welby e o Moderador-geral da Igreja da Escócia, Iain Greenshields: fomos juntos para testemunhar que é possível e necessário colaborar na diversidade, especialmente quando se partilha a fé em Jesus Cristo.

Nos primeiros três dias estive em Kinshasa, capital da República Democrática do Congo. Renovo a minha gratidão ao Presidente e às demais Autoridades do país pelo acolhimento que me reservaram. Imediatamente após a minha chegada, no Palácio presidencial, pude dirigir a mensagem à Nação: o Congo é como um diamante, pela sua natureza, pelos seus recursos e sobretudo pelo seu povo; mas este diamante tornou-se motivo de disputa, de violências e, paradoxalmente, de empobrecimento do povo. Trata-se de uma dinâmica que se encontra também noutras regiões africanas, e que é válida para aquele continente em geral: um continente colonizado, explorado e saqueado. Diante de tudo isto, eu disse duas palavras: a primeira é negativa: “basta!”, parem de explorar a África! Disse outras vezes que no inconsciente coletivo prevalece “a África deve ser explorada”: basta com isto! Disse eu. A segunda é positiva: juntos, com dignidade todos juntos, com respeito mútuo, juntos em nome de Cristo, nossa esperança, ir em frente. Não explorar e ir em frente juntos!

E reunimo-nos em nome de Cristo na solene Celebração eucarística.

Depois, os vários encontros tiveram lugar ainda em Kinshasa: com as vítimas da violência no leste do país, a região que há anos é dilacerada pela guerra entre grupos armados, manobrados por interesses económicos e políticos. Não pude ir a Goma. O povo vive no medo e na insegurança, sacrificado no altar de negócios ilícitos. Ouvi os testemunhos chocantes de algumas vítimas, especialmente mulheres, que depuseram aos pés da Cruz armas e outros instrumentos de morte. Com elas eu disse “não” à violência, “não” à resignação, “sim” à reconciliação e à esperança. Sofreram muito e continuam a sofrer.

Em seguida, encontrei-me com os representantes de várias obras de caridade presentes no país, para lhes agradecer e incentivar. O seu trabalho com os pobres e pelos pobres não faz barulho, mas dia após dia faz crescer o bem comum. E sobretudo com a promoção: as iniciativas caritativas devem ser sempre em primeiro lugar para a promoção, não só para a assistência, mas para a promoção. Assistência sim, mas também promoção.

Um momento entusiasmante foi com os jovens e os catequistas congolezes no estádio. Foi como uma imersão no presente, projetado para o futuro. Pensemos na força de renovação que pode trazer aquela nova geração de cristãos, formados e animados pela alegria do Evangelho! Indiquei-lhes, aos jovens, cinco caminhos: a oração, a comunidade, a honestidade, o perdão e o serviço. Aos jovens do Congo disse: a vossa estrada é esta: oração, vida comunitária, honestidade, perdão e serviço. O Senhor ouça o seu clamor, que invoca paz e justiça!

Depois, na Catedral de Kinshasa, encontrei-me com os sacerdotes, diáconos, consagrados, consagradas e seminaristas. São muitos e são jovens, pois as vocações são numerosas: é uma graça de Deus. Exortei-os a ser servos

do povo, como testemunhas do amor de Cristo, superando três tentações: a mediocridade espiritual, o conforto mundano e a superficialidade. Que são tentações – diria – universais, para os seminaristas e para os sacerdotes. Certamente, a mediocridade espiritual, quando um sacerdote cai na mediocridade, é triste; a comodidade mundana, isto é a mundanidade, que é um dos piores males que possam acontecer à Igreja; e a superficialidade. Por fim, com os Bispos congolezes, partilhei a alegria e a dificuldade do serviço pastoral. Convidei-os a deixar-se consolar pela proximidade de Deus e a ser profetas para o povo, com a força da Palavra de Deus, ser sinais de como é o Senhor, da atitude que o Senhor tem conosco: a compaixão, a proximidade e a ternura. São três modos de agir do Senhor para conosco: faz-se próximo – a proximidade – com compaixão e com ternura. Foi o que pedi aos sacerdotes e aos bispos.

Depois, a segunda parte da Viagem teve lugar em Juba, capital do Sudão do Sul, Estado que nasceu em 2011. Esta visita teve uma fisionomia deveras especial, expressa pelo lema que retomava as palavras de Jesus: «Rezo para que todos sejam um só!» (cf. Jo 17, 21). Com efeito, tratou-se de uma peregrinação ecuménica de paz, realizada em conjunto, com os chefes de duas Igrejas historicamente presentes naquela terra: a Comunhão anglicana e a Igreja da Escócia. Era o ponto de chegada de um caminho iniciado há alguns anos, que nos tinha visto reunidos em Roma, em 2019, com as Autoridades sul-sudanesas, para assumir o compromisso de superar o conflito e construir a paz. Em 2019 foi feito um retiro espiritual aqui, na Cúria, de dois dias, com todos estes políticos, com todas as pessoas que aspiravam aos postos, alguns inimigos entre eles, mas estavam todos no retiro. E isto deu força para ir em frente. Infelizmente, o processo de reconciliação não avançou muito e o recém-nascido Sudão do Sul é vítima da antiga lógica do poder, da rivalidade, que produz guerra, violências, refugiados e deslocados internos. Agradeço muito ao senhor presidente o

acolhimento que nos deu e como está a procurar gerir esta estrada nada fácil, a dizer “não” à corrupção e ao tráfico de armas, e “sim” ao encontro e ao diálogo. E isto é vergonhoso: muitos países que se dizem civilizados oferecem ajuda ao Sudão do Sul, e a ajuda consiste em armas, armas, armas, para fomentar a guerra. Isto é uma vergonha. E sim, ir em frente dizendo “não” à corrupção e aos tráficos de armas e “sim” ao encontro e ao diálogo. Só assim poderá haver desenvolvimento, as pessoas poderão trabalhar em paz, os doentes curar-se, as crianças ir à escola.

O carácter ecuménico da visita ao Sudão do Sul manifestou-se em particular no momento de oração celebrado com os irmãos Anglicanos e da Igreja da Escócia. Juntos, ouvimos a Palavra de Deus; juntos, dirigimos preces de louvor, de súplica e de intercessão. Numa realidade altamente conflituosa, como a sul-sudanesa, este sinal é fundamental, e não é um dado adquirido, pois infelizmente há quem abuse do nome de Deus para justificar violências e abusos.

Irmãos e irmãs, o Sudão do Sul é um país com cerca de 11 milhões de habitantes – pequenino! - dos quais, devido aos conflitos armados, dois milhões são deslocados internos e outros dois milhões fugiram para os países fronteiriços. Por isso, eu quis encontrar-me com um grande grupo de deslocados internos, ouvi-os e fazer-lhes sentir a proximidade da Igreja. Com efeito, as Igrejas e organizações de inspiração cristã estão na vanguarda, ao lado daquelas pessoas desafortunadas, que há anos vivem em campos para deslocadas. Em particular, dirigi-me às mulheres – há ali muitas mulheres excelentes - que são a força que pode transformar o país; e encorajei todos a ser sementes de um novo Sudão do Sul, sem violência, reconciliado e pacificado.

Depois, no encontro com os Pastores e os consagrados daquela Igreja local, olhamos para Moisés como modelo de docilidade a Deus e de perseverança na intercessão.

E na Celebração eucarística, último ato da visita ao Sudão do Sul e também de toda a Viagem, fiz-me eco do Evangelho, encorajando os cristãos a ser “sal e luz” naquela terra tão atribulada. Deus deposita a sua esperança não nos grandes e nos poderosos, mas nos pequeninos e nos humildes. E este é o modo de agir de Deus.

Agradeço às autoridades do Sudão do Sul, ao senhor presidente, aos organizadores das viagens e a quantos dedicaram o próprio esforço, o seu trabalho a fim de que a visita pudesse correr bem. Agradeço aos meus irmãos, Justin Welby e Iain Greenshields, por me terem acompanhado nesta viagem ecuménica.

Oremos a fim de que, na República Democrática do Congo e no Sudão do Sul, bem como em toda a África, germinem as sementes do seu Reino de amor, de justiça e de paz.

Saudações:

Saúdo cordialmente os peregrinos de língua portuguesa, com votos de que tragais sempre no coração o amor de Jesus e a oração ao Pai celeste por todos os seus filhos, especialmente por quantos não têm paz. Sobre vós e vossas famílias desça a bênção de Deus! Obrigado.

Resumo da catequese do Santo Padre:

Queridos irmãos e irmãs, acabo de visitar os povos da República Democrática do Congo e do Sudão do Sul. Pela sua natureza, os seus recursos e sobretudo pela sua gente, o Congo é como um diamante; mas um diamante ensanguentado pelas contendas e violências que a sua posse motiva. Pode estar com as vítimas da violência no Leste do país, dilacerado pela guerra entre grupos armados, manobrados por interesses económicos e políticos. Trata-se duma dinâmica que se verifica também noutras regiões da África, um continente colonizado, explorado, saqueado. Basta de explorar a África!

Em vez disso, caminhemos juntos, com dignidade e respeito recíproco, juntos em nome de Cristo nossa esperança! Momento entusiasmante foi o encontro com os jovens e os catequistas congolezes: uma espécie de mergulho no presente projetado para o futuro. Pensemos na força de renovação que abriga aquela nova geração de cristãos, formados e animados pela alegria do Evangelho! A segunda parte da viagem desenrolou-se no Sudão do Sul, em Juba; lá foram juntar-se a mim o Arcebispo de Cantuária e o Moderador Geral da Igreja da Escócia: fomos juntos para testemunhar que é possível e forçoso colaborar na diversidade, especialmente se se compartilha a fé em Cristo. Era o ponto de chegada dum caminho que vinha de trás e já nos tinha visto juntos, no ano 2019 em Roma, com as Autoridades sul-sudanesas para assumir o compromisso de superar o conflito e construir a paz. Infelizmente aquele processo de reconciliação não avançou e o recém-nascido Sudão do Sul acabou vítima da velha lógica do poder e da rivalidade, que produz guerra, violências, refugiados e deslocados internos. Deus coloca as suas esperanças, não nos grandes e poderosos, mas nos pequeninos e humildes, como nos diz a Bíblia do princípio até ao fim. É o mistério da esperança de Deus que vê uma grande árvore onde está uma pequena semente. Rezemos para que, nestes dois países e na África inteira, germinem as sementes do seu Reino de amor, justiça e paz.

AUDIÊNCIA GERAL – Sala Paulo VI

Quarta-feira, 8 fevereiro 2023

Viagem à Hungria

Há três dias regressei da viagem à Hungria. Desejo agradecer a todos aqueles que prepararam e acompanharam esta visita com a oração, e renovar a minha gratidão às Autoridades, à Igreja local e ao povo húngaro, um povo corajoso e rico de memória. Durante a minha permanência em Budapeste pude sentir o afeto de todos os húngaros. Hoje gostaria de vos falar desta visita através de duas imagens: as raízes e as pontes.

As raízes. Fui como peregrino visitar um povo cuja história - como disse São João Paulo II - foi marcada por «muitos santos e heróis, circundados por multidões de pessoas humildes e diligentes» (Discurso por ocasião da cerimónia de boas-vindas, Budapeste, 6 de setembro de 1996). É realmente verdade: vi tantas pessoas humildes e diligentes conservar com orgulho o vínculo com as suas raízes. E entre estas raízes, como salientaram os testemunhos durante os encontros com a Igreja local e com os jovens, estão sobretudo os santos: santos que deram a vida pelo povo, santos que testemunharam o Evangelho do amor e que foram luzes nos momentos de escuridão; tantos santos do passado que hoje exortam a superar o risco do derrotismo e o medo do amanhã, recordando que Cristo é o nosso futuro. Os santos recordam-nos isto: Cristo é o nosso futuro.

Contudo, as sólidas raízes cristãs do povo húngaro foram postas à prova. A sua fé foi testada no fogo. Com efeito, durante a perseguição ateia do século XX, os cristãos foram atingidos violentamente, com Bispos, sacerdotes, religiosos e leigos assassinados ou privados da liberdade. E enquanto se procurava cortar a árvore da fé, as raízes permaneceram intactas: manteve-se uma Igreja escondida, mas viva, forte, com a força do Evangelho. E na Hungria esta última perseguição, a opressão comunista foi precedida pela opressão

nazista, com a trágica deportação de uma grande população judaica. Mas nesse genocídio atroz, muitos se distinguiram pela resistência e capacidade de proteger as vítimas, e isto foi possível porque as raízes da convivência eram firmes. Nós em Roma temos uma ótima poetisa húngara que passou todas estas provações e conta aos jovens a necessidade de lutar por um ideal, para não ser derrotados pelas perseguições, pelo desânimo. Esta poetisa hoje completa 92 anos: parabéns, Edith Bruck!

Mas ainda hoje a liberdade está ameaçada, como sobressaiu nos encontros com os jovens e com o mundo da cultura. Como? Sobretudo com as luvas brancas, com um consumismo que anestesia, pelo que as pessoas se contentam com um pouco de bem-estar material e, esquecendo o passado, “flutuam” num presente feito à medida do indivíduo. Esta é a perseguição perigosa da mundanidade, levada a cabo pelo consumismo. Mas quando a única coisa que conta é pensar em si próprio e fazer o que bem entender, as raízes sufocam. Trata-se de um problema que diz respeito à Europa inteira, onde dedicar-se ao próximo, sentir-se comunidade, sentir a beleza de sonhar em conjunto e de criar famílias numerosas estão em crise. A Europa inteira está em crise. Então, reflitamos sobre a importância de preservar as raízes, pois só quando elas se afundam os ramos crescerão e produzirão frutos. Cada um de nós pode perguntar-se, também como povo, cada um de nós: quais são as raízes mais importantes da minha vida? Onde estou radicado? Lembro-me delas, cuido delas?

Depois das raízes, eis a segunda imagem: as pontes. Nascida há 150 anos da união de três cidades, Budapeste é célebre pelas pontes que a atravessam e unem as suas partes. Isto evocou, especialmente nos encontros com as Autoridades, a importância de construir pontes de paz entre diferentes povos. Esta é, em particular, a vocação da Europa, chamada como “ponte de paz” a incluir as diferenças e a acolher quantos batem às suas portas. Neste sentido, é

bela a ponte humanitária criada para tantos refugiados da vizinha Ucrânia, que pude encontrar, admirando também a grande rede de caridade da Igreja húngara.

Além disso, o país está muito comprometido na construção de “pontes para o amanhã”: é grande a sua atenção ao cuidado ecológico – e esta é uma coisa muito, muito bonita da Hungria – o cuidado ecológico e o futuro sustentável, e trabalha-se para edificar pontes entre as gerações, entre os idosos e os jovens, desafio hoje irrenunciável para todos. Depois há pontes que a Igreja, como emergiu do encontro específico, é chamada a lançar aos homens de hoje, pois o anúncio de Cristo não pode consistir apenas em repetir o passado, mas deve ser sempre atualizado, de modo a ajudar as mulheres e os homens do nosso tempo a redescobrir Jesus. Por fim, recordando com gratidão os belos momentos litúrgicos, a oração com a comunidade greco-católica e a solene Celebração eucarística, tão participada, penso na beleza de construir pontes entre os crentes: na Missa dominical havia cristãos de vários ritos e países, e de diferentes confissões, que juntos trabalham bem na Hungria. Construir pontes, pontes de harmonia e pontes de unidade.

Nesta visita fiquei impressionado com a importância da música, que é um traço característico da cultura húngara.

Concluindo, aprez-me recordar, no início do mês de maio, que os húngaros são muito devotos à Santa Mãe de Deus. A Ela consagrados pelo primeiro rei, Santo Estêvão, por respeito costumavam dirigir-se a Ela sem pronunciar o seu nome, chamando-a unicamente com os títulos da Rainha. Portanto, confiemos à Rainha da Hungria aquele querido país, confiemos à Rainha da paz a construção de pontes no mundo, à Rainha do Céu, que aclamamos neste tempo pascal, confiemos o nosso coração para que se enraíze no amor de Deus.

Saudações:

Saúdo os fiéis de língua portuguesa, especialmente a comunidade «Amigos de Jesus» de Caratinga, os peregrinos de Campinas e os advogados brasileiros aqui presentes. No início deste mês de maio, recordo o pedido de Nossa Senhora de Fátima aos três pastorinhos: «Rezem o terço todos os dias pela paz no mundo e pelo fim da guerra». Também eu vo-lo peço: rezai o terço pela paz. Que Maria, Mãe de Jesus e nossa Mãe, nos ajude a construir caminhos de encontro e veredas de diálogo, e nos dê a coragem de os percorrer sem demora. Deus vos abençoe!

Resumo da catequese do Santo Padre:

Há três dias regresssei da viagem à Hungria e gostaria de vos falar dessa visita através de duas imagens: a das raízes e a das pontes. As raízes fazem-me pensar na gente simples e trabalhadora que ali encontrei. São pessoas de fé que se deixam iluminar pelos santos do seu passado e que não têm medo do futuro, pois Cristo é o nosso futuro. Porém, como no passado houve momentos de prova, hoje também os há. No século XX, tentou-se cortar a árvore da fé naquelas terras; hoje, a ameaça vem do consumismo e do bem-estar que, fazendo esquecer as raízes, levam a trocar a beleza de estar em comunidade pela aridez do individualismo. Por isso, perguntemo-nos: Eu cuido das minhas raízes? Já com a imagem das pontes, gostaria de evocar não só a cidade de Budapest, que é célebre por causa delas, mas também a vocação da Europa, que é chamada a construir pontes de paz, a incluir as diferenças e a acolher quem lhe bate à porta. Perguntemo-nos ainda: Sou construtor de pontes, de harmonia e de unidade? Entreguemos a Maria, Rainha da paz, a construção de pontes no mundo e confiemos-lhe o nosso coração para que esteja enraizado no amor de Deus.

AUDIÊNCIA GERAL – Praça São Pedro

Quarta-feira, 3 maio 2023

Viagem Apostólica a Portugal por ocasião da Jornada Mundial da Juventude

Nos últimos dias fui a Portugal para a 37ª Jornada Mundial da Juventude.

Esta JMJ de Lisboa, que veio depois da pandemia, foi sentida por todos como dom de Deus, que voltou a colocar em movimento os corações e os passos dos jovens, muitos jovens de todas as partes do mundo – muitos! – para se encontrarem e encontrar Jesus.

A pandemia, como bem sabemos, incidiu gravemente nos comportamentos sociais: muitas vezes o isolamento degenerou em fechamento, e os jovens foram particularmente atingidos. Com esta Jornada Mundial da Juventude, Deus deu um “empurrão” na direção oposta: marcou um novo início da grande peregrinação dos jovens pelos continentes, em nome de Jesus Cristo. E não foi por acaso que se realizou em Lisboa, uma cidade virada para o oceano, cidade-símbolo das grandes explorações marítimas.

Assim, na Jornada mundial da juventude o Evangelho propôs aos jovens o modelo da Virgem Maria. No momento mais crítico para ela, [Maria] vai visitar a sua prima Isabel. Diz o Evangelho: «levantou-se e partiu apressadamente» (Lc 1, 39) gosto muito de invocar Nossa Senhora sob este aspeto: Nossa Senhora “apressada”, que sempre faz as coisas apressadamente, nunca nos faz esperar, pois Ela é a mãe de todos. Assim hoje, no terceiro milénio, Maria guia a peregrinação dos jovens no seguimento de Jesus. Como fez há um século em Portugal, em Fátima, quando se dirigiu a três crianças, confiando-lhes uma mensagem de fé e de esperança para a Igreja e para o mundo. Por isso, na JMJ, voltei a Fátima, ao lugar da aparição, e juntamente com alguns jovens doentes rezei para que Deus cure o mundo das doenças da alma: soberba, mentira, inimizade, violência – são doenças da alma e o mundo está doente destas

enfermidades. E renovámos a nossa consagração, da Europa, do mundo ao Coração de Maria, ao Imaculado Coração de Maria. Rezei pela paz, pois há muitas guerras em todas as partes do mundo, demasiadas.

Os jovens de todo o mundo foram a Lisboa muito numerosos e com grande entusiasmo. Encontrei-me com eles inclusive em pequenos grupos, e alguns com muitos problemas; o grupo dos jovens ucranianos traziam histórias que eram dolorosas. Não eram férias, nem uma viagem turística e muito menos um evento espiritual por si só; a Jornada da juventude é um encontro com Cristo vivo através da Igreja. Os jovens vão encontrar Cristo. É verdade, onde há jovens há alegria e um pouco de todas as coisas.

A minha visita a Portugal, por ocasião da JMJ, beneficiou do clima festivo dela, onda de jovens. Dou graças a Deus por isso, pensando sobretudo na Igreja de Lisboa que, em troca do grande esforço feito para a organizar e acolher, receberá novas energias para prosseguir o novo caminho, para lançar de novo as redes com paixão apostólica. Os jovens em Portugal já são uma presença vital, e agora, depois desta “transusão” recebida das Igrejas de todo o mundo, tornar-se-ão ainda mais. E muitos jovens, no regresso, passaram por Roma, estou a vê-los também aqui, há alguns que participaram nesta Jornada. Ei-los! Onde estão os jovens há barulho, sabem fazer isto bem!

Enquanto na Ucrânia e noutros lugares do mundo há combates, e enquanto em certos salões escondidos se planeia a guerra – isto é terrível, planejar a guerra! – a JMJ mostrou a todos que outro mundo é possível: um mundo de irmãos e irmãs, onde as bandeiras de todos os povos flutuam juntas, lado a lado, sem ódio, sem medo, sem fechamentos, sem armas! A mensagem dos jovens foi clara: será ouvida pelos “grandes da terra”? Pergunto-me, ouvirão este entusiasmo juvenil que deseja paz? É uma parábola para o nosso tempo, e ainda hoje Jesus diz: «Quem tem ouvidos, ouça! Quem tem olhos,

veja!». Esperemos que todo o mundo escute esta Jornada da Juventude e olhe para esta beleza dos jovens indo em frente.

Expresso novamente a minha gratidão a Portugal, a Lisboa, ao Presidente da República, que esteve presente em todas as celebrações, e às demais Autoridades civis; ao Patriarca de Lisboa – que trabalhou muito bem! – ao Presidente da Conferência Episcopal e ao Bispo coordenador da Jornada mundial da juventude, a todos os colaboradores e voluntários. Pensai que os voluntários – encontrei-me com eles no último dia, antes de voltar – eram 25 mil: esta jornada teve 25 mil voluntários! Obrigado a todos! Por intercessão da Virgem Maria, o Senhor abençoe os jovens do mundo inteiro e abençoe o povo português. Peçamos juntos a Nossa Senhora, todos juntos, para que Ela abençoe o povo português.

[recitação da Ave-Maria]

Saudações:

Queridos peregrinos de língua portuguesa, abraço-vos a todos e de coração vos abençoo a vós e às vossas famílias. Que Nossa Senhora vos acompanhe e sempre vos proteja. Aproveito esta ocasião para enviar uma saudação particular aos Presidentes dos países da região amazônica que, nestes dias, estão reunidos em Belém do Pará, no Brasil. Asseguro a minha oração pelo bom êxito do seu encontro, desejando que se renove o compromisso de todos em prol da criação e dum progresso sustentável.

Apelo

Nos últimos dias, ocorreram fenómenos naturais dramáticos na Eslovénia e na Geórgia, causando mortes e destruição material. Rezo pelas vítimas e exprimo a minha proximidade espiritual às suas famílias e a quantos estão a sofrer por causa destes desastres, enquanto agradeço a quantos lhes ofereceram ajuda, especialmente aos voluntários.

Resumo da catequese do Santo Padre:

Acabo de visitar Portugal, onde teve lugar a trigésima sétima Jornada Mundial da Juventude, a primeira depois da pandemia Covid-19. O Espírito Santo pôs de novo em movimento os corações e os passos dos jovens pelas sendas do Evangelho, e isto é fonte de esperança para a família humana inteira. Agradeço a Deus por isso, pensando especialmente na Igreja local que, em troca do grande esforço de organização e hospitalidade, recebeu novas energias para continuar o seu caminho, para lançar novamente as redes com paixão apostólica. Os jovens em Portugal são hoje uma presença vital e, depois desta «transusão» recebida dos jovens de todo o mundo, sê-lo-ão ainda mais, com grande vantagem para todo o corpo social. O mundo inteiro precisa de esperança, uma esperança sólida e confiável; e isto não vem de qualquer jovem, mas de jovens animados pelo Evangelho, de jovens que encontraram Cristo e O seguem. Porque é Jesus Cristo, e só Ele, que renova o mundo pela renovação do coração humano. A JMJ propôs aos jovens o modelo da Virgem Maria, que não Se fechou em Si mesma, mas, movida por Deus-Amor, «levantou-Se e partiu apressadamente» (Lc 1,39) – este foi o lema do evento lisboeta. Era uma jovem de classe humilde, mas Deus deu-Lhe a coragem de dizer «sim» à sua chamada e colocar-Se totalmente ao serviço do seu plano de salvação. Assim ainda hoje, no terceiro milénio, Maria guia a peregrinação dos jovens seguindo os passos de Jesus.

AUDIÊNCIA GERAL – Praça São Pedro

Quarta-feira, 9 agosto 2023

